



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Paulo Olivier Ramos Rodrigues

Reciclando na prática: transformações no trabalho com materiais recicláveis

Florianópolis/SC

Junho, 2020

Paulo Olivier Ramos Rodrigues

Reciclando na prática: transformações no trabalho com materiais recicláveis

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de mestre em Antropologia Social

Orientador: Prof. Rafael Victorino Devos, Dr.

Florianópolis/Santa Catarina - Brasil

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Olivier Ramos Rodrigues, Paulo

Reciclando na prática : transformações no trabalho com
materiais recicláveis / Paulo Olivier Ramos Rodrigues ;
orientadora, Rafael Victorino Devos, 2020.

138 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa
de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Antropologia Social. 2. Antropologia da Técnica. 3.
Resíduos Sólidos. 4. Reciclagem. 5. Precarização do Trabalho.
I. Devos, Rafael Victorino . II. Universidade Federal de
Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Antropologia
Social. III. Título.

Paulo Olivier Ramos Rodrigues

Reciclando na prática: transformações no trabalho com materiais recicláveis

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.(a) Jeremy Paul Jean Loup Deturche, Dr.

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - PPGAS/UFSC

Prof.(a) Eduardo Di Deus, Dr.

Educação Ambiental e Ecologia Humana do Departamento de Teoria e Fundamentos (TEF) da Faculdade de Educação (FE) - UNB

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em Antropologia Social obtido Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/UFSC).

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof. Rafael Victorino Devos, Dr.

Orientador

Florianópolis/SC, Brasil - 2020

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para a presente pesquisa. Em especial aos associados das ARESP - Associação de Recicladores Esperança e Sul Recicla, que de forma muita pacienciosa compartilharam suas trajetórias, conhecimentos e afetos com o pesquisador que aqui escreve.

Agradeço a amiga Fernanda Rosa, a Dra. Gabriela Albanás Couto e psicóloga Nara Lucia Larroyd Bitencourt que tanto me ajudaram a estabelecer meus primeiros contatos juntos as Associações de Reciclagem na cidade de Florianópolis, sem a ajuda destas nada do que aqui é apresentado poderia ter sido feito.

Também gostaria de agradecer a minha família e amigos que me apoiam em todos os momentos com suas palavras, gestos e exemplos. Nessa esteira também agradeço aos meus colegas de mestrado e professores que tanto me ajudaram durante a minha formação como antropólogo.

Deixo um salve a meu orientador Dr. Rafael Victorino Devos, que sempre me ajudou e ajuda nessa caminhada que vem a ser minha formação universitário. Suas palavras e conselhos foram o combustível da discussão que apresento nas páginas que seguem. Agradeço sua disposição paciência e compreensão.

Um salve a todas as pessoas que participaram dos encontros do Coletivo de Estudos em Ambientes, Percepções e Práticas - CANOA/UFSC, os quais geraram sempre boas discussões que ajudaram em grande medida os escritos desenvolvidos aqui.

Agradeço a Capes - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pelo apoio mediante a bolsa de estudos, que vieram a subsidiar o período de minha formação acadêmica.

Agradeço imensamente a todos!

Humanidade

Depois de conhecer a humanidade
suas perversidades
suas ambições
Eu fui envelhecendo
E perdendo
as ilusões
o que predomina é a
maldade
porque a bondade:
Ninguém pratica
Humanidade ambiciosa
E gananciosa
Que quer ficar rica!
Quando eu morrer...
Não quero renascer
é horrível, suportar a humanidade
Que tem aparência nobre
Que encobre
As pesimas qualidades

Notei que o ente humano
É perverso, é tirano
Egoísta interesseiros
Mas trata com cortêzia
Mas tudo é hipocrisia
São rudes, e trapaçeiros

(Carolina Maria de Jesus, em "Meu estranho diário". São Paulo: Xamã, 1996. (grafia original))

RESUMO

A presente pesquisa de cunho etnográfico aborda relações técnicas laborais exercidas em duas Associações de reciclagem de resíduos sólidos secos, localizadas na cidade de Florianópolis, SC - Brasil. Por vias das descrições das cadeias operatórias de ambos os lugares, passando-se pelas práticas de triagem, de prensa e as de venda e partilha, abordam-se os processos de desfeticização e objetificação feitos pelos associados via sua força de trabalho em relação aos materiais recicláveis. Nesse caminho, pensa-se as relações de trabalho que essas Associações estabelecem com outros segmentos da sociedade, pelas redes de comércio e reversibilidade nas quais fazem parte. Visa-se refletir sobre como exercem essas atividades mesmo em condições precarizadas.

Palavras-chave: Resíduos Sólidos. Materiais. Antropologia da Técnica. Precarização do trabalho.

ABSTRACT

This is an ethnographic research about technical labor relations exercised in two Waste Recycling Associations, located in the city of Florianópolis, SC - Brazil. Through the descriptions of the operating chains of both places, going through the practices of sorting, pressing, selling and sharing, the processes of defetichisation and objectification made by the associates are approached via their workforce in relation to the recyclable materials. In this context, the research reflects on working relationships that these Associations establish with other segments of society, through the trade and reversibility networks in which they are part. It aims to reflect on how they exercise these activities even in precarious conditions

Keywords: Solid waste. Materials. Anthropology of techniques. Precariousness work.

LISTA DE FIGURAS

Figura I – Fluxograma dos materiais - planta baixa 2° pavimento ARESP	56
Figura II – Fluxograma dos materiais - planta baixa 1° pavimento ARESP	64
Figura III – Prensa enfardadeira de materiais	66
Figura IV - Big Bags 500 litros	67
Figura V - Fardos de garrafas PET e PET Cristal	69
Figura VI – Fluxograma dos materiais - planta baixa Sul Recicla	95
Figura VII – Fluxograma da cadeia produtiva reversa envolvendo a ARESp (Aquino, 2007, p.87)	114

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –Categorias de plásticos triados e seus equivalentes materiais na esteira da ARESP	52
Tabela 2 – Preços dos materiais comuns - ARESP	72
Tabela 3 – Preços dos materiais nobres - ARESP	73
Tabela 4 – Preços dos materiais comuns - Sul Recicla	99
Tabela 5 – Preços dos materiais nobres - Sul Recicla	100

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACMR - Associação de Coletores de Materiais Recicláveis

ANCAT - Associação Nacional dos Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis

AMBEV - Companhia de Bebidas das Américas

ARESP - Associação Recicladores Esperança

CODECA - Companhia de Desenvolvimento de Caxias do Sul

COMCAP - Autarquia de Melhoramentos da Capital

ESCT - Estudos Sociais sobre Ciência e Tecnologia

ISLU - Índice de Sustentabilidade de Limpeza Urbana

LRQA - Lloyd's Register Quality Assurance

MNCR - Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis

PNRS - Política Nacional de Resíduos Sólidos

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

	Introdução	17
1.1	Tentativa de trabalho de campo frustrada - O labirinto burocrático	19
1.2	De volta a Ilha - um novo campo	23
1.2.1	ARESP e Sul Recicla - Os diferentes lugares que ocupei como pesquisador	25
1.3	Metodologia	29
1.4	Estruturação do trabalho - Os capítulos	32
2	Reciclando na prática: a cadeia operatória da Associação de Recicladores Esperança - ARESP	35
2.1	Um pouco de uma trajetória e suas memórias	35
2.2	O dia a dia na ARESP	44
2.2.1	As práticas da esteira	46
2.2.2	As práticas da prensa	61
2.2.3	As práticas de venda e partilha	71
3	Reciclando na prática: a cadeia operatória da Associação Sul Recicla	76
3.1	Um pouco de outra trajetória e suas memórias	76
3.2	O dia a dia na Sul Recicla	84
3.2.1	As práticas da mesa	85
3.2.2	As práticas da prensa	96
3.2.3	As práticas de venda e partilha	98
4	Lixos Ferais e a Logística Reversa - algumas reflexões	106
4.1	Logística reversa, atravessadores, Comcap e a ANCAT	106
4.2	A precarização do trabalho na pandemia do Covid-19	123
	Conclusão	127
		15

INTRODUÇÃO

Nos dias de hoje não há quem em algum momento do seu dia não tenha contato, seja produzindo, descartando ou coletando o que chamamos de lixo. O lixo atualmente é uma questão que está nas palavras e nos pensamentos de todas as pessoas, aparecendo de diferentes formas e ganhando distintas importâncias. Quem nunca se perguntou para onde vai o lixo que produzimos? Colocamos ele em uma sacolinha de plástico, devemos separar o reciclável do orgânico, e o despachamos para a lixeira. A coleta passa e o pega, o que é reciclável vai para um lugar específico passar por tal processo de triagem e reciclagem, o que não o é, vai para o aterro sanitário.

Assim a cidade se higieniza diariamente dos resíduos que seus habitantes produzem. O lixo para grande maioria da população de qualquer grande cidade deixa de existir e ser relevante assim que é colocado na lixeira. Tais questões são o que fizeram o interesse sobre tal temática crescer dentro do escopo de inquietações do pesquisador que aqui vos fala, e assim iniciou-se os esforços que resultam na presente pesquisa.

Segundo o dicionário Michaelis Online, o primeiro significado apresentado para a palavra lixo é “Resíduos provenientes de atividades domésticas, industriais, comerciais etc. que não prestam e são jogados fora;”¹. Tal definição apostou dizer, é a que ganha vida dentro do imaginário das pessoas quando estas param para pensar sobre os resíduos que produzem em seu cotidiano. Porém algo que a presente pesquisa veio a evidenciar, é que o que vem a ser encarado como lixo, como resíduos que “não prestam e são jogados fora” por alguns, são a fonte de renda para outros.

Ancoro minha discussão dentro do campo de conhecimento da Antropologia. A temática dos resíduos sólidos vem sendo debatida em muitas correntes do pensamento que concerne os debates nessa área do conhecimento. Abordagens preocupadas com a questão simbólica, interpretação crítica do estilo de vida

¹ Definição da palavra ‘lixo’ segundo o dicionário Michaelis: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/lixo/>

consumista, bem como o viés da ecologia política são as principais forma de se tratar o assunto (Ver 'O Poder do Lixo' organizado por Rial, 2016); no entanto, pesquisas que versem sobre as questões técnicas referentes ao trabalho com tais resíduos, de como esses são tratados, manejados e destinados, ainda são poucos nas Ciências Humanas. Podemos ver a questão técnica sendo abordada de forma parcial em alguns trabalhos que versam sobre catadores de materiais recicláveis, com o qual a pesquisa aqui dialoga: Couto (2012), Da Silva (2015), Carengo, (2011 e 2014). Porém, o que o presente trabalho tenta levar a frente, é pensar tais questões a partir de um escopo da Antropologia da Técnica, onde o teor técnico das práticas exercidas pelos catadores ao trabalharem com os resíduos sólidos secos é o que ganha primazia no fazer e olhar etnográfico do pesquisador.

Florianópolis, SC, Brasil, local onde a pesquisa foi realizada, possui grandes pretensões perante as questões de reciclagem e produção de lixo. Em 2019, a cidade firmou o compromisso social e ambiental de ser a primeira capital 'Lixo Zero'² do Brasil, intentando desviar do aterro sanitário 90% dos resíduos orgânicos e em 60% os resíduos recicláveis secos³. Vale frisar que Florianópolis é a capital brasileira em que mais se desvia resíduos do processo de aterramento, desviando no ano de 2019, 7,15% do total de resíduos coletado. A presente pesquisa versa acerca das práticas e técnicas de trabalho em duas Associações de Reciclagem na cidade de Florianópolis, SC - Brasil, que contribuem de forma ativa em tal meta. Uma delas localiza-se na região continental da cidade no bairro do Monte Cristo, na comunidade Chico Mendes, chamada Associação de Recicladores Esperança - ARESP; e outra na região do Sul da ilha de Florianópolis, chamada Sul Recicla. Tal trabalho de campo foi feito durante o período dos meses de setembro, outubro e novembro no ano de 2019. Porém antes de adentrarmos na breve explanação

² Por 'Lixo Zero' deve-se entender: "Lixo zero é uma meta que é ética, econômica, eficiente e visionária para orientar pessoas a mudar seus estilos de vida e práticas para emular ciclos naturais sustentáveis, onde cada material descartado seja projetado para tornar-se recurso para outros usos. Lixo Zero significa desenhar e gerir produtos e processos para sistematicamente evitar e eliminar o volume e toxicidade de lixo e materiais, conservar e recuperar todos recursos naturais, e não os incinerar ou aterrar." (<https://www.udesc.br/sustentavel/residuos/conceito> - último acesso: 29/03/2020)

³ Sobre as metas 'Lixo Zero' firmadas pela cidade de Florianópolis, SC - Brasil: <http://www.pmf.sc.gov.br/mobile/index.php?pagina=notpagina¬i=20733> (último acesso: 29/03/2020)

introdutória acerca dos capítulos que constituem a presente dissertação de mestrado, devo relatar os tortuosos caminhos que me levaram até as Associações com quem estabeleci contato ao fazer a pesquisa apresentada.

1.1 Tentativa de trabalho de campo frustrada - O labirinto burocrático

Quando defendemos um projeto de pesquisa, que tem como intuito metodológico a etnografia como caminho, sabemos que a experiência do trabalho de campo é crucial para o desenvolvimento dos dados que serão abordados posteriormente durante a montagem do texto etnográfico, e da discussão que este suscita. Gostaria de falar aqui, sobre a minha primeira proposta de pesquisa, que infelizmente ou felizmente, não conseguiu deixar de existir apenas no papel e em minha imaginação.

Tinha como intenção de pesquisa em um primeiro momento pensar questões referentes ao caso dos resíduos sólidos, bem como sua destinação na cidade de Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul, Brasil. Em tal região a empresa que vem a tomar conta da coleta, transbordo e tratamento de tais materiais se chama CODECA. Fundada em 1975, esta é uma empresa pública de limpeza urbana, que conquistou no ano 2012 a certificação ISO 9001⁴, vindo a ser a primeira empresa de tal segmento a obtê-la. A cidade de Caxias do Sul, vem a ocupar o 1º lugar no estado do Rio Grande do Sul no que diz respeito à limpeza urbana, e o 5º lugar em escala nacional segundo a publicação do Índice de Sustentabilidade de Limpeza Urbana (ISLU) em 2016.

Vim a crescer em tal cidade, e sempre tive em meu ideário que Caxias do Sul era um modelo no que dizia respeito à limpeza urbana. Tais lembranças, muito provavelmente incutidas pelo enaltecimento da tais serviços pelo poder público da

⁴ A certificação Iso 9001/2008 foi concedida a Codeca pela Lloyd's Register Quality Assurance (LRQA), para maiores informações sobre tal instituição: <http://www.lrqqa.com.br/Quem-Somos/>; para maiores informações acerca da certificação e suas adequações feitas do ano 2008 para 2015: <http://www.lrqqa.com.br/Revisao-de-normas-ISO/ISO-9001-2015/> (último acesso: 03/02/2020)

cidade, vieram a culminar na curiosidade de os conhecer mais de perto. Ao pesquisar sobre a situação de tais serviços, tive a feliz surpresa em ver que eles continuavam a ser motivo de orgulho para cidade, o que me pareceu o bastante para idealizar minha pesquisa em cima do hipotético trabalho de campo junto Companhia de Desenvolvimento de Caxias do Sul (CODECA).

Qualifiquei meu projeto de pesquisa em março de 2019 e no mês de abril já me encontrava na cidade de Caxias do Sul, RS, tentando fazer meus primeiros contatos com a CODECA e a Secretaria do Meio Ambiente de Caxias (SEMMA) para assim obter a licença para aplicar a minha pesquisa de campo na respectiva instituição. Logo em minha primeira semana na cidade, mandei cópias do meu projeto para o setor administrativo de ambos os lugares, bem como estabeleci contato com algumas pessoas da CODECA, com quem pude entabular algumas conversas e explicações acerca da minha pesquisa. As coisas pareciam andar bem, e após esses primeiros contatos, me coloquei a aguardar o posicionamento da CODECA acerca das possibilidades de aplicação da minha pesquisa junto aos seus trabalhadores.

Uma semana se passou, duas, e quando vi já estava a esperar um mês uma resposta de meus possíveis interlocutores. Já estava cansado de aguardar, e fiz novamente uma nova tentativa de contato que mais uma vez foi acolhida de bom grado pelos engenheiros e técnicos ambientais e sanitaristas com quem pude falar na CODECA. Novamente o pedido deles foi para eu aguardar que em breve eles me dariam um posicionamento. Porém novamente não obtive nenhuma resposta. Daí em diante comecei a tentar falar semanalmente com algumas pessoas que trabalhavam e deviam avaliar a possibilidade de eu realizar a minha pesquisa junto a CODECA.

Acabei por me enredar em uma rede de contatos, onde ligava para uma pessoa, que me aconselhava a ligar para outra, que por sinal, acabava por me indicar conversar com a mesma pessoa que me mandava até ela. Nesse momento aprendi algo sobre trabalhos de campo; se por qualquer motivo o grupo com o qual o pesquisador deseja trabalhar, não o desejar por perto ou não ver vantagem alguma

em sua presença junto a eles, estes não necessariamente te expulsam de perto deles, mas por meio de estratégias sutis podem construir um verdadeiro labirinto que o distanciará, e fará o pesquisador se perder do que almejava como lugar para seu trabalho de campo e pesquisa.

Nesse primeiro caso que aqui apresento, foi o que veio a acontecer comigo. Por cair em um labirinto burocrático criado pela CODECA, entre ligações e e-mails, mal sabia mais com quem realmente eu deveria falar. Assim o segundo mês em Caxias do Sul passava e eu continuava no que toca a pesquisa que desejava realizar, estagnado no mesmo lugar de quando cheguei. Decidi assim me dar mais quinze dias, e fazer os últimos esforços para realizar o que queria. Esperei até 15 de junho, se nenhum avanço acontecesse, começaria a arquitetar uma nova saída para minha pesquisa.

Após esse tempo, no dia 10 de junho uma engenheira ambiental que trabalhava junto a CODECA me ligou para uma reunião para discutirmos o meu projeto na tarde desse mesmo dia. Pensei que enfim os entraves que se apresentavam a mim, seriam removidos e minha pesquisa começaria a ganhar forma. Fiz a reunião junto com ela e mais um engenheiro sanitário, ela vinha a cuidar da parte da aterragem dos resíduos e ele tinha a seus cuidados a coleta seletiva. Expliquei quais eram minhas intenções de pesquisa para ambos, que seguravam meu projeto impresso na mão, que arrisco me dizer, nunca o tinham aberto.

Após acabar minha apresentação e responder algumas breves perguntas feitas pelos engenheiros que tentavam entender o que eu gostaria de pesquisar ali, estes, conversaram e de forma franca me comunicaram o que eles julgavam que eu poderia fazer junto a eles. Me falaram que poderiam me ajudar compartilhando algumas palestras que esses deram acerca de alguns assuntos da produtividade da CODECA nos últimos anos, bem como, poderiam agendar um par de entrevistas com alguns trabalhadores da CODECA, das áreas da coleta, transbordo e tratamento.

Ambos engenheiros que falaram comigo foram muito educados e gentis, não há como negar, porém a forma com que estes entenderam minha proposta de pesquisa não me foi agradável. Propunha com minha pesquisa fazer um trabalho de campo, que necessitava longos períodos para se dialogar e observar as práticas laborais que eram exercidas na cadeia operatória do manejo dos resíduos sólidos. Creio que para os engenheiros que vieram a avaliar o que pretendia pesquisar, meus esforços não eram julgados de forma muito promissora, - o que é que um antropólogo pode dizer de útil sobre o manejo de uma instituição acerca da coleta, transbordo e tratamento dos resíduos sólidos? -, e assim um trabalho de campo que tinha como intenção ter a duração de três à quatro meses, poderia ser resolvido em uma semana, iriam compartilhar os documentos com os dados das palestras via e-mail e marcariam as entrevistas para um ou dois dias de uma semana, e pronto, assim o pesquisador poderia seguir seu caminho e parar de amolar os outros.

Terminamos o encontro e fiquei de entrar em contato com eles na semana seguinte para me posicionar acerca da reunião e das possibilidades apresentadas no que dizia respeito a aplicabilidade da minha pesquisa. Depois de muito refletir, percebi que o que me era proposto, não condizia com o que almejava e tinha como intenção fazer. Abrir mão do que pretendia como trabalho de campo, da experiência com as pessoas, das conversas e ensinamentos que buscava com elas, das imponderáveis da vida real, como dizia Malinowski (1998), que nos surpreendem em campo e nos revelam acontecimentos, coisas e relações, não estavam para negociatas, não queria escrever minha dissertação em cima de dados estatísticos e artigos científicos, queria sim o diálogo com esses importantes dados, mas não que esses fossem a pedra basilar de minha pesquisa.

Assim entrei em contato com a CODECA falando da impossibilidade de fazer meu trabalho junto a eles, pois tinha uma proposta e intenção diferente com minha pesquisa, que não vinha a caber dentro do que a CODECA podia me oferecer. Os engenheiros que vieram a conversar comigo, apontaram nesse dia para a possibilidade de minha pesquisa ser não com a Empresa, mas com os galpões de reciclagem que trabalhavam em parceria com ela. Minha resposta foi “não”, o que

tinha para fazer em Caxias do Sul era algo que vinha a ser planejado há tempos, não havia possibilidades lá de algo diferente para mim. Fiz minha mala arrumei minhas roupas, livros, anotações e frustrações e voltei para Florianópolis. Porém voltava para a cidade em que morava e estudava, com a intenção de ir conversar com as pessoas que trabalhavam nos galpões de reciclagem dessa cidade. Era necessário adentrar a questão dos resíduos sólidos por outra entrada, por mais teimoso que tivesse sido em insistir em minha primeira proposta de pesquisa, tinha a humildade de entender que pesquisar empresas não é algo simples e de fácil acesso. É necessário ter uma moeda de permuta que atenda os interesses de alguma forma da instituição para se fazer um trabalho junto a ela. Eu não o tinha no momento em que cheguei a campo, minha futura dissertação de mestrado no campo da antropologia não despertava o interesse da CODECA. Eis o grande aprendizado de pesquisa que ganhei com essa frustração etnográfica.

1.2 De volta a Ilha - um novo campo

Voltei para Florianópolis a elaborar o luto por essa minha primeira tentativa de inserção em campo frustrada. Em uma noite nos meados de julho, estava a me lamuriar sobre o ocorrido junto a um grupo de amigos; Fernanda Rosa, mestranda pela UFSC em serviço social, ao me escutar me passou o contato da Dra. Gabriela Couto, que na época estava a fazer junto a ACMR - Associação de Coletores de Materiais Recicláveis, sua pesquisa de doutorado no campo da pedagogia.

Mandei uma mensagem para Dra. Gabriela Couto falando acerca de minhas intenções de pesquisar as associações de reciclagem na cidade de Florianópolis. Felizmente, na mesma semana em que entrei em contato com ela, pude já conversar e explicar a minha situação e intenções de pesquisa para ela. Gabriela de muito bom grado me falou sobre seus trabalhos juntos aos catadores de recicláveis, dando-me ideias acerca de minha pesquisa e me passando o contato da psicóloga Nara Lucia Larroyd Bitencourt da Comcap que trabalhava junto a essas associações.

A Comcap (Autarquia de Melhoramento da Capital), é a personalidade jurídica que desde 2017 vem a cuidar dos serviços de coleta e limpeza urbana na cidade de Florianópolis. A Comcap cuida de todos os serviços que tocam diretamente a coleta dos resíduos sólidos, sendo os serviços de manejo e transporte dos resíduos do Centro de Valorização de Resíduos (CVR), localizado no bairro do Itacorubi, terceirizados com a empresa de prestação de serviços ambientais Veolia⁵, que cuida da aterragem dos resíduos. A Comcap tem como política própria estabelecer parcerias com os galpões de reciclagem de resíduos sólidos secos em Florianópolis. As associações que possuem convênio com a Comcap recebem o material proveniente da coleta seletiva da cidade, entregue pela Comcap em suas sedes físicas.

Estabeleci contato com Nara e ela demonstrou interesse em minha pesquisa. Marcamos um encontro onde eu viria a explicar quais eram minhas intenções de trabalho, e com agradável surpresa, após ter explicado o que tinha como intenção com a pesquisa, Nara me propôs acompanhá-la no mesmo dia, em uma visita à Associação de Recicladores Esperança - ARESP. Fomos e lá tive meu primeiro contato com o lugar e as pessoas que fazia parte de meu campo. Na semana seguinte, pude acompanhar Nara em mais duas outras associações de reciclagem. Uma no bairro da Serrinha chamada Recicla Floripa e a outra onde também viria a fazer meu trabalho de campo, a Sul Recicla. Nessa mesma semana fui conhecer junto da Dra. Gabriela Couto, a ACMR, maior associação de reciclagem de Florianópolis, sejam em número de associados ou em produção quantitativa de materiais triados.

Conhecendo esses lugares, e vendo uma provável abertura neles para a pesquisa que gostaria de realizar, era a hora de decidir em quais lugares tentaria fazer meu trabalho de campo. Tinha interesses sobre a rede técnica existente nas práticas de trabalho desses associados, e em razão dessas questões, acabei por escolher a ARESP em razão de essa associação ter uma linha de produção já

⁵ Para maiores informações sobre a empresa: <https://www.veolia.com.br/centro-de-gerenciamento-de-residuos-bigacu-sc/>

mecanizada, contando com esteiras de triagem e prensas enfardadeiras; e a Sul Recicla por ser uma associação de reciclagem nova, a única que existe na região sul da ilha florianopolitana, que era composta majoritariamente por haitianos durante meu trabalho de campo, e que possui uma linha de produção que utilizava mesas para triagem do material e prensas enfardadeiras. A motivação central de tais escolhas foram as diferenças técnicas que existiam entre uma e outra ao exercerem o mesmo trabalho. Logo assim, comuniquei a psicóloga da Comcap, Nara, bem como a Dra. Gabriela Couto, sobre minhas escolhas, e assim iniciei meu trabalho de campo junto às associações ARESP e Sul Recicla.

Em razão de ter exercido meu trabalho de campo em dois locais, acabei por ocupar diferentes lugares em cada associação em que pesquisei. Gostaria de apresentar aqui os diferentes espaços que ocupei como pesquisador na ARESP e na Sul Recicla.

1.2.1 ARESP e Sul Recicla - Os diferentes lugares que ocupei como pesquisador

Realizei meu trabalho de campo em duas associações na cidade de Florianópolis, de forma não remunerada e colaborativa. Diferentes situações, pessoas e dilemas acabaram por se apresentar a mim nesse processo. Em consequência dessas diferenças, não há segredo, que como pesquisador, acabei por ocupar distintos lugares na ARESP e Sul Recicla.

No trabalho de campo que realizei junto a ARESP, tive a possibilidade me relacionar com um grupo de associados já bem consolidado, que se conhece e já trabalha junto, na sua grande maioria, há anos. A linha de produção da ARESP já está bem estruturada e possui um funcionamento padrão conhecido por todos os membros. Ao iniciar meu trabalho de campo com essas pessoas, eu era visto como *“mais um pesquisador da Universidade que tá aí para encher a paciência”*. Eles estavam corretos, de fato estava lá, eu como pesquisador, fazendo perguntas óbvias

para eles, mas que para mim vinham a desvelar um novo leque de relações que até então me passavam despercebidas.

Não podia e tão pouco me sentia bem em ficar apenas observando os associados a trabalhar, caçando um momento de pausa destes para perguntar o que desejava. Na segunda semana do trabalho de campo, chegava já a ARESP com minhas luvas, e pedia a Dona Eni, presidenta da Associação, se poderia trabalhar com eles na esteira de triagem, ajudando a coletar alguns tipos de materiais. Dona Eni aceitou e no mesmo dia comecei a trabalhar na esteira. Como já dito, tenho como interesse na presente pesquisa as técnicas envolvidas no processo da reciclagem, no que tangencia as Associações de Reciclagem de resíduos sólidos secos, não há maneira mais auspiciosa de entender-se como uma prática é feita se não tentando executar ela própria. Logo assim, foi partindo da ação nas práticas exercidas pelos associados em campo, na qual me punha de forma ativa, que vim a me relacionar com o campo de pesquisa.

Após o primeiro mês, os associados começavam a achar engraçada minhas constantes idas para ARESP, me comentavam que geralmente as *peessoas da UFSC* que lá apareciam, vinham poucas vezes, os enchiam de perguntas e desapareciam. Eu, optava por não fazer tantas perguntas, conversar acerca de coisas cotidianas com eles, e entre um comentário acerca de futebol ou telenovela, muitas respostas ao que tinha como perguntas da minha pesquisa acabavam por emergir por vias de comentários e ensinamentos, tanto no que toca às práticas técnicas de trabalho deles, como visões de como esses compreendiam seu trabalho dentro da sociedade.

No meu segundo mês de trabalho junto a ARESP, já estava a exercer as práticas tanto na esteira de triagem, como com aos preenseiros nas práticas de enfardamento do material. Enfim, o clima de estranhamento com minha presença tinha passado, e uma cordial relação, com alguns associados mais séria, com outros mais jocosa, era a tônica do respectivo trabalho de campo. No final desse segundo mês, outubro, a psicóloga da Comcap, Nara, por iniciativa própria conseguiu através de um vereador da cidade de Florianópolis, a doação de uma bicicleta para se fazer uma rifa, e com o valor arrecadado nela, comprar a fiação elétrica e pagar a

instalação desta na ARESP. Tal necessidade decorre de um incêndio pelo qual a Associação passou, onde a rede elétrica ficou extremamente comprometida, acarretando problemas com a iluminação e ventilação do galpão de reciclagem.

Pude ajudar Nara com a rifa, fazendo os canhotos desta, e vendendo alguns talões dela. Os associados também venderam alguns números, bem como Nara e alguns conhecidos seus. A rifa foi um sucesso, no final de meu trabalho de campo junto a ARESP, tínhamos computado os rendimentos que se obteve com a rifa, e o montante era o suficiente para a compra e instalação da nova rede elétrica na ARESP. Penso esse evento hoje em dia, como algo fundamental para o lugar que ocupei em campo na respectiva Associação. Foi a partir dessa rifa e de sua venda, em que deixei de ser o pesquisador alienígena para me tornar um aliado da Associação de Recicladores Esperança.

Muitos foram os fatores que me colocaram nesse lugar na ARESP, desde o grupo ser bem consolidado e a associação já ter uma forma bem estruturada de operar, como o acontecimento da rifa, vieram a culminar em algumas relações de amizades por lá. Sentia que os associados haviam me colocado em um lugar entre o que é o pesquisador e um associado, ao mesmo tempo em que me chamavam para ajudar a empurrar um fardo, ou para ajudar na esteira, me questionavam como andava minha pesquisa, perguntavam o que eu achava de algumas questões da política interna da Associação e como poderiam melhorá-las. Creio que vinha a ser em razão desse local que ocupava, ótimo para minha pesquisa por sinal, que vinha a fazer eu gostar tanto de minhas manhãs, tardes ou dias entre os associados, ajudando-os de forma meio atrapalhada.

Já no caso da Sul Recicla, as coisas foram um pouco diferentes. Essa Associação era nova, tendo apenas um ano de existência. Diferentemente da ARESP, a Sul Recicla não possuía um grupo de associados consolidado, tendo um grande fluxo de pessoas que trabalhavam por pouco tempo no local. A linha de produção da respectiva Associação ainda estava em uma fase de elaboração e ajustes, ocorrendo mudanças tanto na parte técnica no que vinha a relacionar-se a disposição das mesas de triagem, o número de associados que trabalhavam nelas, e

os modos de partilha do montante financeiro adquirido mediante ao trabalho realizado nela.

Não só essas questões se apresentavam em meu trabalho de campo na Sul Recicla, mas também em razão de essa Associação ser composta por haitianos e por brasileiros. No que tange este primeiro grupo de associados, enfrentava uma barreira linguística ao me relacionar com eles. Os haitianos que vinham a trabalhar na reciclagem, em sua grande maioria não falavam ainda o português, em razão de estes terem chegado há pouco tempo em solos brasileiros. Eu tão pouco tinha o domínio do crioulo, língua falada por eles. A minha comunicação com eles era sempre mediada pela fiscal Kati, uma haitiana que tinha como sua principal função na Sul Recicla a tradução entre brasileiros e haitianos. De maneira que, dependia do tempo hábil e da boa vontade de Kati para conversar com os outros haitianos. Por fim Kati acabou sendo uma das minhas principais interlocutoras em meu trabalho de campo na Associação.

Em meu trabalho de campo na Sul Recicla, acabei ocupando um lugar que me causava estranhamento. Conversava bastante com Dona Eliane, a idealizadora e presidente da Associação, a qual tentava ajudar como podia, seja aplicando um cadastro entre os associados ou ajudando-os na pesagem dos fardos produzidos. Nessa Associação, não conseguir participar de forma tão ativa das mesas de triagem, em razão de estas estarem na grande maioria das vezes cheias de associados. Os vínculos mais fortes que consegui estabelecer na Sul Recicla, foram com as pessoas que perduraram na Associação, ou seja, um que outro associado que trabalhavam na mesa e os fiscais de mesa (apresento no capítulo III sobre a Sul Recicla quais eram as incumbências desses associados no dia a dia da Associação).

Particpei de forma ativa nas práticas de pesagem e pequenas burocracias que se apresentavam na associação. Via que em alguma medida o que me causava estranhamento, foi que, dentro da Sul Recicla, por desempenhar tais atividades em conjunto com eles, e por não ter conseguido me colocar de forma tão ativa nas mesas de triagem, desempenhava um papel mais próximos de um fiscal de mesa.

Esses diferentes lugares em que tive a possibilidade estar, dentro das Associações resultam tanto das especificidades técnicas, materiais, históricas, humanas e sociais tidas em cada local, bem como, da forma ativa em que consegui me envolver em cada contexto. Por tentar descrever as práticas de trabalho que existiam dentro de cada Associação, ao me engajar de forma participativa para elaborar minha observação, fui guiado pelas demandas e oportunidades apresentadas a mim por meus interlocutores, que se desenrolaram nas experiências etnográficas que se encontram no decorrer da presente dissertação.

1.3 Método

Ao ir a campo encontrei como força motriz para o trabalho questões referentes às discussões feitas no campo da Antropologia da Técnica, Tecnologia e Ciência. Monteiro (2012), faz interessantes apontamento sobre os Estudos Sociais de Ciências e Tecnologia, os ESCT. O autor ao discutir tais questões se contrapõe aos críticos de tais fazeres etnográficos que pensariam estes trabalhos como meras crônicas empiristas de um fazer científico. Pensar os trabalhos assim seria abrir mão do que eles possuem de mais interessante e potente, ou seja, a ser o caráter processual das práticas que constituem o fazer científico, sua contextualidade, seu caráter indexical e sua materialidade negociada entre os diversos atores humanos e não humanos (Monteiro, 2012, p.140).

Segundo Monteiro (2012) uma abordagem etnográfica ofereceria duas opções analíticas para os determinados campos dos estudos nos contextos de ESCT. Eles seriam:

A primeira possibilita a análise, de forma integrada, de variáveis e elementos geralmente pensados de forma separada, como o social, o econômico, o tecnológico, o simbólico etc. A segunda permite um quadro interpretativo que apreende os fenômenos como processos em fluxo, focando relações e não elementos em separado. Sugerimos aqui dois elementos: a) um pensamento que não despe fenômenos sociais de sua complexidade, composta de uma diversidade de variáveis que atuam em conjunto; e b) uma abordagem focada não em “sujeitos”, “objetos” e “artefatos” ontologicamente distintos, mas em processos e relações centrais na abordagem de contextos e de fenômenos relacionados com tecnociência. (MONTEIRO, 2012, p. 145)

Penso que uma das questões que tentei levar em consideração no trabalho de campo que fiz, foi o que o autor indica em seu segundo apontamento. Pensar os fenômenos em fluxo, as relações que os constituem e não os elementos de forma fragmentária elucidando questões que em outra perspectiva não apareceriam, surgindo assim diferentes interfaces que estão em relação entre os fenômenos sociais, para o autor no que se conecta a tecnociência, aqui mais especificamente nas práticas de reciclagem dos resíduos sólidos secos recicláveis.

Ao marcar essa perspectiva como força motriz do fazer etnográfico que aqui será discutido, neste capítulo como no próximo, foi utilizada como ferramenta metodológica para a descrição e observação de tais práticas, o conceito de cadeia operatória. De forma simples e direta Lemonnier (2004) aponta sobre o conceito:

A reconstrução da cadeia operatória é nada menos que uma maneira muito simples de caracterizar os elementos e etapas de uma transformação material controlada por um agente (humanos e não-humanos). (LEMONNIER 2004. p. 178-179)

Com isso o autor está a apontar a descrição das mudanças materiais, mas sem perder de vista o caráter social contido em determinados fatos técnicos, dado que o respectivo artigo versa sobre a construção de certo objeto em diálogo prescritivo com alguns mitos do grupo étnico da Papua Nova Guiné chamado Ankave- Anga. Coupaye (2018) ao discutir o mesmo conceito propõe pensar ele como um “transecto no ecossistema”, alargando assim o alcance metodológico e teórico de tal ferramenta no seu caráter sistêmico. Assim, a cadeia operatória ganha uma relevância relacional com as diferentes esferas, humanas e não-humanas que a compõem, apontando também para o caráter situacional e passível de mudanças contido nela.

Como Coupaye (2018) aponta:

Lembre-mos que a cadeia operatória não pode nem deve, certamente, revelar tudo por si mesma quando se trata da compreensão das relações que os seres humanos mantêm com não humanos, artefatos, plantas ou animais. Mas ela faz parte das ferramentas metodológicas que podem materializar e visibilizar não somente o caráter social, mas também os fundamentos imaginários dos processos. (COUPAYE, 2018, p. 490)

Como apresentado acima, a cadeia operatória não visa exaurir por vias de sua descrição um determinado fenômeno técnico social. Ao salientar o caráter relacional presente em um fato técnico, e os diferentes agentes e situações presentes em determinada prática, podemos ampliar a reflexão feita sobre as materialidades e processos envolvidos em uma determinada cadeia operatória. No caso que aqui se apresentará, as cadeias operatórias nas diferentes Associações de Reciclagem são descritas a partir dessa chave metodológica conceitual. Ao pensar-se tal contexto pela chave de leitura apontada por Coupaye de “transecto no ecossistema”, vemos uma boa maneira de se abordar as relações constituintes das práticas de reciclagem com que pude me deparar.

Feita essas considerações acerca da ferramenta metodológica da cadeia operatória, gostaria de marcar minhas escolhas para o uso desta. Acabei por não preconizar o estágio inicial dela, que seriam os gestos exercidos pelos trabalhadores durante as diferentes práticas aqui contempladas. A cadeia operatória que descrevo tem como objetivo a descrição dos estágios intermediários da mesma e em alguma medida seus desdobramentos. Tal escolha se desenhou por meu interesse nos modos de funcionamento e organização do trabalho feito nas associações, dando-se assim mais relevância a tais aspectos em detrimento de outros, que mesmo não sendo descritos compõem em sua forma mais elementar essa pesquisa.

Logo, como prerrogativa para pensar a cadeia operatória, que me propus a estudar e a ideia de “participação observante” cunhada por Wacquant (2002), em minha forma de me engajar no campo, partindo da participação nas práticas técnicas que se apresentaram a mim, para minhas observações e notas de campo. A aposta na inversão dos clássicos termos “observação participante” de Malinowski (1998) para “participação observante”, foi ao meu ver uma boa opção metodológica para a pesquisa, em razão de como Sautchuk (2007, p.22) aponta, “Ora, frente ao desafio de compreender as interações técnicas da pesca, pareceu-me mais relevante justamente a relação contrária de prioridades, orientando os demais registros a partir da prática.”. Dado os diferentes contextos etnográficos das pesquisas, mais o mútuo interesse tanto do autor citado acima, como meu, pelas interações técnicas de cada

contexto, tomei também como prioridade a participação diante da observação nos registros de campo que resultam na pesquisa que segue.

1.4 Estruturação do trabalho - Os capítulos

O trabalho que segue é estruturado por uma Introdução; O capítulo 2. Reciclando na prática: a cadeia operatória da Associação de Recicladores Esperança - ARESP; 3. Reciclando na prática: a cadeia operatória da Associação Sul Recicla; 4. Lixos Ferais e a Logística Reversa - algumas reflexões; e a Conclusão.

No capítulo 2. Reciclando na prática: a cadeia operatória da Associação de Recicladores Esperança - ARESP, venho a abordar as questões suscitadas neste meu trabalho de campo, onde apresento um pouco da trajetória da ARESP, por vias de uma entrevista aberta feita com a associada Cida. Feito isso, sigo o capítulo abordando a cadeia operatória desenvolvida pelos trabalhos dos associados, passando pela chegada dos materiais na Associação como lixo, onde pelas práticas desenvolvidas na esteira, triagem e separação desses objetos, um processo de destetichização e objetificação ocorre pelo trabalho dessas pessoas, mudando os regimes sociais de valor nos quais esses objetos estavam inseridos. O que antes era lixo sem valor, acaba por virar material que possui valor de troca em um respectivo mercado. Porém antes de esse material vir a ser comercializado, ele precisa passar pelo processo de enfardamento, práticas essa que descrevo ao discutir as técnicas de prensagem. Ao final do capítulo discuto as práticas de venda dos fardos e de partilha do montante financeiro adquirido com a venda destas mercadorias que são produzidas pela Associação.

No capítulo 3. Reciclando na prática: a cadeia operatória da Associação Sul Recicla, conto sobre minha experiência de campo, apresentando um pouco da sua trajetória, por vias da entrevista aberta feita com a presidenta e idealizadora da Associação Dona Eliane. Como no capítulo anterior, trouxe ao foco a cadeia operatória e as peculiaridades desta, como por exemplo, a presença dos haitianos

como associados. Passo pelas práticas da mesa, onde os associados triavam e separavam o material. Aqui, retomo a discussão sobre fetichização e objetificação feita no capítulo anterior (Cap. 2), trazendo as diferenças técnicas e práticas tidas nos trabalhos dos Associados condicionadas pelo uso das mesas como instrumento de trabalho. As práticas de prensagem que resultam nos fardos, chegando as práticas de venda e partilha das mercadorias produzidas pela Sul Recicla. Apresento aqui alguns processos de mudanças no que toca a partilha feita entre os Associados, são importantes acontecimentos etnográficos em meu trabalho de campo.

No capítulo 4. Lixos Ferais e a Logística Reversa - algumas reflexões, apresento os desdobramentos que o trabalho realizado por essas pessoas tem, tanto em uma cadeia mercadológica dos reciclados, como em uma cadeia de logística reversa de materiais. Reflito sobre como as mercadorias produzidas por essas Associações, os fardos, são traduzidas (Tsing, 2015) entre lugares de diferença na cadeia mercadológica dos reciclados pelos atravessadores, que vem conseqüentemente a vender os fardos para o setor industrial, visando assim os lucros nesses processos de tradução e atravessamento. Também escrevo sobre as questões referentes ao projeto de logística reversa realizado pela ANCAT - Associação Nacional dos Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis, chamado “Reciclar pelo Brasil”, que tem como seus maiores patrocinadores a Ambev e Coca-Cola, o qual ambas Associações faziam parte. Intento refletir sobre o processo de tradução feito pela ANCAT entre os extremos dessa cadeia de logística reversa, entre as Associações e as multinacionais Ambev e Coca-cola. Viso refletir também sobre as relações estabelecidas entre as Associações e a Comcap.

Objetivando pensar as relações de precarização em que esses trabalhadores, os associados, se encontram, precarização essa, produzida pela alienação de diferentes funções sociais que o trabalho destas pessoas desempenha. Ao evidenciar estes trabalhos ao pensar a difícil situação na qual se encontram essas pessoas durante a pandemia do Covid-19. Por não possuírem seus direitos trabalhistas ou reconhecimentos sociais pela importante função ambiental que

exercem, mesmo essas pessoas trabalhando para diferentes setores, como o setor público ao desviarem resíduos do aterro, para a Ambev e Coca-Cola ao gerarem as estatísticas que essas precisam para bater as metas de reciclagem impostas pela poder Estatal via PNRS 12.305/2010 e para o setor industrial de reciclagem gerando a matéria prima que estes utilizam, nenhum deles vem a se comprometer com tais trabalhadores. Estes, visando o menor gasto possível, que ao fim e ao cabo, acaba virando lucro, acham formas de não ter de se comprometer com tal segmento de trabalho, culminando na situação precarizada destes trabalhadores.

2 Reciclando na prática: a cadeia operatória da Associação de Recicladores Esperança - ARESP

Neste capítulo o que virá a se desenvolver é a descrição e seus desdobramentos e do contato durante meu trabalho de campo, na Associação de Recicladores Esperança - ARESP, localizada no bairro Monte Cristo, região continental da cidade Florianópolis⁶, SC - Brasil. O trabalho de observação etnográfico, foi desenvolvido durante os meses de setembro, outubro e novembro de 2019. Minhas idas à Associação eram feitas de duas a três vezes por semana em razão de as intercalar com o trabalho que desenvolvia em outra Associação, chamada Sul Recicla localizada na mesma cidade porém está já na região ilhéu que será abordado mais à frente neste trabalho. Antes de entrarmos no que diz respeito a experiência etnográfica aqui discutida gostaria de fazer algumas observações sobre a trajetória da ARESP.

2.1 Um pouco de uma trajetória e suas memórias

Uma cadeia operatória extrapola os meros fins técnicos que com ela desejam ser alcançados. A eficiência técnica não é a única coisa que está em jogo, mas diferentes fatores das mais distintas espécies estão sendo postos em movimentos em uma prática laboral eficaz. Mauss (1974, p. 407) estuda que a técnica seria um ato *tradicional e eficaz*, “Não há técnica e não há transmissão se não houver

⁶ Florianópolis é a capital do estado brasileiro de Santa Catarina, na região Sul do país. O município é composto pela ilha principal, a ilha de Santa Catarina, a parte continental e algumas pequenas ilhas circundantes. A cidade tem uma população de 500 973 habitantes, de acordo com estimativas para 2019 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). É o segundo município mais populoso do estado (após Joinville) e o 48º do Brasil. A região metropolitana tem uma população estimada de 1 209 818 habitantes, a 21ª maior do país. A cidade é conhecida por ter uma elevada qualidade de vida, sendo a capital brasileira com maior pontuação do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), calculado pelo PNUD, das Nações Unidas. (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Florian%C3%B3polis> - último acesso 29/03/2020)

tradição”. Para o autor, tradição seria o compartilhamento ao longo do tempo de práticas por um grupo social que são transmitidas pela educação de uma geração para a outra de um certo fazer. Este é tomado como eficiente ao se atingir um certo objetivo produtivo, seja ele material ou acional. Já o caráter eficaz de uma técnica está em consonância com uma certa maneira de as praticar, que leva em conta múltiplas formas de se engajar em um ambiente, além do objetivo final a ser alcançado. No caso que está sendo descrito, os materiais que são desviados do aterro sanitários por vias da reciclagem, geram as estatísticas que denotam se uma associação de reciclagem é eficiente ou não diante do olhar dos poderes públicos e em alguma instância com os poderes privados que visam parcerias com esses lugares, como será observado mais à frente. Porém a eficácia das técnicas desenvolvidas nas associações de reciclagem dizem respeito a um modo de fazer tais processos onde outros aspectos além dos fins produtivos estão em jogo. A socialização dos conhecimentos postos em práticas e as técnicas empregadas em cada associação, como descrevi, dão a tônica do funcionamento de cada lugar, condicionando a continuidade dos coletivos sociais que se unem ao desenvolverem suas atividades técnicas.

Prosseguindo, o que trouxe nesse primeiro momento é um pouco da trajetória dessa Associação por vias das memórias de Madá⁷, mas que estavam nas lembranças das mais diferentes associadas e associados que compunham a ARESP. Não apenas materiais eram reciclados por lá, mas também vivências que por meio da rememoração durante o trabalho transformavam-se.

Ao chegar na ARESP e conversar com os seus associados, via o quão importante era conhecer um pouco da trajetória local, dado que muitas coisas que me eram ditas ou explicadas sempre eram situadas não por uma data, mas sim por algum evento significativo para estes ocorrido na Associação.

Na Associação Recicladores Esperança havia senhoras que já trabalhavam há muito tempo lá como dona Inês, presidenta da Associação que já estava lá há 14 anos, dona Alda, tesoureira que já trabalhava lá há 16 anos, dona Janaína também

⁷ Uso codinomes para me referir às pessoas que encontrei em campo para assim proteger a identidade delas.

lá já há 16 anos e Madá que entre idas e vindas fazia parte da ARESP desde sua fundação. Essas quatro mulheres que tinham idade entre 55 e 65 anos, as quais possuem minha admiração pelos mais diferentes motivos, eram as associadas mais antigas, ou como os outros associados brincavam com elas, as *guardiãs* da ARESP. Foi conversando com elas que descobri um pouco da trajetória do local.

Quem muito gostava de me contar tais situações e acontecimentos passados era Madá. Reparem que acima ela é a única que não leva o “dona” antes de seu nome e isso não é à toa. Madá torcia o nariz para qualquer um que a chamasse de dona. Como ela bem me ensinou, *dona é para chamar quem sente o tempo, para quem o tempo é pesado*. Não era o caso dela, ela sempre me falou que não sentia a idade que tinha, que o que sentia mesmo era muita disposição para trabalhar e dar risada! E confirmo sem pestanejar que alegria e disposição Madá tinha de sobra, e não é por nada que era ela que tinha a paciência de falar e contar de forma muito gentil a suas memórias da ARESP, e também de me ajudar em meu aprendizado sobre a reciclagem dos resíduos secos.

A Associação Recicladores Esperança foi a primeira instituição de tal caráter em Florianópolis ainda fundada no final da década em 1998. Ao perguntar acerca desse início Madá me contou:

Madá - A ARESP começou assim, com uma luta e um sonho de uma mulher maravilhosa né, que tinha um sonho e esse sonho era de ajuda aqui pra comunidade. Então ela veio fazer uma visita na comunidade e ela viu muitas senhoras, assim sem ter o que fazer, viu assim muitas pessoas sem ter de onde tirar um sustento. Aí ela pegou e pensou em montar uma reciclagem, em fundar uma reciclagem. Daí virou um sonho pra ela, aí ela começou a dar um curso de inclusão social aqui na comunidade pra pessoas que queriam aprender a triar materiais. (Entrevista na ARESP em 09 de outubro de 2019)⁸

Essa mulher que tinha esse sonho era a professora Tiza⁹, como chamava Madá, ela era professora do Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC, no campus

⁸ As transcrições das entrevistas aqui usadas respeitaram o modo de se expressar das pessoas, respeitando e mantendo os erros cometidos ao se conversar perante a norma culta da língua portuguesa.

⁹ Profa. Thirza Schlichting De Lorenzi Pires, professora aposentada do IFSC – Instituto Federal de Santa Catarina.

de Florianópolis. No ano de 1998 a Prof. Tiza ministrou um curso de reciclagem para essas senhoras ociosas que viu no bairro Monte Cristo e começou a trabalhar na criação e institucionalização da ARESP frente ao poder público municipal. Aqui entra um importante ator na trajetória da ARESP e também no trabalho que aqui se desenvolve, a autarquia pública de limpeza urbana de Florianópolis, a Comcap. Sobre esse momento Madá fala:

Madá - Isso foi a partir de 1998 pra frente. Começou daí. Aí ela deu esse curso pra esse pessoal, só que não tinha um galpão, aí ela começou a correr, foi na prefeitura, começou a correr pra ver onde poderia né. Aí assim, começou assim. A Comcap tem tudo a ver com materiais recicláveis né? Aí ela foi na Comcap, e viu muito espaço, um galpão que tinha, que hoje tá lá pra frente onde ficava os escritórios era o nosso galpão. Nos fundos fica o museu¹⁰ do Nei¹¹ né, aí a ARESP foi fundada ali. E ela trabalhou bastante. (Entrevista na ARESP em 09 de outubro de 2019)

Assim as senhoras que fizeram a capacitação para reciclagem começaram a trabalhar com o material cedido pela Comcap em um galpão na sua sede no bairro do Itacorubi, dentro da ilha de Florianópolis. Esse galpão pelo que Madá me contou era o galpão onde hoje fica o setor administrativo da autarquia, esse pavilhão localiza-se às margens da Rodovia Admar Gonzaga no bairro do Itacorubi. Em 1999 acontece algo que marcaria o trajeto da ARESP, uma outra associação de reciclagem é composta e começa a trabalhar na Comcap a ACMR¹² - Associação de Coletores de Materiais Recicláveis, que hoje em dia é a maior associação na ilha de Florianópolis e do estado de Santa Catarina, não só em números de associados, mas também em quantidade de material triado. Aqui é interessante pensarmos as peculiaridades das trajetórias de cada associação. Não será algo que tentarei fazer, mas acredito ser um movimento interessante para pensarmos quais foram os

¹⁰ Museu do Lixo que localiza-se na sede da Comcap do Itacorubi. Para mais informações: <http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/comcap/index.php?cms=museu+do+lixo+++historia+e+agenda&menu=9&submenuid=2077> (último acesso: 29/03/2020)

¹¹ Valdinei Marques é cuidados do Museu do Lixo, criou um famoso personagem o Neiciclagem, o embaixador do meio ambiente, que além de cuidar do museu, conta sua história e ensina seus visitantes sobre educação ambiental e reciclagem.

¹² Para maiores informações sobre a ACMR, ver o site: <https://www.acmrreciclaveis.com.br/> (último acesso: 29/03/2020)

diferentes caminhos que foram tomados por elas, e para onde tais direções as levaram.

Madá ao lembrar esse acontecimento me contou:

Madá - E tava muito problemático ali o problema, tava feia a coisa. Aí eles não tinham pra onde ir e queriam tirar. Aí eles tem outro galpão pra cima [Comcap] que tinha os equipamentos, caminhões velhos, Kombis, maquinários da Comcap... Aí foi tudo tirado e foi colocado um pouco de gente lá, umas 100 pessoas mais ou menos. Nesse galpão a Comcap colocou. Aí um pouco desse pessoal foi lá pro lado da CASAN, lá pros fundos, lá pra dentro, perto do mar. Sabe? Um pouco desse pessoal da ponte foi pra lá e um pouco foi pro Itacorubi. E a gente teria que sair, porque duas reciclagem lá não poderia né? (Entrevista na ARESP em 09 de outubro de 2019)

Aqui vemos o momento em que a ARESP enfrentou sua primeira grande mudança. Não se podia manter duas associações de reciclagem dentro da Comcap no Itacorubi, logo assim uma deveria mudar-se. A ARESP foi a escolhida, Madá apontou dois motivos para essa escolha e transferência de lugar: 1) o galpão que a ARESP utilizava era próximo da rodovia, não ficava atrás, *mais escondido* como o concedido para a ACMR O bairro do Itacorubi é um bairro residencial, assim segundo Madá, não era interessante para os moradores uma reciclagem ali, não era algo bonito de se ver; 2) os associados da ARESP moravam todos no bairro Monte Cristo, e gastavam o dinheiro de uma quinzena¹³ inteira praticamente em transporte, de forma que mudar a sede física da sua associação para mais perto de onde eles moravam seria algo mais prático e econômico para estes.

Quanto a essa mudança Madá relata:

Madá - Aí trouxeram todo pessoal e botaram [se refere aqui aos associados da ACMR e ao pavilhão que eles ocupam até hoje na Comcap do Itacorubi] tudo lá em cima, e a ARESP tinha que sair. E aqui tinha um projeto, já fazia 8 anos na prefeitura, e foi feito o projeto e ficou lá engavetado. Até foi o Salomão Sobrinho¹⁴, tá ali o nome dele [na placa de fundação

¹³ O material triado é vendido a cada 15 dias, duas semana corridas, o valor obtido é dividido de forma igualitária entre os associados pelos dias trabalhados. Na ARESP ainda é essa a maneira utilizada de divisão e pagamento entre os associados, abordarei a questão mais adiante.

¹⁴ Salomão Mattos Sobrinhos, no período de inauguração do novo pavilhão da ARESP, outubro de 2008 era Coordenador Geral do Grupo Técnico de Criação do Sistema Municipal de Informações das

do atual galpão da ARESP, fica na entrada dela], e aí a ARESP tinha que sair. A COMCAP deu a maior força, não que obrigou, mas a gente tinha que sair pra ceder, porque era duas reciclagem ali, não teria como. Então o projeto foi colocado né... Foi feio esse projeto, mas foi feito às pressas! Foi feito muito às pressas porque tinha que sair, tinha que sair e tinha que sair! E tinha uma relutância, se lembra o Fernanda [associada], que foi feito abaixo assinado aqui do povão aqui, pra a ARESP não vir, por causa dos ratos! (Entrevista na ARESP em 09 de outubro de 2019)

Como Madá nos conta, aqui vemos a mudança da ARESP, do Itacorubi para o Monte Cristo. Ao se construir o novo pavilhão para a Associação, como marcado pela fala acima, houve resistência dos moradores do bairro em razão de estes associarem a reciclagem a ratos, baratas e insetos que proliferam em tais contextos. Tais vetores de doenças como são referidos pela linguagem técnica, de fato proliferam em tais ambientes, isso é um fato. Seria necessário um cuidado contínuo para com essa problemática. Na respectiva Associação, os ratos eram um problema, fazer uma desratização era necessário e seria um responsabilidade da Comcap, que não o fazia há algum tempo, segundo os associados. Voltarei ao assunto mais adiante.

Assim a ARESP ganhou seu pavilhão novo no bairro em que seus associados moravam, no bairro Monte Cristo, mais especificamente na região da comunidade do Chico Mendes. A comunidade Chico Mendes é conhecida pelo projeto Revolução dos Baldinhos que iniciou no mesmo ano em que o novo pavilhão ficou pronto e a ARESP foi transferida para lá, 2008. Tal projeto consiste na reciclagem dos resíduos orgânicos por vias da gestão comunitária dos resíduos e da compostagem, esses são coletados na comunidade em baldes, onde os próprios moradores o separam e o destinam para o projeto gerando assim renda com a produção de insumos por vias da compostagem. Para se saber mais sobre a Revolução dos Baldinhos por uma perspectiva¹⁵ dos agroecossistemas ver Abreu (2013), por uma perspectiva antropológica, ver Schneider e Almeida (2016).

Áreas de Interesse Social do Município de Florianópolis. Hoje em dia é vice-presidente do movimento Floripa Amanhã. <http://floripamanha.org/> (último acesso: 29/03/2020)

¹⁵ Para uma visão mais sintética e de qualidade da Revolução dos Baldinhos: <https://catarinas.info/revolucao-dos-baldinhos/> (último acesso: 29/03/2020)

Como dito em 2008 a ARESP se muda então para o Monte Cristo. Depois de alguns anos foi feito segundo Dona Inês, uma reforma e o pavilhão foi expandido. Construiu-se um *puxado* que era para se depositar o material que aguardava ser triado. Hoje em dia essa área é usada para a descarga do material recolhido pela Comcap. Nesse tempo, segundo Dona Inês era mandado muito material para lá para ser triado, hoje em dia ele está mais escasso, mas isso será um ponto retomado adiante.

Há outras duas passagens que apareciam de forma marcante nas recordações dos associados da ARESP, o furto da fiação e equipagem e o incêndio do Enéas. Pelo que pude compreender do primeiro ocorrido, o furto da fiação, geladeira, entre outras coisas ocorreu por volta de 2010. Dona Inês sobre essa questão comentou:

Dona Inês - Foi um ano depois que eu tava aqui, nós fomos roubados, foi roubado tudo, os fios, tudo, tudo... Aí nós chamamos o Hélio Costa¹⁶ pra fazer a reportagem né, pra pedir pra todo mundo ajuda né. Aí nós ganhamos tudo. Tudo novo, daí foi fiação, se tava aqui, né Deja. (Entrevista na ARESP em 09 de outubro de 2019)

Isso deve ter ocorrido por meados de 2010, o ano com precisão não conseguiu ser lembrado pelas associadas que estavam presentes nessa passagem. Porém me relataram sobre a vinda da equipe de filmagem do programa Balanço Geral apresentado por Hélio Costa, que fez uma reportagem na ARESP sobre o trabalho desenvolvido nela e sobre o roubo que havia ocorrido. Feita a reportagem e televisionada, diferentes pessoas e empresas doaram o que era necessário para a ARESP. Essa passagem era lembrada com um misto de tristeza e orgulho, tristeza pelo roubo em si e orgulho pela visibilidade e articulação feita pelos associados para conseguir reaver o que lhe tinham levado.

Outro ocorrido que tinha deixado marcas e essas que observei em meu trabalho de campo, foi o incêndio causado pelo Enéas. Isso ocorreu há 4 anos, em 2015 pelo que me foi indicado. Enéas era um usuário de crack que costumava catar

¹⁶ Hélio Costa, atual deputado federal pelo Republicanos Brasileiro (PRB) - SC, com mandato de 2019 - 2023, era apresentador do programa televisivo Balanço Geral Florianópolis na RIC Record TV, programa esse de entretenimento e jornalismo.

papelão pelo Monte Cristo, ele encostava o que recolhia, bem como dormia na frente da ARESP perto de uns containers que são utilizados tanto pela associação como pelas pessoas que moram ali perto para se jogar lixo. Um dia Enéas tinha catado uma boa quantia de papelão e como de praxe encostado o material em uma das paredes da ARESP. O que me contaram foi que por descuido ele teria jogado uma bituca de cigarro no papelão que ele próprio tinha catado e esse material teria pego fogo. Como ele estava encostado junto a uma parede da Associação o fogo teria se alastrado para dentro do pavilhão e entrando em contato com material que também era inflamável e que estava ali dentro. No outro dia pela manhã ao chegarem na Associação o primeiro andar estava comprometido. Todo o material que tinham triado e que estava no primeiro piso do prédio tinha virado cinzas, bem como recipientes e *bags* para depósitos desses resíduos. A fiação elétrica ficou totalmente derretida e as paredes do andar térreo mostravam sua cor de fuligem, tonalidade que ainda hoje está presente nelas. Ao perguntar o que veio acontecer com Enéas, Madá riu e me respondeu: *“O que se acha? Foi escorraçado daqui, nunca mais se viu nem cor desse aí!”*.

Aqui vemos o exemplo de um outro ator a trabalhar coletando materiais pela cidade de Florianópolis. Diferentemente da ARESP que tem uma posição passiva no que toca às práticas de coleta do material, em razão do convênio que essa Associação possui com a Comcap, que vem a levar até o galpão o material da coleta seletiva para ser triado, Enéas como tantas outras pessoas que trabalham coletando reciclados, tinha uma posição ativa na busca pelos materiais andando pela cidade com seu carrinho na busca destes. Nesse caso de Enéas, sua busca se restringia ao bairro do Monte Cristo e Capoeiras, como de outros catadores de materiais pelo que me foi dito pelos associados da ARESP. O ato de se acumular o material achado por alguns catadores juntos ao muro da Associação, decorria de esses, procurarem também nas caixas de rejeito da ARESP materiais que podiam vir a ter passados sem ser coletado pela esteira nas práticas de triagem. Além disso as caixas de rejeito que eram utilizadas pela Associação, também eram utilizadas pelos moradores do bairro, podendo assim haver materiais passíveis de serem coletados e

vendidos nelas. A venda do material coletado por esses trabalhadores era feita pelo bairro do Monte Cristo mesmo, em uma sucataria que fazia as vezes de intermediário entre esses catadores autônomos e as empresas de reciclagem.

O ano de 2019 também foi um ano marcante para a ARESP, mas não por causa de alguma fatalidade e sim por uma implementação de grande importância na sua linha de produção. Foi instalado no início deste ano três esteiras para a triagem do material, obtidas por vias de um projeto da Funasa - Fundação Nacional da Saúde. Tal transformação técnica oriunda da implementação das esteiras era algo marcante para as associadas que trabalhavam na triagem e será algo que virei a abordar de forma mais atenciosa a frente. Por enquanto basta marcar que 2019 foi o ano das esteiras na ARESP e que isso trazia vantagens e uma maior produção para a Associação.

Longe de querer contar a trajetória da ARESP de forma minuciosa, trago alguns acontecimentos que foram marcantes para os associados e que se manifestavam em suas lembranças e falas ao conversarem comigo. Tomei as memórias de Madá como principal fio condutor desses fragmentos que compõem esse trajeto. Madá era a associada mais antiga da ARESP, vivenciou inclusive os tempos do Itacorubi, mesmo sempre estando entre idas e vindas no que tangencia o trabalho feito na Associação, Madá adorava lembrar e contar os acontecidos, e tinha muito orgulho de participar junto com os outros do que vinha a ser a trajetória da ARESP.

Trago alguns dados sobre essa importante trajetória que constitui o arranjo social e técnico que compõe a ARESP. Pensar a Associação como uma rede sociotécnica (Latour, 1994) partindo tanto das memórias de Madá como das práticas que serão abordadas adiante, bem como das relações com os diferentes entes que a compõem, como a prefeitura municipal, a Comcap e seus serviços prestados, os usuários da rede de coleta e limpeza urbana, são o que constitui tal cadeia operatória em seus diferentes transectos. Adiante poderemos ver como acontecimentos rememorados, como o caso do incêndio veio a reconfigurar práticas

na Associação, bem como se relacionam os diferentes entes citados acima nas práticas aqui estudadas.

De maneira que, falarei apenas de algumas poucas passagens sobre a ARESP sem entrar ainda nas trajetórias pessoais tão ricas e complexas que fazem parte desse lugar. Feito esse interlúdio sobre o que é a trajetória da ARESP, trago uma fala de Madá sobre o logotipo da Associação ainda feito lá no Itacorubi. Nesse episódio, cada associado teve que desenhar um logo e explicar-lo aos outros, por vias de uma votação um deles foi escolhido. Madá não só participou desse processo como deu a ideia ganhadora para a logo. Tanto o desenho como sua explicação me marcaram e compartilho mais esse trecho das memórias de Madá para fazer esse fechamento com intenções de abertura, antes de adentrar a próxima parte deste trabalho:

Madá - Como a ARESP tem a ver com esperança e recicladores né, e tem o nome esperança, daí eu peguei o meu desenho e fiz o sol, aí explica, Aparecida, o teu desenho, aí assim: aí eu fiz assim ó, eu fiz dois meio sol, primeiro eu fiz um sol inteiro, não deu, não gostei. Aí depois eu fiz um meio sol assim, meia lua, com as coisinhas tudo em volta, daí eu expliquei que a esperança, quer dizer, cada dia que passa, que é um novo trabalho no outro dia é uma nova esperança de melhora, né? Um novo renascer do sol, uma nova esperança, e é assim. Esse sol é o logo, o nome já tinha que foi a professora Tiza. A história da ARESP é bonita, história de muita luta. (Entrevista na ARESP em 09 de outubro de 2019)

2.2 O dia a dia na ARESP

Costumava ir para ARESP de duas a três vezes por semana, a Associação abria suas portas pelas 8 horas da manhã. Costumava chegar lá pelas 8:30h e já encontrava todos os associados exercendo seus trabalhos. Geralmente passava a manhã e um pouco da tarde por lá, pude também passar alguns dias de forma integral com eles. A associação em teoria deveria fechar pelas 18h, porém fechava

muitos dias mais cedo em razão da pouca quantidade de material que havia para trabalharem.

A ARESP como já dito acima, foi a primeira associação de reciclagem da cidade de Florianópolis, e em razão da sua trajetória brevemente contada acima, possui um pavilhão grande de dois andares sobre o qual possuem o usufruto. Mais adiante apresentarei um esboço da planta baixa do local para falar as questões dos fluxos dos materiais e assim elucidar em linhas gerais tal espaço físico. Uma questão que me chamou atenção é que diferentemente da outra associação que a ser citada mais adiante, a ARESP em 2019 tinha tanto suas contas de água e luz, bem como a ausente necessidade de se arcar com um aluguel, essas despesas eram pagas pela prefeitura municipal. Os equipamentos que possuíam para auxiliar suas práticas, eram esteiras as quais eram utilizadas para a triagem do material, os carrinhos de mão para o transporte dos *bags*, que são bolsas de armazenamento de material com capacidade de 100L e as prensas que eram utilizadas para a prensagem dos materiais.

Em 2019 a Associação dos Recicladores Esperança era constituída por cerca de 16 membros, sendo 10 mulheres e 6 homens. Aponto para isso em razão de haver uma nítida divisão por gêneros, a meu ver, nas diferentes práticas laborais exercidas na associação. Em suma, as mulheres trabalhavam com as práticas técnicas de triagem do material que ocorriam nas esteiras no andar de cima, bem como no desmanche de equipamentos eletrônicos para se obter alguns tipos de metais que eram passíveis de serem comercializados. Já os homens trabalhavam com a movimentação dos *bags* cheios de material, na prensagem e confecção dos fardos e no cuidado com o vidro, material que era tratado à parte. Tal divisão não era algo rígido ao ponto de nunca se ver um homem na esteira ou uma mulher operando a prensa, porém eram raras as situações. A divisão por gênero das práticas de trabalho davam a tônica da organização laboral e espacial da associação. Segundo as associadas e os associados, tal divisão ocorria em razão de as práticas desenvolvidas no andar térreo demandarem maior força física. Porém no que toca a intensidade do trabalho, o labor desenvolvido na esteira era maior. Tudo que era

feito no andar térreo partia do andar superior, porém para se comercializar os materiais, todas as fases da cadeia operatória eram importantes. A seguir, primeiramente as práticas de triagem do material, as quais pude acompanhar e praticar de forma ativa no trabalho de campo exercido.

2.2.1 As práticas da esteira

As práticas de triagem do material são um dos principais pontos que compunham a cadeia operatória aqui observada da associação de reciclagem de resíduos sólidos secos. A ARESP é uma das associações em Florianópolis que possuem uma parceria com a Comcap¹⁷. Esta envia materiais da coleta seletiva para serem separados adequadamente pelos associados e conseqüentemente serem vendidas. A Associação quanto a coleta do material, possui uma posição passiva; o material que chega a eles é proveniente da Comcap e de convênios com outras instituições que também levam o seu descarte até eles. Estes não possuíam nenhum veículo para coletar materiais e também não trabalhavam com catadores que obtinham seu material nas ruas da cidade de forma autônoma.

Essa parceria no que concerne os interesses da Comcap, tem como objetivo desviar a maior quantidade possível de resíduos que são enviadas para o aterro sanitário. A Comcap cuida da coleta e transbordo do material que ocorre no Centro de Valorização de Resíduos (CVR) localizado no bairro do Itacorubi, na região do antigo aterro sanitário da cidade criado em 1958 e desativado no ano 1990 em razão da pressão popular exercida. A destinação final dos resíduos é feita pela empresa Proactiva¹⁸, a qual é dona e gerencia um aterro sanitário conforme as exigências da lei 12.305/2010, localizado na cidade de Biguaçu, SC - Brasil. Segundo estudos

¹⁷ Para maiores informações acerca das associações que possuem tal parceria e seus contatos: <http://www.pmf.sc.gov.br/sistemas/comcap/pdf/associacoes.pdf> (último acesso: 29/03/2020)

¹⁸ Para conhecer um pouco mais sobre a empresa: <http://www.proactiva.es>; <https://www.veolia.com.br/centro-de-gerenciamento-de-residuos-biguaçu-sc> (último acesso: 29/03/2020)

publicados em 2017 pela própria Comcap¹⁹, a Prefeitura Municipal de Florianópolis gastava em torno de 25 milhões de reais entre transporte e aterragem dos rejeitos por ano. Estima-se que em média se gaste em torno de 108\$ reais por tonelada aterrada, essa estimativa data de 2013. O que quero marcar com isso é que as associações de catadores e triadores de materiais recicláveis desempenham um importante papel para a economia do município no que se refere aos gastos de limpeza urbana com aterragem de rejeitos.

Apenas para trazer alguns números para elucidar a situação exposta acima, Florianópolis está entre os 10 municípios no Brasil com o melhor índice de desvio de materiais do aterro. No ano de 2017, a cidade produziu 202 mil toneladas de lixo, sendo que desse montante apenas 6,92% é desviado do aterro para a reciclagem, ou seja, 16.852 toneladas. Desse número apenas 12.127 toneladas pertencem a coleta seletiva que é destinada para as associações. Nem tudo que é posto na coleta seletiva é passível de reciclagem, logo assim o que é de fato reciclado é um valor menor que 12 toneladas. Isso decorre da existência de um mercado de reciclados que demanda certos tipos de materiais. Isso é algo que pode mudar seja de comprador para comprador, ou de cidade para cidade. Um exemplo, poderia ser as garrafas de óleo de cozinha, que são garrafas PET (Tereftalato de polietileno). Na ARESP, o comprador dos materiais as recebia separadamente e demandava que estas fossem separadas das demais garrafas desse mesmo tipo de plástico, que são geralmente as garrafas de água e refrigerante. Já na outra Associação que fiz meu trabalho de campo, a Sul Recicla, que trabalhava com outro comprador, o mesmo não acontecia, e todas as garrafas PET cristal (garrafas transparentes) eram enfardadas e vendidas como um produto só.

Para se ter um melhor desempenho nesse quesito, no desvio de matérias do aterro, algo que sempre me era apontado tanto pelos associados como pelos técnicos, engenheiros e pessoas que trabalhavam na área de saneamento urbano e reciclagem era investir-se em educação ambiental para as pessoas descartarem de

¹⁹ Comcap Sustentável - coleta, valorização de resíduos e zeladoria urbana e Florianópolis: http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/27_07_2017_15.15.18.3a50ed38407037b5ee8cf56affceaeef.pdf (último acesso: 29/03/2020)

forma mais consciente seus resíduos. Madá sempre me falava que se as pessoas aprendessem um pouco sobre os materiais que constituem o seu lixo, e logo assim fizessem uma breve separação dele antes de os botarem nas lixeiras nas ruas, uma quantidade maior de resíduos poderiam ser reciclados, e o trabalho na esteira que ela exercia seria mais leve pois como ela sempre me disse e como bem pude constatar, muito lixo orgânico, hospitalar, higiênico é descartado na coleta seletiva de forma inadequada e acaba chegando nas esteiras. Tal situação não é algo intencional e sim uma falta de conhecimento às vezes sobre o material, às vezes sobre os dias da coleta convencional e seletiva²⁰.

Dando seguimento, a Comcap manda em média dois caminhões por dia para a ARESP sempre pelo turno da manhã durante o tempo em que fiz meu trabalho de campo junto a Associação. Estes caminhões geralmente faziam a coleta seletiva em algum bairro próximo a Associação, levando em conta a logística geográfica para a carga e descarga destes. Porém em muitas vezes que estava a trabalhar junto a esteira, observei materiais que eram de lojas e restaurantes localizados no Sul da Ilha, região distante da ARESP. Ao perguntar sobre essa questão aos associados, eles me disseram que havia dias em que não havia coleta seletiva pela região continental, assim alguma carga de outra região da ilha era realocada para eles.

Nos dias em que chegava só um caminhão o desagrado era geral, pois sem o material não havia trabalho. Na verdade, era uma questão constante na associação o pouco material, mesmo nos dias que vinham dois caminhões. Ao perguntar quantos caminhões seriam o ideal para eles, Dona Inês, presidenta da associação, era taxativa: quatro caminhões seria uma boa quantidade de material em relação ao número de pessoas que estavam trabalhando atualmente na ARESP. Ela também falava que era possível botar mais gente para trabalhar lá, porém a demanda por material consequentemente cresceria. Para as dezesseis pessoas que trabalhavam no local durante meu trabalho de campo, o ideal seriam quatro caminhões.

²⁰ Para se saber os dias da coleta convencional e seletiva a Comcap disponibiliza as informações em seu site. Para consultar ver: <http://www.pmf.sc.gov.br/sistemas/comcap/home.php> (último acesso: 29/03/2020)

Infelizmente o que acontecia era que nem a metade disso chegava lá, os dias em que apenas um caminhão chegava eram dias difíceis.

Os caminhões que a Comcap tem em sua frota são os caminhões baús e prensa na coleta seletiva. Os primeiros caminhões, os baús, possuem capacidade para até 30 metros cúbicos o que equivale a 10 toneladas de material. Esses eram os caminhões que os associados mais gostavam de receber em razão do material não ser prensado. Os caminhões prensa eram vistos pelos técnicos e engenheiros sanitaristas da Comcap como uma implementação da coleta seletiva. Estes visavam conseguir coletar uma maior quantidade de lixo e logo, fazendo rotas de coleta mais extensas, para diminuir os custos com combustíveis e logísticas de idas e vindas nas associações para esvaziarem suas caçambas. Já para os associados das mais diferentes associações que contactei isso era visto como problemático e tinha implicações diretas em seu trabalho. O que estes apontavam era que muito material bom podia acabar sendo contaminado por algo mal descartado, como uma garrafa de óleo de descarte de cozinha por exemplo. Isso acontece em razão de o óleo umidificar matérias como o papel, papelão e afins, comprometendo suas qualidades e inviabilizando sua reciclagem. Outra questão que era posta, era que o caminhão prensa estilhaça as garrafas e objetos de vidro²¹, causando dificuldades e riscos para as pessoas na hora de manusear o material para ser triado. Os cacos de vidro vem incrustados em alguns materiais como o papelão, havendo risco de cortar as mãos dos associados. Além disso, retirar os cacos de vidro dos materiais demandava muito tempo em razão do cuidado que tal prática demandava. Mesmo com essas reclamações feitas pelos coletores e triadores de materiais, a implementação dos caminhões prensa está sendo feita em razão da economia que esses trazem para Comcap nos pontos já citados acima.

²¹ Pude conversar com alguns técnicos da Comcap acerca desse assunto. Dada a questão das problemáticas com o vidro, seria feito uma implementação na quantidade de PEVs (recipientes para coleta de materiais) pela cidade de coleta de vidro, bem como uma coleta específica para o vidro estava sendo arquitetada. Mesmo assim uma questão sempre era trazida à tona, que era a educação ambiental dos moradores de Florianópolis. De nada adianta espalhar PEVs pela cidade e fazer uma coleta específica para o vidro se as pessoas não colaborarem. No que pude conversar com os técnicos da Comcap sobre o assunto, este sempre acaba por chegar a esse ponto.

Tal questão pode ser uma mudança técnica na rede a ser discutida. Di Deus (2018), em seu trabalho sobre as mudanças técnicas no que concernem as sangrias de seringueiras (*Hevea brasiliensis*) para a obtenção do látex, discute um processo de mecanização que visa diminuir os gastos e os problemas da ordem das relações humanas do ponto de vista dos engenheiros produtores dos objetos técnicos. Logo, obliterando o conhecimento prático e necessário dos seringueiros em suas práticas, criam-se problemas entre o uso ideal pensado pelos engenheiros e o uso prático exercido pelos seringueiros, Di Deus aponta:

(sic) o estudo de Akrich (1992), Darré et al. (1989) afirmam que a adoção de novas técnicas deve ser considerada menos como um processo de transferência unilinear de centros inventores para os utilizadores, e mais como processos de negociação em redes sociais que são muito variáveis. (DI DEUS, 2018. p. 320)

Ao acompanhar durante meu trabalho de campo, constatei que esse período onde essa mudança técnica iniciou sua implementação, não foi uma negociação e sim a imposição de tal mudança. Para os moradores de Florianópolis que usam a rede de coleta seletiva, muito provavelmente essa foi uma mudança que passou batida, porém as pessoas que trabalham diretamente com as suas mãos os resíduos não foram postas nas equações que levaram a isso. Como bem aponta Di Deus (2018), reduzir os “custos com a mão de obra” está na base do pensamento dos engenheiros os quais ele pesquisava, e no caso aqui apresentado não é diferente. Tendo-se caminhões prensa que coletam mais material é necessário menos equipes de coleta, a demanda por garis diminui, bem como os gastos com estes. Os coletores e triadores acabam apenas por lidar com as consequências dessa mudança, não há o que ser feito. Gostaria de me debruçar com mais afinco em tal questão, mas infelizmente em campo ela surgiu de forma breve e no final de minhas incursões.

Prosseguindo, os caminhões chegavam para descarregar suas cargas no andar de cima da associação, eram manobrados para entrarem de marcha ré no pavilhão. As equipes da Comcap consistiam em um motorista, e mais três garis que botavam o material para fora da caçamba em casos de caminhão baú. Os caminhões prensas possuíam suas caçambas automatizadas poupando, assim,

esse trabalho. Após se descarregar toda carga, o caminhão seguia para outro lugar para fazer uma nova linha de coleta e aí iniciava-se o trabalho na associação.

A primeira coisa, após o caminhão ir embora, era jogar os sacos despejados para o canto e varrer a entrada para a chegada de um novo veículo. Geralmente as pessoas que faziam isso eram as pessoas com menos idade que trabalhavam na esteira. Nesse momento a esteira parava e era a chance de se ir ao banheiro ou de se fumar um palheiro para descansar. Após essa arrumação ter sido feita, as associadas se dispunham novamente em seus lugares para iniciar o trabalho.

A esteira havia sido instalada no início do ano de 2019, obtida através de um edital da Funasa. Ela consistia em três partes que compunham o desenho de um L. A primeira parte dela consistia em uma esteira na vertical de 4 metros de extensão com uma largura de 80 centímetros aproximadamente. Essa era disposta com uma elevação gradual começando rente ao chão e se elevando não mais que 1 metro, formando um ângulo 45° com o chão. Essa esteira era a de alimentação, e quem executava tal prática era Seu Pedro que tinha por volta de cinquenta e poucos anos. Ele era o único homem que trabalhava no andar de cima e sua função era alimentar a esteira colocando os sacos de material nela e, quando esses terminavam, ele colocava os resíduos que estavam soltos no chão. Para fazer essa função ele se utilizava de um galão de 40 litros cortado ao meio. Este era a melhor ferramenta para tal função, recolher os resíduos soltos no chão, em razão de o plástico do recipiente ser fino e isso facilitar o recolhimento.

A segunda esteira é horizontal e possui extensão de 6 metros, mantendo o padrão da primeira esteira no que diz respeito a sua largura. Nesta segunda esteira ocorre a prática de triagem e coleta dos materiais que possuem valor para serem enfardados e vendidos. As esteiras 2 e 3 se localizavam sobre uma estrutura metálica onde as associadas se posicionavam para triar o material. Na esteira 2 haviam oito dutos metálicos, sendo que cada um era utilizado para se colocar um tipo de material, os quais conduziam o material triado aos *bags* posicionados no andar inferior. De cada lado da esteira havia 4 dutos. Entre os dutos 1 e 2 (ver

Figura 1) trabalhava dona Inês que coletava o plástico²² pet verde (tereftalato de polietileno) colocando-o no duto 1 e o plástico leitoso (pead - polietileno de alta densidade) que são embalagens plásticas esbranquiçadas de diferentes produtos como recipientes de detergente e afins. Na frente de dona Inês trabalhava dona Alda entre os dutos 17 que recebia o plástico cristal (tereftalato de polietileno) que consistia em e diferentes embalagens de plástico transparente e *molinho* como a mesma dizia e o duto 18 que recebia papelão 2, categoria que englobava todos os tipos de embalagens feitas de papelão mas com alguma de suas superfícies lisa. Abaixo vemos a tabela 1 com as categorias de plástico triadas e as classificações correspondentes na prática de separação feita na esteira.

1. Tabela de categorias de plásticos triados e seus equivalentes matérias na esteira da ARESP

Categorização de Plásticos triadas na ARESP	Categorias de Materiais utilizadas na esteira – ARESP
PET (Tereftalato de polietileno)	Garrafas PET verde, transparente, garrafas de óleo e plástico cristal.

²² Segundo a norma técnica de classificação dos plásticos (NBR 13.230:2008), existem seis grupos de plásticos, são eles: PET, PEAD, PVC, PEBD/PELBD, PP, OS. Além desses, há uma sétima categoria, denominada “outros”, usada para classificar produtos plásticos fabricados com uma combinação de diversas resinas e materiais (ABS/SAN, EVA, PA, PC). O PET (polietileno tereftalato) compreende frascos e garrafas para uso alimentício/hospitalar, cosméticos, bandejas para microondas, filmes para áudio e vídeo e fibras têxteis, entre outros. É transparente, inquebrável, impermeável e leve; O PEAD (polietileno de alta densidade) compreende embalagens para detergentes e óleos automotivos, sacolas de supermercados, garrafeiras, tampas, tambores para tintas, potes para utilidades domésticas, etc. É inquebrável, resistente a baixas temperaturas, leve, impermeável, rígido e com resistência química; O PVC (poli cloreto de vinila) compreende embalagens para água mineral, óleos comestíveis, maioneses, sucos, perfis para janelas, tubulações de água e esgotos, mangueiras, embalagens para remédios, brinquedos, bolsas de sangue, etc. É rígido, transparente, impermeável, resistente à temperatura e inquebrável; no grupo dos PEBD/PELBD (polietileno de baixa densidade/ polietileno linear de baixa densidade), estão as famosas e problemáticas sacolas para supermercados e boutiques, filmes para embalar leite e outros alimentos, sacaria industrial, filmes para fraldas descartáveis, bolsa para soro medicinal, sacos de lixo, etc. É flexível, leve, transparente e impermeável; PP (polipropileno) inclui filmes para embalagens e alimentos, embalagens industriais, cordas, tubos para água quente, fios e cabos, frascos, caixas de bebidas, autopeças, fibras para tapetes, utilidades domésticas, potes, fraldas e seringas descartáveis, etc. Conserva o aroma, inquebrável, transparente, brilhante, rígido e resistente a mudanças de temperatura; PS (poliestireno) – potes para iogurtes, sorvetes, doces, frascos, bandejas de supermercados, geladeiras (parte interna da porta), pratos, tampas, aparelhos de barbear descartáveis, brinquedos, etc. Impermeável, inquebrável, rígido, transparente, leve e brilhante; e Outros (ABS/SAN, EVA, PA e PC) no qual se encontram solados, autopeças, chinelos, pneus, acessórios esportivos e náuticos, plásticos especiais e de engenharia, CDs, eletrodomésticos, corpos de computadores etc. (DA SILVA, 2015. p. 149)

PEAD (Polietileno de alta densidade)	Plástico Colorido (embalagens de produto de limpeza), tampinhas e plástico leitoso (embalagens esbranquiçadas)
PVC (Policloreto de Vinila ou cloreto de vinila) e PP (Polipropileno)	Plástico duro, pedaços de cadeira, e caixas de bebida, brinquedos, mangueiras, potes, canos e etc.
PEBD (Polietileno de baixa densidade)	Sacolinhas de todas as cores e saco de lixo preto

Na ponta da esteira é o lugar mais trabalhoso, pois é onde se abre as sacolinhas de lixo e tudo pode se encontrar ali, desde fraldas sujas, carne podre e afins. Couto (2012) em seu trabalho junto a uma associação de catadores e triadores de materiais recicláveis em São Paulo capital, apontou para o árduo trabalho desse lugar da esteira, e como havia um rodízio entre todos em todos lugares da esteira. Na ARESP havia também um constante rodízio nos lugares da esteira, porém os lugares de dona Inês e dona Alda eram fixos e elas nunca mudavam de lugar. Ao perguntar a dona Inês a razão disso, dado que o local que ocupava era o mais trabalhoso, ela me disse que compensa trabalhar ali, pois ao mesmo tempo que de fato ela tinha que abrir as sacolas e se deparar em muitos casos com coisas escabrosas, ela e dona Alda eram as primeiras a ter contato com o material, podendo assim pegar as melhores *muambas*, ou seja, objetos postos no lixo que as interessavam e que eram passíveis de uso em suas casas ou venda particularizada como um relógio em boa condição que ela achou uma vez como pude acompanhar. Para uma discussão mais aprofundada sobre o tema da apropriação de objetos ver Da Silva (2012) - Cap. 2. “A apropriação de objetos encontrados no lixo”.

O duto 3 recebia *sacolinhas* de mercado de todos os tipos e cores (PEBD -polietileno de baixa densidade) e o duto 4 recebia os vidros. Do outro lado da esteira no duto 16 se coletava PET transparente (tereftalato de polietileno) e no 15 também era posto vidro. Vale frisar que diferente de todos outros materiais que eram

conduzidos aos *bags* pelos dutos, o vidro, em razão de sua materialidade, caía em tonéis plásticos.

Já a terceira esteira era a maior de todas, possuindo 8 metros de comprimento pela largura de 60 centímetros. De um lado dela encontrava-se sete dutos e do outro três, sendo que ao término dela havia um duto maior que recebia o rejeito, ou seja, o material que não possuía valor e logo assim não era triado e vinha a ser descartado. No duto 5 pegava-se garrafa de óleo de cozinha (polietileno tereftalato), no 6 plástico colorido (polietileno de alta densidade), que geralmente vinha a ser embalagens de produtos de limpeza. Entre esses dutos costumava ficar alguém. No duto 7 pegava-se sacos pretos de lixo (polietileno de baixa densidade) e no 8 papel de pão, papel pardo, tanto dos sacos, como dos rolos de papel higiênico, por exemplo, que eram enfardados junto com o papelão. Outra pessoa ficava nessa posição. Entre o 9 que era novamente sacolinha e o 10 que era destinado para as caixinhas de leite ficava alguém e ao seu lado entre os dutos 10 e 11, que era para as latas de ferro, ficava outra pessoa, que também juntava as latinhas de alumínio, porém as botava em um saco amarrado à estrutura metálica. Do outro lado, os três dutos que havia, coletava-se no 14 *caixinhas de remédios*, no 13 papel branco, entre eles ficava uma associada e no 12 *papel misto*, que vinha a ser jornal, revistas, caixinhas de ovos, tudo que não seja papel branco. Entre esses dois também ficava alguém, que além de triar era responsável pela velocidade do andamento da esteira, bem como de a parar no caso de grande quantidade de material.

A maior concentração de pessoas no final da esteira não era à toa, era lá onde os materiais que vinham em maior quantidade deviam ser pegos, no caso, o papel branco e misto, como me foi ensinado. Outros materiais também eram coletados mas em sacos que estavam espalhados pela esteira como as tampinhas, potes de margarina, que são qualquer pote plástico com a impressão da marca feita na própria embalagem, bem como o *plástico duro* (PVC - policloreto de vinila, PP - polipropileno) que era jogado em um grande recipiente no andar de baixo pelas pessoas que trabalhavam na esteira 3.

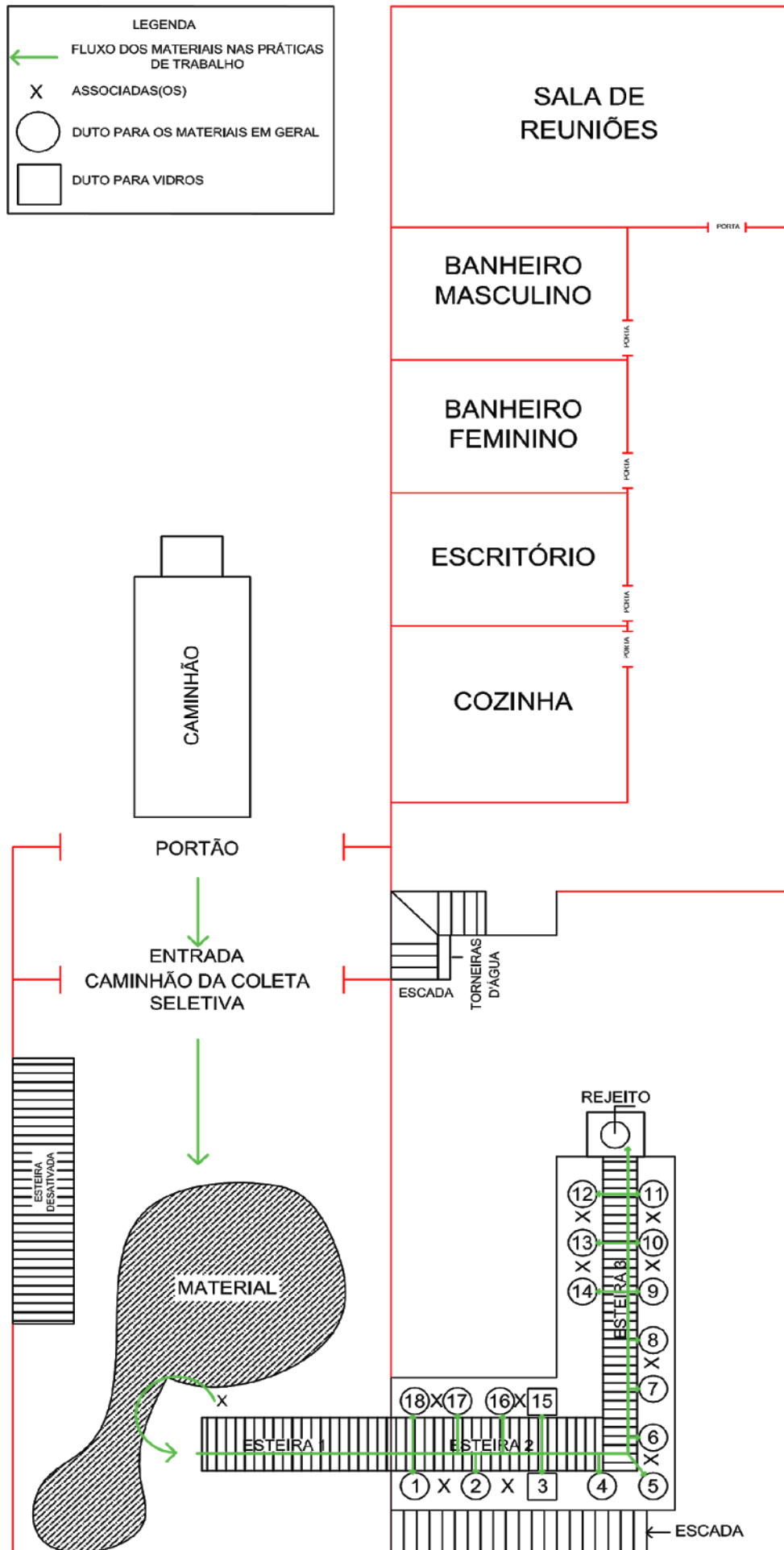
Feito esses apontamentos sobre a esteira, gostaria de trazer a interessante reflexão de Couto (2012) sobre o que ela pôde encontrar na esteira em seu trabalho.

Segundo a autora:

A esteira – presente na grande maioria das cooperativas de reciclagem – é algo bastante paradoxal. Para que funcione, é necessário um grupo de pessoas trabalhando ao seu redor, no entanto, o trabalho é individualizado: cada catador pega diferentes tipos de material sem interação com os demais catadores. Outro paradoxo: ela dá um aspecto de processo fabril, no entanto, seu ritmo é controlado pelos trabalhadores, que a ligam e desligam de acordo com as necessidades do grupo (quando há excesso de rejeito, por exemplo, ou em outras pausas que se fizerem necessárias). Há uma grande contradição nisso, pois, por um lado o trabalho aproxima-se de um processo fabril, nos moldes de uma “linha de produção” “taylorista-fordista”, por outro lado, são os próprios trabalhadores que dão o ritmo. É uma falsa sensação de liberdade porque, se trabalham por produção, as pausas e intervalos refletem diretamente na sua renda, a despeito da “liberdade” que existe para fazê-los. (COUTO, 2012. p. 84)

Diferente do que a autora encontrou em sua pesquisa, na ARESP mesmo o trabalho de fato sendo individualizado, dado que cada associada tinha como incumbência pegar de dois a quatro tipos de material em média, o diálogo na esteira era generalizado, sendo os momentos de silêncio a exceção à regra. Já o segundo paradoxo apontado pela autora está totalmente de acordo com o encontrei em meu trabalho junto a Associação. O caráter industrial com contornos de uma linha de produção “taylorista-fordista” são evidentes pela própria história e modo operante que a esteira dá ao trabalho aqui discutido. A falsa sensação de liberdade oriunda da possibilidade de parada controlada pelas associadas, aponta a pesquisadora, entra em choque com os ganhos por produção que são tidos pelas mesmas. Abaixo segue o fluxograma (Figura I) dos materiais nas práticas de trabalho do 2º pavimento da Associação para elucidar as questões expostas até então. As setas verdes que foram traçadas levam em consideração o fluxo dos materiais em detrimento das práticas da esteira à mediar e exercer a transformação material na respectiva fase da cadeia operatória aqui descrita.

Figura I - Fluxograma dos materiais - planta baixa 2º pavimento ARESP



Na esteira, como aponta Couto (2012), ocorre o aprendizado sobre a classificação e separação dos materiais, esse processo sempre está ocorrendo pela infinidade de maneiras em que os materiais podem aparecer. Madá sempre me falou que para se trabalhar bem era necessário conhecer os materiais, ter disposição e ser rápida para os coletar. Ela havia feito algumas capacitações para trabalhar com os reciclados e detinha um grande conhecimento sobre eles. O conhecimento para um novato ou até para alguém já experiente no ramo era compartilhado pela forma de um “redescobrimto dirigido”, ou seja:

O processo de aprendizado por redescobrimto dirigido é transmitido mais corretamente pela noção de mostrar. Mostrar alguma coisa a alguém é fazer esta coisa se tornar presente para esta pessoa, de modo que ela possa apreendê-la diretamente, seja olhando, ouvindo ou sentindo."(INGOLD, 2010, p.21)

A importância do “mostrar” um material no trabalho de classificação e separação dos recicláveis é crucial, é necessário “tornar presente” algumas características de um material para o aprendiz o reconhecer. Essas características, principalmente no que dizia respeito aos diferentes plásticos, não eram meramente visuais, mas também táteis e auditivas. Isso era decorrente da necessidade de se sentir a textura de um certo material para saber de que tipo ele era, como no caso do papelão dois que possuía uma de suas superfícies lisa por exemplo. Aqui Madá sempre apontava para um problema com os equipamentos de proteção individual (EPI's). Elas sempre usavam calçados fechados e luvas, basicamente eram esses os EPI's necessários na esteira. O problema acontecia com as luvas.

Para Madá as luvas que haviam sido conseguidas via um convênio eram muito grossas, inviabilizando assim qualquer sensação tátil com o material. Em momentos de dúvida o jeito era tirar a luva para se sentir o objeto. As propriedades auditivas dos materiais eram muito utilizadas para se reconhecer o que era o plástico cristal e o que não o era. Como aprendi, em circunstância de dúvida era necessário amassar o objeto, se ele estalar ou se quebrar não era o plástico cristal. Elenco esse exemplo por ser ele a dúvida mais recorrente com que tive contato em função de haver muitas embalagens transparentes hoje em dia.

Com isso, o que temos aqui seria um processo de “educação da atenção”²³, como aponta Ingold (2010) “não é por meio da assimilação de abstrações mentais ou esquemas que constituem a organização de dados colhidos pelas faculdades sensíveis dos seres vivos que constitui um conhecimento técnico”, mas sim a partir de um engajamento onde “uma sintonia fina ou sensibilização de todo o sistema perceptivo, incluindo o cérebro e os órgãos receptores periféricos junto com suas conexões neurais e musculares, com aspectos específicos do ambiente” (INGOLD 2010, p.21). Por excelência o lugar para se conhecer os materiais e aprender o ofício da triagem era na esteira. Lá tive a oportunidade reconhecer que para se exercer essa prática era necessário um engajamento perceptivo e motor amplo para se executar de forma proveitosa a triagem do material que passava por ela.

Antes de prosseguir com as práticas laborais existentes na Associação, gostaria de marcar uma transformação que consuma-se com a chegada do lixo no galpão. Essa seria a mudança do que se considera lixo em material. Carenzo (2011) ao trabalhar com um grupo de *cartoneros* na grande Buenos Aires - Argentina, aponta para um processo de desfeticização do lixo para produzir o valor que é atribuído quando esse se converte em material. Mas antes de entrarmos nesse caso gostaria de fazer algumas pontuações sobre as questões referentes ao fetiche, e primeiramente ao fetiche da mercadoria para Marx (2011). Para este autor, o trabalhador sentiria um estranhamento perante o produto de seu trabalho, que ele designou como “alienação”, ou seja, o trabalhador não mais dominando as etapas da fabricação e não mais possuindo os meios de produção para tal, acaba não se reconhecendo no produto que veio a produzir, passando o produto assim a não ser mais identificado com seu trabalho, como indicado por Bodart (2016). Logo assim a mercadoria assume um caráter independente em relação ao seu produtor, algo como um feitiço, chegando à ideia de fetiche da mercadoria utilizada por Marx. Para o autor este conceito consistiria em:

²³ Aprender, neste sentido, é equivalente a uma ‘educação da atenção’. Eu tomo esta frase de James Gibson (1979, p. 254), cuja tentativa de desenvolver uma psicologia ecológica, que trata a percepção como uma atividade de todo o organismo num ambiente, em vez de uma mente dentro de um corpo, foi uma grande fonte de inspiração para a abordagem que adotei aqui.” (INGOLD, 2010, p.21)

(sic) uma relação social determinada entre os próprios homens que aqui assume, para eles, a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas. Desse modo, para encontrarmos uma analogia, temos de nos refugiar na região nebulosa do mundo religioso. Aqui, os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, como figuras independentes que travam relação umas com as outras e com os homens. Assim se apresentam, no mundo das mercadorias, os produtos da mão humana. A isso eu chamo de fetichismo, que se cola aos produtos do trabalho tão logo eles são produzidos como mercadorias e que, por isso, é inseparável da produção de mercadorias. (MARX, 2011, p. 206/207)

Marx aponta para a desconexão do valor que a mercadoria assume tanto no seu valor de uso, como do contexto de produção do qual é oriunda, adquirindo por equivalência um valor de troca mercadológico que suprime a rede de trabalho que o constitui. Nessa esteira Taussing (2010) ao discutir as questões do fetichismo da mercadoria, tanto nos canaviais do Vale do Cauca na Colômbia, como nas minas de prata em Potosí na Bolívia, elucida a questão da seguinte forma:

Logo, no caso do fetichismo da mercadoria, as relações sociais são desmembradas e parecem dissolver-se em relações entre meras coisas – produto do trabalho trocado no mercado – que a sociologia das explorações consequentemente mascara como uma relação natural entre artefatos sistêmicos. Um éter de naturalidade – factual e física – oculta e recobre a organização social humana, a significação humana do mercado e o desenvolvimento de uma classe assalariada desapropriada. Em vez do homem como objetivo da produção, a produção torna-se o objetivo do homem – e a riqueza, o objetivo da produção. (TAUSSIG, 2010 p. 61)

Com isso vemos que o fetichismo da mercadoria é o desmembramento das relações sociais, onde a relação entre as coisas tomam o protagonismo fantasmagórico que constitui o caráter fetichista que adquirem. Taussig ao trazer tal reflexão mostra que o “éter de naturalidade” que envolve as mercadorias oculta uma longa rede humana social e econômica que tem como desdobramentos uma “classe assalariada desapropriada”, trazendo como consequência final a produção tornando-se objetivo do homem e a riqueza o objetivo da produção.

Ainda discutindo a ideia acerca de fetiche, Latour (2015) discorre sobre uma perspectiva diferente ao operacionalizar tal conceito. “*Faitiches*” para o autor um termo utilizado para pensar as relações sociais entre humanos e não humanos que viria a constituir os *faitiches*, não sendo estes apenas atributos dos artefatos, e tão pouco seriam apenas dos seres humanos, mas são sim fruto da relação

estabelecida pelos agenciamentos de ambos. Para o autor *faitiches* é uma expressão que traria

(sic) a partir das palavras feito/fato e fetiche, na qual as primeiras são o objeto de um discurso positivo de verificação e a segunda de um discurso crítico de denúncia, ao adicionar nos dois lados o trabalho de fabricação uma vez que o verbo fabricar, como sabemos, é a raiz do trabalho científico de estabelecimento dos fatos (“os fatos são feitos”) como da etimologia da palavra fetiche. (LATOURE, 2015 p. 126)

O que gostaria de salientar com essa proposição de Latour, é que aquilo que chamamos de lixo, não difere do que virá a ser o material para os associados, são em alguma medida frutos de redes onde diversos agentes estão a se relacionar e a fabricar os *faitiches* oriundos das ações de diferentes entes nessas redes. Quando consumimos algo, uma embalagem passível de ser reciclada e a colocamos no lixo, encontramos em alguma medida um processo de desfeticização onde o que representava uma mercadoria torna-se lixo. Se o descarte implica esse processo de desfeticização do produto para uma embalagem descartada, que antes era composta por uma das facetas do fetiche da mercadoria, sendo algo que não só confere valor para o produto, como também é uma chamariz para o consumo de determinado objeto como propagando do mesmo, o que interessa aqui é outro processo igualmente de desfeticização onde o lixo se insere em outro regime de valor, um valor material. Mas isso só o é assim em razão de ser mediado por uma série de práticas, desde o consumo, a coleta seletiva, a entrega desses materiais para a Associação e a demanda de um mercado que compre tais materiais. O que tento explicar com isso é que os fetiches e desfeticizações aqui discutidos, existem por vias de numerosos agentes e práticas que estão a mediar tais existências.

O caso com o qual tive contato, o lixo chegava no galpão e passava pelas práticas de reconhecimento e separação, esse lixo triado se transforma em material, como o autor aponta:

Luego de la desviación los residuos “se convierten” en material a través del trabajo de Ramón y sus compañeros, encarnando este pasaje de un régimen de valor al otro. Con ello la misma materia (antes como basura y ahora como material) se inscribe en otro entramado de relaciones sociales, en otro circuito productivo, en otras formas de nominarla y relacionarse con ella. (...) Esta transformación requiere la puesta en práctica de un dedicado expertice para “separar” (identificar, clasificar y acondicionar) los diferentes

tipos de papeles, cartones, envases de vidrio, metales y plásticos provenientes de la recolección diferenciada. (CARENZO 2011, p. 23/24)

Tendo em vista os apontamentos acima, vemos que durante as práticas laborais executadas na esteira, classificação e separação, o que antes era lixo torna-se diferentes tipos de material e rejeito, sendo esse segundo o que será direcionado ao aterro, mantendo-se no mesmo regime social a que antes pertencia. Os materiais triados a partir desse processo inserem-se em outro regime social, deixando de ser lixo para se tornarem material, fonte de renda para todos associados. Assim se dá o processo de desfeticização do lixo para o novo regime de objetificação, onde esse adquire um novo valor, simbólico, econômico e material, voltando a ser mercadoria, ao estarem compondo novas redes, sendo fabricados por essas e também as fabricando. Porém as práticas em cima desses materiais não acabam aqui, vejamos o próximo estágio da cadeia operatória aqui observada.

2.2.2 As práticas da prensa

Aqui vamos para o 1º andar da Associação, é nele onde se localizam os *bags* cheios de material, os por encher que estão presos na estrutura metálica embaixo dos dutos, as prensas, os fardos e os carrinhos para se levar estes. O andar térreo é extenso e neles trabalham apenas homens, cinco para ser mais exato. Entre eles ficam duas pessoas que tem como incumbência dar ajuda aos preneiros em colocar o material na prensa, mas que tem como principal função sempre estar atentos aos *bags* da esteira para os retirar quando esses estão cheios e os arrastar e realocá-los no devido lugar para o preneiro os pegar na hora de fazer os fardos. Outra importante função destes é retirar o *bag* cheio de rejeito e largar esses em uma *caixa* fora do pavilhão, que era recolhida a cada duas semanas pela Comcap, que a trocava por uma caixa vazia e levava a cheia de rejeitos. Nunca souberam me informar muito bem a capacidade dela, mas por estimativa cabia de 20 a 25 toneladas de rejeito nela. Eram Pedrão que tinha em torno de 45 anos e Dante de 19 anos que executavam tais funções.

Seu Jorge que tinha por volta de 60 anos, era incumbido de cuidar dos vidros. Tanto o vidro como o ferro eram colocados em valas de cimento localizadas fora do pavilhão. O ferro por ser um material de fácil manuseio era apenas jogado em seu respectivo lugar e quando essa vala estava cheia se ligava ao comprador do material. Já o vidro era um material um pouco mais problemático. Este além de ser muito consumido de diferentes formas, e logo assim existir em grandes quantidades, esse material descartado, em razão de quebrar-se fazia muito sujeira e necessitava de uma atenção especial. Seu Jorge era o vidreiro da ARESP, e estava sempre varrer e pegar o vidro triado na esteira.

O vidro era vendido quase sem ser triado. As únicas garrafas que eram vendidas a parte eram as de whisky da marca Johnny Walker por R\$0,40 centavos a unidade e as garrafas de cachaça das marcas Velho Barreiro e 51 por R\$0,20 centavos a unidade. O resto era vendido da mesma forma, seja a garrafa inteira ou o caco de vidro, o quilo desse material seria comercializado por R\$0,03 centavos. Porém seu Jorge me contou que há tempos atrás as garrafas de diferentes bebidas eram triadas e vendidas a parte, mas em razão de não haver mais interesse do comprador por esse produto, não se fazia mais a triagem dessas, a não ser dos dois tipos de garrafas citadas acima.

A ARESP possuía duas prensas, uma prensa grande que conseguia fazer fardos de até 500kg para papelão e papel branco e uma pequena que fazia todos os outros tipos de materiais fazendo fardos de até 250kg. Apenas o ferro e o vidro em razão de sua natureza material não eram enfardados, eram depositados em valas fora do galpão de triagem. Com ajuda de caminhões com grandes caçambas e garras sucateiras estes materiais eram recolhidos.

A prensa grande era operada por Éder, filho de dona Alda²⁴, e localizava-se próximo a esteira em razão de todo o papelão ser pego e jogado para próximo dela, não sendo um material posto nos *bags* em razão do seu volume. Os fardos feitos nessa prensa eram pesados, e se usava um carrinho de mão para os levar para o

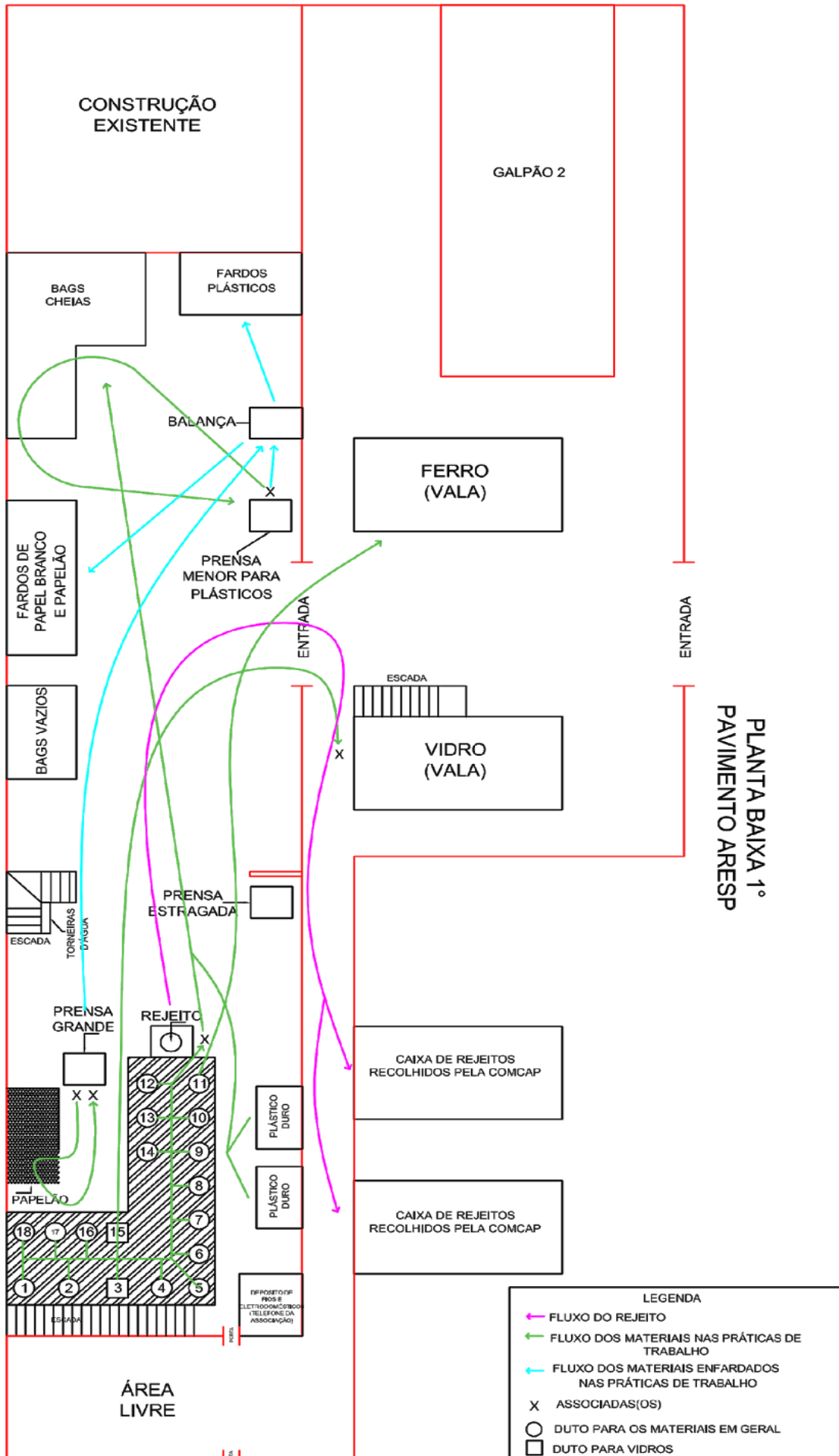
²⁴ Havia outras duas filhas de dona Alda que trabalhavam na ARESP na esteira, eram a Marta e Ondina. Por sinal a Ondina era casada com o outro preneiro chamado Jonas. A esposa de Éder também trabalhava na esteira da ARESP.

seu devido lugar. Pedrão e Éder empurravam o carrinho juntos em razão do peso dos fardos. A prensa menor era operada por Jonas, e nela se faziam fardos dos outros materiais em razão do seu menor peso; ao serem retirados da prensa eram *rolados* até onde aguardavam sua venda.

O lugar em que se depositava os fardos e os *bags* cheio de material eram estratégicos. Segundo me foi dito, os fardos e as *bags* ficavam no final do pavilhão pois lá havia um portão, o que impossibilitava que os catadores da rua encostassem seu material rente às paredes do galpão da Associação. Diferente do que ocorria próximo as caixas de rejeito, onde os catadores da rua não só encostavam seu material, como em alguns casos faziam *barracos* temporários para viver por ali.

Como vimos acima, na passagem do incêndio provocado pelo Enéas, realocar os materiais para outro lugar do pavilhão, já que antes pelo que pude entender, os fardos e *bags* ficavam próximos da onde localiza-se hoje em dia a estrutura da esteira no andar térreo, foi uma medida técnica de segurança tomada para não se dar '*sorte para o azar*' como me diziam. Caso outra *bituca* fosse jogada e assim começasse um incêndio por ali, o fogo não se espalharia com tanto facilidade, dado que dentro da ARESP não haveria material '*dando sopa*' naquela região para o fogo se alastrar. Para melhor entender a área de depósito dos fardos e lugar das prensas ver Figura II. As setas verdes continuam a ser o fluxo dos materiais nas práticas de trabalho; as setas azuis são os fluxos dos materiais enfardados na prática de trabalho; e as setas rosas são referentes ao fluxo dos rejeitos.

Figura II - Fluxograma dos materiais - planta baixa 1º pavimento ARESP



Como na esteira, os EPIs que eram utilizados entre esses associados eram sapatos fechados e luvas e, em razão do som alto que a prensa emitia, os preneiros usavam também protetores auriculares. As técnicas empregadas nas prensas, seja ela grande ou pequena, eram sempre as mesmas. A primeira coisa que deve ser levada em consideração é se existe material suficiente para a *prensa pegar pressão* e logo assim se conseguir fazer um fardo. Isso acontece pois o martelo de compactação quando acionado desce e prensa o material até um certo ponto mas, se houver pouco material, esse não oferecerá resistência ao martelo e assim não estará a prensar nada. Abaixo na Figura III vemos o modelo de prensa enfardadeira e suas partes que eram usados na ARESP como em todas as outras associações que visitei.

Figura III - Prensa enfardadeira de materiais



Fonte :<http://www.bittenmaquinas.com.br/prensas-enfardadeiras/>

Como dito acima, para o preneiro, saber a quantidade de material necessária para se fazer um fardo é essencial. Os fardos seguem um padrão que leva em conta o tamanho da porta de retenção de resíduos. Para se fazer um fardo de caixinhas de leite, plástico cristal e sacolinha, são necessários em média 5 *bags* cheios; para se fazer um fardo de PET, leitoso, colorido ou plástico duro são usados 2 *bags* cheios; fardos de garrafa de óleo e potes de margarina pedem 4 *bags* cheios. Esses

materiais, vale frisar, eram prensados na prensa pequena da associação. Já os materiais que eram enfardados na prensa grande, seguiam a seguinte lógica: para se fazer um fardo do papel branco de 3 a 4 *bags* cheios; de papelão II se estimava que seriam usados de 2 a 3 *bags*; e do papel misto eram usados de 3 a 4 *bags*. O papelão não era separado e posto em *bags*, logo assim não há estimativa acerca desse material. Aqui ressalto que também que a medida da porta de contenção de resíduos na prensa grande não era utilizada, pois se os fardos levassem tal medida em consideração, seriam muito pesados e de difícil manuseio para a organização destes no pavilhão.

Figura IV - Big Bags 500 litros



Fonte: https://reciclabag.com.br/site/fotos-produtos/bigbagn/BigBag_ReciclaBag_3.jpg (Último acesso: 26/08/2020)

Resumidamente ao ter-se a quantia de *bags* necessária de material, se inicia o processo de enfardamento. Coloca-se na base da prensa um saco plástico, geralmente de ração de cachorro, esvazia-se um *bag* no chão e começa a se alimentar a prensa com o material, pegando-o do chão com um galão de 20 litros. Ao se encher bem a prensa, fecha-se a porta de segurança para essa reter o material e aciona-se o martelo de compactação para descer e prensar o material. O martelo vai até onde o material oferece resistência. Chegando nesse ponto se coloca o martelo de compactação para cima e se coloca nova leva de material, fecha-se a porta de segurança e aciona-se ele novamente. Isso é feito até o material compactado chegar à medida desejada pelo preneiro, como já explicado acima.

Para o acabamento do fardo coloca-se outro saco plástico na parte superior do fardo, que serve para conter o material, abre-se a porta de retenção de resíduos e com um caninho de metal fino de uns 15 centímetros, vazado, que os preneiros chamam de *agulha*, irá se amarrar o fardo. Coloca-se a corda de plástico no meio da *agulha* e embaixo do fardo existem algumas aberturas para se passar essa, bem como em cima, dado que a amarração acontece com o martelo de compactação a pressionar o fardo. Amarra-se o fardo quatro vezes, para ele ficar bem firme e não se desmanchar.

Feita a amarração é a hora de se retirar o fardo da prensa. Para isso utiliza-se uma corrente a qual, como se pode ver na Figura III, deve ser presa ao martelo de compactação que ao ser posto para cima tensiona a corrente que irá empurrar o fardo para fora da prensa.

Figura V - Fardos de garrafa PET e PET Cristal



Fonte: www.mfrural.com.br/detalhe/320879/compro-fardo-de-pet-somente-carga-fechada#carousel (Último acesso: 26/08/2020)

As práticas de enfardamento eram algo que agregava valor ao material e distinguiam as práticas dos catadores da associação dos catadores de rua que vendiam o material solto. Carengo (2014) ao discutir as tecnologias de processamento para a profissionalização de uma cooperativa, aponta para o caráter que vai para além do econômico em relação a implementação de um objeto técnico como a prensa. Ele discute a relação entre tecnologia e organização do trabalho que implica tal objeto e sua constituição, e o sentido sócio político que envolve no caso discutido pelo autor, a construção da prensa, e a sua utilização. Aponta que:

Este artefacto se vuelve indicador de un determinado nivel técnico alcanzado, reconocido por los otros actores de la cadena comercial del reciclado, estableciendo diferencias dentro del mundo cartonero, (...). Como señala Webb Keane (2001), las propiedades físicas de los objetos y artefactos imprimen una plasticidad semiótica que excede por mucho sus atributos convencionales. (CARENZO 2014, p.125)

Dessa forma, como bem assinala Carengo, podemos ver que além das implicações econômicas, a prensa enfardadeira carrega consigo outras implicações semióticas, agregando um caráter profissionalizante para os catadores de materiais

que trabalham com essa, e imprimindo nos próprios materiais, via prensagem, tal diferenciação.

No que diz respeito a feitura do fardo vale marcar que o que é levado em consideração, como já explicitado, é o caráter material que compõem os objetos e não os objetos em si. O que é levado em conta no processo de desfetichização aqui discutido é justamente a possibilidade de transformações desses objetos que chegam ao galpão como lixo em materiais pelas vias práticas aqui discutidas. Como aponta Ingold,

Longe de serem coisas inanimadas tipicamente imaginadas pelo pensamento moderno, materiais, neste sentido original, são os componentes ativos de um mundo-em-formação. Onde quer que a vida esteja acontecendo, eles estão incansavelmente em movimento – fluindo, se deteriorando, se misturando e se transformando. (INGOLD, 2015, p.61)

Marcando com isso é que o processo de desfetichização do lixo em material e o processo de objetificação, onde esse volta a se tornar mercadoria, passando a adquirir valor, são propriedades que ocorrem em um *ambiente* (Ingold, 2015, p. 65) que se desdobra continuamente em relação aos entes que o compõem. De maneira que,

(sic) as propriedades dos materiais, consideradas como constituintes dos materiais de um ambiente, não podem ser identificadas como atributos essenciais fixos de coisas, mas são, ao contrário processuais e relacionais. Elas não são nem objetivamente determinadas nem subjetivamente imaginadas, mas praticamente experimentadas. Nesse sentido, toda propriedade é uma estória condensada. Descrever as propriedades dos materiais é contar as histórias do que acontecem com eles enquanto fluem, se misturam e se modificam. (INGOLD, 2015, p.65)

Pensando que as práticas aqui discutidas no processo de desfetichização e objetificação são maneiras de experimentar tais materiais e desenvolver um conhecimento engajado com o ambiente que é constituído na Associação. Cada explicação que me era concedida nas diferentes práticas apresentadas no capítulo são maneiras de contar essas estórias dos materiais e das propriedades que interessam no respectivo regime de valor em que esses necessitam serem inseridos para ganharem valor social e monetário.

Prosseguindo, ao perguntar qual era a média de fardos que eles produziam num dia, fui informado que eram feitos de 5 a 8 fardos se houvesse material

suficiente, porém, um dia de 8 fardos era um dia para *matar* como me dizia Jonas. Outra questão importante que aparecia no momento do enfardamento eram as *surpresinhas* no meio das *bags*, os ratos!

Os ratos²⁵ (*Rattus rattus*) habitavam a ARESP em peso, sempre me falavam que a responsabilidade pela desratização da associação era incumbência da Comcap, mas que em muito deixava a desejar nesse quesito. Bastava o movimento da associação parar que eles apareciam. Ao conversar com os preneiros, havia muitas histórias de ratos prensados e sustos tomados. De fato, muitos *bags* estavam roídos e os preneiros, como todos integrantes da associação, já haviam desenvolvido um conhecimento sobre em quais *bags* de material eles podiam vir a ter um encontro com os roedores. Esses animais são um índice que evidencia a dificuldade de existir uma separação total entre o resíduo que é seletivo e orgânico.

Ao se mexer nos *bags* de caixinha de leite e saco de pão, que era prensado junto com o papelão 1, a possibilidade de haver um rato era grande e a causa era muito simples, nesses materiais haviam restos de comida e os ratos iam atrás deles. Outro material que sempre havia ratos era o papel cristal, porém não era em razão da comida que esses buscavam esse tipo de material, mas sim por causa do calor. Segundo os associados esse material era o mais *quentinho*, ideal para os roedores se aconchegarem. Em suma os ratos fazem parte do dia a dia em uma associação de reciclados, o controle de desratização é problemático e os problemas com os vizinhos da ARESP é ponto de pauta em diversas reuniões da comunidade do Chico Mendes.

2.2.3 As práticas de venda e partilha

A venda dos materiais enfardados era feita para um intermediário entre os associados e o setor industrial a cada quinze dias. Na ARESP havia um comprador dos materiais nobres, os metais, como alumínio, cobre, ferro, antimônio entre outros; e o comprador dos outros materiais. Diferente do que acompanhei em outros lugares

²⁵ Ratos são considerados vetores de doença, ou seja, são capazes de transmitir doenças a diferentes animais, incluindo o ser humano. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Rato-preto>

e pela bibliografia existente do tema, não eram buscados diferentes compradores para se ganhar um valor melhor. As relações de compra e venda do material na ARESP eram cristalizadas e se davam sempre com os mesmos atravessadores. Não cheguei a conversar de forma profícua com esses compradores, mas presenciar os dias em que estes iam buscar os materiais bem como o dia da partilha, dia em que o dinheiro da venda dos materiais era repartido entre os associados. Abaixo segue uma tabela com os preços dos materiais. Observando-se que durante o trabalho de campo aqui exposto não houve mudança alguma nos preços.

2. Tabela de Preços dos materiais comuns - ARESP

Material	Preço p/kg
Papelão 1	R\$0,45
Papelão 2	R\$0,30
Papel Misto	R\$0,30
Papel Branco	R\$0,50
Plástico Leitoso	R\$1,40
Pet. Cristal	R\$1,70
Pet. Colorido	R\$1,60
Plástico Colorido	R\$1,30
Plástico Cristal	R\$1,00
Sacolinha	R\$0,40
Saco preto	R\$0,45
Caixa de Leite	R\$0,20
Tampinha	R\$0,40
PVC	R\$0,60
Azeite	R\$0,25
Margarina	R\$0,40

Vidro	R\$0,03
-------	---------

3. Tabela de preços dos materiais nobres - ARESP

Material	Preços p/kg
Latinha	R\$3,30
Inox	R\$1,80
Ferroso	R\$0,40
Cobre	R\$16,00
Chapa (embalagem de alumínio de desodorante)	R\$3,00
Metal	R\$7,20
Fio (fio de cobre sem estar descascado)	R\$4,60
Antimônio ²⁶	R\$1,30

Conforme Couto (2012),

É interessante observar que no setor de reciclagem quem estabelece o valor dos produtos é o comprador e não o vendedor, ao contrário do que acontece em outros segmentos da economia. Ao dizer o quanto vale cada material, o comprador, que, geralmente, é um atravessador ou intermediário, dá início a toda uma cadeia de exploração da mão de obra dos catadores, que estão na base dessa pirâmide. (COUTO, 2012. p. 112)

Nos casos que acompanhei o mesmo acontecia, e como dito acima, na ARESP sem mesmo uma pesquisa para ver qual comprador pagaria mais. Tal situação desenrola-se em grande medidas em razão de não haver muitos compradores para tais mercadorias, não existindo muita margem para negociação e possibilidades de melhores preços.

A administração em linhas gerais da venda e partilha eram centralizadas na figura da dona Inês, presidenta da associação, que havia estudado até a 5ª série do ensino fundamental. Essa nos altos de seus 64 anos, centralizava a grande maioria

²⁶ <https://pt.wikipedia.org/wiki/Antim%C3%B4nio>

das responsabilidades da Associação, situação muito comum nas Associações de Reciclagem, como a pesquisadora citada acima constatou em seu trabalho.

A falta de procura por melhores condições de venda, mesmo nesses moldes exploratórios, e a cristalização das relações de compra e vendas tida na ARESP, eram sintomáticas da sobrecarga de trabalho existentes em dona Inês, e das necessidades da Associação. Tal cristalização é um reflexo das necessidades de venda dos fardos em razão do pouco espaço existente para se guardar estes na Associação, bem como a necessidade de transporte existente dos materiais para as empresas de reciclagem que a Associação não tinham como fazer pois não possuir nenhum tipo de veículo móvel.

A partilha feita na Associação era total, ou seja, todo o valor obtido na venda do material era dividido de forma igualitária entre todos os associados. Ela dava-se da seguinte forma. Uma quinzena possui 10 dias úteis, na ARESP havia um caderno ponto onde tanto na manhã quando os associados chegavam, como após o almoço no turno da tarde esses tinham que assinar. Dado que o valor obtido a cada quinzena é variável, para se saber quanto cada associado deveria receber por dia de trabalhado, pegava-se o valor total recebido (descontava-se R\$100 por partilha para se pagar a conta de telefone e internet, bem como a contadora que auxiliava a Associação), e dividia-se o valor total pelo quantia de dias trabalhado pelos associados conforme o caderno, havendo esse valor para cada dia de trabalho, voltava-se ao caderno e via-se quantos dias cada associado trabalhou, fazendo assim os cálculos para se saber quanto cada um deveria receber. Nos meses em que estive lá, a quantidade de fardos produzida por semana era de 40 a 60 fardos²⁷, sendo trabalhado por dia entre 6h a 7h, um associado que não faltava nenhum dia de uma quinzena ganhava em torno de R\$400 a R\$480.

A venda do material ocorria na quinta-feira, dia que os compradores buscam os fardos e o material na própria Associação e efetuavam o pagamento. Esse era um dia trabalhoso para os homens da Associação que tinham de auxiliar no

²⁷ Além dos fardos vendiam-se os materiais nobres também, esses agregam algum valor a partilha, mas sempre de forma bem minoritária.

carregamento dos fardos no caminhão que os vinha buscar. Na sexta feira, pela manhã dona Inês trabalhava na partilha, calculando o quanto cada associado receberia, enquanto isso era feita uma faxina geral na associação. Na segunda que estava por vir uma nova quinzena iniciava-se, a torcida por uma quinzena com mais material era o desejo de todos e sempre era assuntos dos associados²⁸.

O que não era triado, enfardado e vendido continuava a ser rejeito, ou seja, não foi desviado do aterro, e conseqüentemente era destinado para esse. O rejeito gerado nessa parte do processo de reciclagem aqui abordado, era posto nas caixas de rejeito, como elucidado acima. Estas eram recolhidas pela Comcap e levadas ao aterro sanitário de Biguaçu. A coleta do rejeito deveria ocorrer quinzenalmente, a Comcap era responsável por tal trabalho. Recolhe a caixa cheia de rejeito com um caminhão *muck*, veículo que possui um guindaste hidráulico em sua caçamba utilizado para movimentação de cargas pesadas, e deixar uma caixa vazia para ser enchida. Vale pontuar que a questão da coleta do rejeito na Associação era algo problemático, sendo que em muitos casos ela podia ocorrer só mensalmente, dificultando o trabalho dos associados por não haver lugar adequado para se destinar o rejeito oriundo do processo de triagem.

Com isso, retomando a ideia exposta acima sobre o processo de desfetichização e objetificação, no qual o lixo torna-se material, aqui vemos a ação final que coroa esse processo no que tangencia as práticas que concernem a Associação. Com a venda dos fardos para o comprador, vemos mais um desdobramento da inserção do material nesse regime social que valoriza o que antes era descartado por vias das práticas aqui observadas.

²⁸ Uma quinzena sim e outra quinzena não a ARESP recebia materiais (papel, papelão e plástico leitoso) do HU - Hospital Universitário, em razão de um convênio firmado com estes. Esse era o único convênio vigente da ARESP, salvo algumas doações rarefeitas feitas por empresas e órgãos da justiça. Sempre que uma doação dessas aparecia o quinhão proveniente da quinzena aumentava.

3 Reciclando na prática: a cadeia operatória da Associação Sul Recicla

Esse capítulo trata da experiência etnográfica vivenciada na associação de reciclagem de resíduos sólidos secos chamada Sul Recicla, localizada dentro da ilha de Florianópolis na região sul da ilha, mais especificamente no bairro da Tapera. Como apresentado no capítulo anterior o trabalho de campo desenvolveu-se nos meses de setembro, outubro e novembro, indo-se a campo de duas a três vezes por semana. Como no capítulo anterior, antes de adentrarmos o trabalho de campo gostaria de trazer um pouco da trajetória dessa Associação.

3.1 Um pouco de outra trajetória

A Associação Sul Recicla possui uma trajetória recente que se inicia em março de 2018 partindo da iniciativa de Dona Regina, atual presidenta da mesma. No dia 26 de setembro de 2019, por meio de uma entrevista, Dona Regina me contou um pouco de como foi a trajetória desde a idealização a criação da Reciclagem, e dos muitos desafios enfrentados até então para manter a Associação aberta.

Dona Regina tinha 41 anos, é natural de Quedas do Iguaçu - Paraná, mora na ilha de Florianópolis desde seus 17 anos, tem 4 filhos e pôde estudar até a 5ª série do ensino fundamental. Antes de abrir a reciclagem, atuou nos mais diversos trabalhos, sendo de cozinheira seu último trabalho antes de abrir a Associação. A ideia de se abrir tal negócio como me relatou Dona Regina, surgiu em um período em que estava desempregada. Sua filha mais velha veio a assistir uma palestra na faculdade onde estudava acerca do tema e trouxe a ideia para casa apresentando-a a sua mãe. Como me relatou Dona Regina:

Regina- Bom a reciclagem entrou na minha vida assim. Agente estava em um jantar de família e eu tava lavando a louça, lavando as caixinhas de leite, que eu sempre lavava. A partir do momento que eu tive conhecimento da coleta seletiva eu sempre separei meu material em casa né. Ensinava as crianças e as crianças me ensinaram. Aí eu pensei, poxa se eu

vendesse a quantidade de lixo que eu produzo na minha casa eu ia ficar rica e ia ajudar muita gente, brincando... Ai minha filha falou: Oooh mãe, lá na faculdade eu fui numa palestra sobre o meio ambiente, sobre o material reciclável, que agora as pessoas estão tendo mais conhecimento, que as pessoas estão tudo querendo proteger um pouco da Natureza. (Entrevista na Sul Recicla, 26 de outubro de 2019)

Aqui inicia-se a história da Sul Recicla, Dona Regina estimulada por sua filha e com ajuda da mesma, começou a buscar um local adequado para montar o galpão da reciclagem. A reciclagem como já foi falado, localiza-se no bairro da Tapera, região sul da ilha de Florianópolis. O galpão que pude conhecer não foi o local em que a Associação começou. Sobre a fundação da Sul Recicla, ela relatou:

Regina - Nós começamos a reciclagem em março de 2018. A gente alugou o galpão. Ai antes de fecharmos o contrato, nós fomos lá na Comcap e falamos com a Rita²⁹. Entendeu? Que a gente queria pegar o material e como funcionaria? Daí, - o minha Sra. pra gente poder ceder o material pra vocês eu preciso ir lá no local e avaliar se vai dar certo -. Ai ela veio, avaliou, ela disse que sim, agora vocês precisam abrir uma Associação, formalizar a documentação. Daí ela começou a dar o suporte para nós, das licenças né? O que a gente precisasse ela estava ali. Ai eu paguei a advogada pra poder desmembrar os documentos, fazer os documentos tudo certinho. É.. fui no bairro, convidei cada catador, cada morador que fazia essa coleta seletiva ali, eles vão lá e catam na rua e vendem de carrinho, entendeu? Ai eu chamei eles pra gente fazer essa Associação, para formar ela. Ai todo mundo gostou, adorou, aí fomos. Ai quando começamos a trabalhar que a gente vendeu a primeira carga, aí foi complicado demais... O caminhão deu 500 reais, um caminhão cheio de material. Ai eu comecei a ir atrás da prensa, comecei ir atrás pro... cara trazer pra gente. Pro Ricardo³⁰, porque o Dorival³¹ tinha indicado o Ricardo pra nós, daí o Ricardo falou, aah mas vocês tem pouco material, aah eu não posso levar a prensa... Mas o galpão é pequeno,

²⁹ Rita Rodrigues é uma engenheira sanitária que trabalha na Comcap dando suporte às associações na regulamentação jurídica e ambiental destas.

³⁰ Ricardo é o principal comprador do material produzido na Sul Recicla.

³¹ Dorival dos Santos é o principal representante do MNCR - Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis em Santa Catarina. Para maiores informações: <http://www.mnrc.org.br/> (último acesso 02/04/2020)

eu preciso da prensa como que eu vou acolher, Só que lá na frente, no outro galpão vinha bastante material para nós. Vinha 4, 5, 6 caminhões... (Entrevista na Sul Recicla, 26 de outubro de 2019)

Aqui gostaria de deixar marcado a primeira fase, vamos dizer assim, da Associação Sul Recicla. O primeiro galpão que foi utilizado para a Associação localizava-se no mesmo terreno do atual, porém este estava a frente próximo a Rodovia Aparício Ramos Cordeiro - nº 1500. Nessa primeira fase como aponta Dona Regina, a Sul Recicla não possuía a prensa enfardadeira, logo assim os valores obtidos na venda do material solto eram inferiores se comparados a eles enfardados. A passagem do caminhão cheio de material que é vendido por apenas 500\$ reais é emblemática para vermos como a prensa enfardadeira é uma máquina chave na profissionalização da coleta de material e na obtenção de melhores preços. Aqui vale apontar que diferente da ARESP, a Sul Recicla sempre teve que pagar por conta própria o aluguel do galpão que utiliza, bem como a luz e água que consome. Não são todas reciclagens que possuem a ajuda do município em seu funcionamento com as respectivas contas citadas acima, dificultando assim o funcionamento destas. É interessante marcar também que Ricardo ainda é o principal comprador dos materiais da Sul Recicla. E Dorival, representante do MNCR - Movimento Nacional dos Catadores de Reciclados, é dono de um galpão de reciclagem na grande Florianópolis. Infelizmente não o conheci, apenas troquei breves palavras em um dia em que ele esteve ao atual galpão da Sul Recicla dar uma consultoria para dona Regina no que tocava o modo de pagamento dos associados, questão que será abordada mais à frente.

Dona Regina, ainda nesse primeiro galpão conseguiu uma prensa emprestada com Ricardo e, nesse tempo, era recebido bastante material, em torno de 5 caminhões por dia. Havia 12 pessoas que trabalhavam na Associação. Com a boa quantia de material recebida pôde-se fazer implementações importantes no galpão, como a construção de uma cozinha, vestiário e um banheiro. Porém, junto com a grande quantia dos mais diversos materiais que chegavam, havia o vidro.

Dona Regina me falou que nesse tempo do primeiro galpão eles não possuíam uma caixa de vidro para o depositar, e o material acabava por ficar jogado nas redondezas do galpão a se acumular. Em razão da maneira como esse era tratado havia grande dificuldade para vendê-lo. Com isso o dono do complexo de galpões, acabou por realocar a Sul Recicla para um galpão maior mais aos fundos, toda infraestrutura conquistada no primeiro galpão perdeu-se. A seguinte fala de Dona Regina descreve bem a situação:

Eliane - Ai o seu Sérgio decidiu tirar a gente dali porque era muito feio, a gente sofreu pra conseguir caixa de vidro, não tinha jeito, ninguém trazia, ninguém queria pegar e a montueira do vidro ia crescendo. Eu tentei vender pra Pinhais³², tentei arrumar uma carreta, tentei vender lá pra Bauru³³ ... Por que a tonelada do vidro que eles pagam aqui pra nós é 50 reais, lá é 170 reais. (Entrevista na Sul Recicla, 26 de outubro de 2019)

Em janeiro de 2019 a Sul Recicla foi realocada para o novo galpão onde desenvolvi meu trabalho de campo. No período dessa troca de galpões e em detrimento do trabalho de triagem do material ser um trabalho ‘pesado’ e ‘não ser para qualquer um’, a rotatividade de pessoas na Sul Recicla era enorme. Tanto nos tempos em que fiz meu trabalho de campo por lá, como me foi relatado por Dona Regina, havia uma grande dificuldade em formar uma equipe coesa de associados. Ao acontecer a realocação do galpão, muitos associados da Sul Recicla acabaram indo embora e então algo importante na história da Associação aconteceu, a chegada dos haitianos³⁴.

³² Cidade localizada na grande Curitiba, Paraná - Brasil.

³³ Bauru é uma cidade do interior do estado de São Paulo.

³⁴ Dada a complexidade da questão da emigração dos haitianos, venho marcar aqui que não irei me aprofundar nela. Aponto para a tese de doutoramento de Janaina Santos de Macedo (2019), intitulada “Pessoas e mundos em movimentos: migrantes haitianos e senegaleses na região da Grande Florianópolis (SC)”, onde a autora aborda a tais questões com propriedade e profundidade. Trago aqui, apenas a passagem que segue abaixo, sobre as questões da emigração haitiana, que introduz a complexidade social e histórica que atravessa tal assunto.

“No caso do Haiti, inúmeros estudos desenvolvidos a partir de 1990 procuraram analisar o fenômeno da emigração haitiana, principalmente para os Estados Unidos, França, Canadá e outros países do Caribe. Théodore Achille (2007) investigou a dupla nacionalidade de haitianos na diáspora, importante maneira de alcançar participação política nos países de acolhida. Cédric Audebert (2011) avaliou que o sismo de 2010 amplificou a crise estrutural histórica e a importância da diáspora para o Haiti, a partir de sua dispersão através das fronteiras do país, bem como os impactos sociais, políticos, econômicos e culturais resultantes. Segundo este autor a emigração haitiana cresceu ao longo de todo o século XX em decorrência de diversos fatores e resultou no reconhecimento oficial do

Sobre esse período Dona Regina me falou que um motorista da Comcap ao ver a situação da Sul Recicla, do esvaziamento desta, veio a comentar que havia a reciclagem do Xikão no continente, que poderia indicar para ela pessoas para trabalharem lá. Ao conversarem, Xikão veio a passar o número de uma pastoral para Dona Regina que veio a estabelecer contato com esta, e assim foi posta em diálogo com um grupo de haitianos que vieram trabalhar na Sul Recicla. Era um grupo de 15 pessoas que trabalharam um curto espaço de tempo na reciclagem em razão do pouco dinheiro recebido por seu trabalho em razão do pouco material recebido naquele período na Sul Recicla.

Desse primeiro grupo de haitianos que veio a trabalhar na Associação, apenas um deles ficou, Pierre, que vinha a ser o preenseiro da Sul Recicla. Ele veio a trazer uma haitiana para trabalhar na Associação, a Tati, que era a principal tradutora entre os brasileiros e haitianos durante meu trabalho de campo na Associação. Ela veio a trazer um outro grupo de haitianos para trabalhar lá. Porém em junho de 2019 ocorre um trágico acontecimento na Associação, seu fechamento pelo Ministério do Trabalho. Sobre esse ocorrido Dona Regina comentou:

Regina - Alguém não ficou satisfeito aqui com agente e denunciou nós para o Ministério do Trabalho, entendeu? O galpão tava pronto mas faltava dinheiro para a gente colocar o piso. Quando o Ministério do Trabalho veio, faltava colocar o piso, então a gente não conseguia dinheiro para fazer isso aqui. Aí depois disso a gente tinha que dar um jeito, é sempre assim, depois que a corda arrebenta você dá seus pulos. Aí tive que arrumar dinheiro emprestado que to pagando agora pra colocar o contra-piso para a Comcap poder trazer o material. Porque eles não entregam se não tiver o piso. E aí tivemos que botar o piso, fazer o escritório, cozinha, os banheiros tudo conforme eles pediram. Com chuveiro, instalação toda bem organizada e agora falta bastante coisa ainda. Mas a gente está aqui na batalha. (Entrevista na Sul Recicla, 26 de outubro de 2019)

10º departamento (Dizyem-na) em 1991. Esta política de reconhecimento da transnacionalidade dos Estados-nações, conforme Nina Glick Schiller e Georges Fouron (2000), não restringe-se apenas ao contexto haitiano, mas é perceptível também em países como México, República Dominicana, Colômbia e Portugal, que buscam estabelecer políticas públicas e práticas políticas além das fronteiras nacionais. Mas se os Estados tomam para si alguns aspectos da diáspora, são as pessoas que migram que cotidianamente criam e recriam campos sociais transnacionais. (MACEDO, 2019, p.114/115)

Esse episódio nunca foi uma questão das mais esclarecidas em meu trabalho de campo, pela informação que obtive, houve uma denúncia de irregularidades com a legislação trabalhista por lá, porém o que acabou sendo apurado e exigido pelo Ministério do Trabalho foram algumas adequações necessárias na sede física da Associação, bem como a necessidade de um curso básico de formação para o operador da prensa enfardadeira. O fechamento veio a ocorrer no mês de junho sendo que entre os trâmites jurídicos e o tempo de obras para a adequação física do galpão sendo esta a colocação do piso, adequação da cozinha, vestiários e banheiros, as questões relativas a prensa e o preneiro, levaram em torno de um mês e meio para serem solucionadas. No dia 02 de agosto a Sul Recicla reabriu as portas.

Após a reabertura, Dona Regina me falou que foi procurada por alguns brasileiros que já haviam trabalhado na Associação, e pelo grupo de haitianos que estava a trabalhar nela anteriormente. Assim os trabalhos voltaram de volta aos trilhos mas ainda com uma grande rotatividade de associados.

Ao perguntar a Dona Regina se ela gostaria de deixar alguma mensagem acerca de como ela entendia seu trabalho, ela me disse:

Regina - Aaaah, a gente faz bastante coisas assim pela nossa Natureza. Eu acredito que agente tá fazendo um pouquinho daquela parte né.. Poxa eu também faço alguma coisa de bom por alguém, né.. Você bota a sua cabeça no travesseiro e fica tranquilo, entende? Pela Natureza, pelo nosso meio ambiente, pelas pessoas que tem trabalho aqui ó, que são várias bocas ali, é pouco mas tão ganhando. Então eu acho que é um trabalho muito bonito, muito bacana e muito pouco valorizado ainda, porque a gente é muito, muito desmerecido, muito desvalorizado. Mas eu acho que a gente vai plantando todo dia alguma coisa né Paulo. Todo dia uma sementinha aqui, uma sementinha ali. Agora que a gente tem essa possibilidade de ter esse caminhãozinho no futuro, vamos poder coletar, pegar nas casas, vamos avisar os parentes. Ontem eu tava pensando com minha filha, sei lá, em mandar fazer uns sacos de lixos, fazer alguma coisa sabe. Fazer aquilo que te falei. Mas dai eu falei pra ela, agente não pode tirar dinheiro do nosso bolso, a gente tem que ir buscar ajuda. Porque tem gente que tem para ajudar agente. Porque já é um serviço... Né... Que a gente ganha muito pouco, dai se agente vai tirar pra mandar fazer

panfleto, manda fazer saco de lixo... Preparar minha equipe pra passar de meio dia, no bairro todo, pegando de casa em casa. Mas não adianta fazer tudo correndo, é preciso ser uma coisa pessoal. Corpo a corpo, assim e assim. E ir ensinando as pessoas a separar mais. Muita gente já procura a gente aqui, traz seu material também. (Entrevista na Sul Recicla, 26 de outubro de 2019)

Com essa fala de Dona Regina, queria primeiramente a partir do início desta marcar o interessante processo de “ambientalização” em seu discurso. Por esse conceito entende-se:

(sic) um processo histórico de construção de novos fenômenos, associado a um processo de interiorização pelas pessoas e pelos grupos sociais – e, no caso da “ambientalização”, dar-se ia uma interiorização das diferentes facetas da questão pública do “meio ambiente”. Essa incorporação e essa naturalização de uma nova questão pública poderiam ser notadas pela transformação na forma e na linguagem de conflitos sociais e na sua institucionalização parcial.

A ambientalização dos conflitos sociais está relacionada à construção de uma nova questão social, uma nova questão pública. (LOPES, 2006, p. 34)

A preocupação com o meio ambiente presente no início da fala, mostra a operacionalização dessas questões referentes ao problema ambiental que o tratamento dos resíduos sólidos dentro das sociedades hoje em dia, e de forma mais problemática nos grandes centros urbanos. Desde a PNRS/12.305 - Política Nacional de Resíduos Sólidos de 02 de agosto de 2010, tais preocupações ficaram não só mais explícitas na esfera pública, mas também positivadas de certa forma ao serem expressas por diretrizes e metas a serem alcançadas no que tangencia o manejo dos resíduos sólidos. Em específico nos catadores e triadores de recicláveis, podemos ver diversos incisos na PNRS que apontam os seus direitos, e incentivam o seu trabalho e organização. Como exemplo temos art. 6º que versa sobre os princípios desta lei em seu inciso “XII - integração dos catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis nas ações que envolvam a responsabilidade compartilhada pelo ciclo de vida dos produtos;”, no art. 8º que versa sobre os instrumentos da lei no inciso “IV - o incentivo à criação e ao desenvolvimento de cooperativas ou de outras formas de associação de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis;”; no art. 15º que fala sobre Plano Nacional de Resíduos Sólidos no inciso “V - metas para a eliminação e recuperação de lixões, associadas à inclusão social e à emancipação

econômica de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis;”, dentre outras seções que tratam do tema. Para um panorama geral dos mecanismos jurídicos existentes na PNRS visando a proteção dos direitos e desenvolvimento dos catadores de recicláveis ver Severi (2014).

Com isso o que gostaria de salientar é que as preocupações públicas no que concerne o meio ambiente são incorporadas no discurso de Dona Regina não só nas questões ambientais, mas também as sociais que são abordadas na PNRS no que diz respeito aos direitos desses trabalhadores. Assim a problemática social dos resíduos sólidos expressas nas preocupações e diretrizes da PNRS são incorporadas pelos catadores, ambientalizando seu discurso para a luta pelos seus direitos e lugar na sociedade. A fala acima evidencia não só o esclarecimento de Dona Regina sobre o importante papel ambiental exercido pela sua profissão, como também uma conscientização dos estigmas que essa profissão traz consigo. Morbidini (2016) ao falar da situação dos catadores de Belo Horizonte - Minas Gerais, aponta:

Os catadores de lixo, cientes de sua história de sofrimento e marginalização, agora se apresentam também como agentes ambientais, e os setores e os indivíduos da sociedade que são sensíveis às questões ambientais também são sensíveis à valorização de uma profissão há muito ignorada junto com os seus profissionais: os catadores e catadoras de papel, papelão e materiais recicláveis. (MORBIDINI, 2016. p. 94)

Assim como o que pude encontrar na fala de Dona Regina, vemos que há um processo em desenvolvimento de valorização da profissão dos catadores frente a sociedade, que é iniciado com a regulamentação da profissão em 2010 a partir da Política Nacional de Resíduos Sólidos. Não só a PNRS vem a fomentar via políticas públicas tal movimentação, mas os próprios catadores e triadores vêm se organizando e assumindo o papel de agentes ambientais de forma ativa nas cidades. O MNCR por exemplo, desenvolve uma interessante rede de apoio e articulação entre os trabalhadores desse setor. Em Florianópolis pude participar também de algumas reuniões entre técnicos sanitaristas da Comcap e os representantes das associações da cidade de Florianópolis. Lá houveram importantes discussões acerca de como melhorar a educação ambiental dos

cidadãos e maximizar o desvio de materiais do aterro sanitário. O importante papel dos catadores e triadores de materiais recicláveis como agentes ambientais é evidente, exemplo disso é o caso dos catadores de recicláveis em Belo Horizonte³⁵ que assumiram a coleta seletiva na cidade, acontecimento esse comemorado em uma das reuniões em que pude participar em Florianópolis. Quem sabe não seja essa uma meta a se chegar um dia na região ilhéu.

3.2 O dia a dia na Sul Recicla

Costumava ir na Sul Recicla de duas a três vezes por semana. Intercalava os dias de visita entre as associações indo um dia em uma e outro dia em outra. Na Sul Recicla o expediente começava cedo, os associados começavam a chegar entre 7:30 e 8h. Diferente do que acompanhei na ARESP onde todos associados moravam no bairro onde havia a reciclagem, na Sul Recicla haviam associados que moravam no bairro da Tapera, mas muitos outros vinham de diferentes lugares da ilha como da região norte, e no caso dos haitianos em sua grande maioria vinham do bairro de Capoeiras, região continental de Florianópolis. Sejam os associados que vinham do Norte ou do continente, esses para chegarem na reciclagem tinham que encarar de três a quatro ônibus e uma longa jornada dentro destes.

Eu costumava chegar na Sul Recicla entre 8h e 8:30h e permanecia lá até o meio da tarde, às vezes até o meio dia. A jornada de trabalho na Associação estendia-se até as 18h ou 19h, isso dependia do horário no qual o associado havia chegado e assinado o caderno ponto. Geralmente quando chegava na Associação as pessoas estavam acabando de se arrumar para começar o trabalho, algumas trocavam de roupa, outras tomavam um café da manhã e algumas já estavam nas mesas a triar o material.

Nas páginas que seguem, descrevo a cadeia operatória que pude ter contato na Associação Sul Recicla. Haverá alguns pontos que se assemelham às práticas

³⁵<https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2019/09/organizacoes-de-catadores-assumem-servico-de-coleta-seletiva-em-bh/> (último acesso 02/04/2020)

encontradas na ARESP, porém em grande medida há diferenças nas práticas desenvolvidas entre os dois locais. A respectiva Associação como citada acima existe há pouco tempo, na verdade é uma das mais novas reciclagens de Florianópolis. Percebi em meu trabalho de campo que muitas coisas estão a se estruturar ainda nela. Pretendo expor tais questões no seguimento deste trabalho. Como no capítulo anterior o que virá a ser abordado são as práticas tidas na cadeia operatória existentes, levando em conta as mudanças materiais que acompanhei a partir de minha observação.

3.2.1 As práticas da mesa

Tudo começa com a chegada do material no galpão. As associações que possuem o convênio com a Comcap no que tangencia a coleta dos materiais possuem um posicionamento passivo, ou seja, não vão atrás do material de forma ativa como é o caso dos catadores que se utilizam de carrinhos, ou mesmo os catadores de alguns materiais em específico, como latinhas que vão em busca dessas em lixeiras pela cidade. A Sul Recicla é a única reciclagem localizada no sul da ilha de Florianópolis e em razão disso tem uma importante funcionalidade no que tangencia a coleta seletiva para a Comcap no que toca a descarga do material coletado na região. Isso decorre de que os caminhões da coleta seletiva ao completarem um itinerário na região do sul da ilha, na grande maioria das vezes acabam por descarregar os resíduos coletados na respectiva Associação e saem a fazer outra rota na região, não necessitando se deslocar para outras localidades de Florianópolis para se desfazerem dos resíduos.

Nesta Associação a questão da sazonalidade era muito clara. No verão, como acontece em todas outras reciclagens, há uma abundância de material em razão de o número de pessoas que estão na ilha dobrar em razão do turismo que acontece. Nessa época do ano podem chegar na associação até dez caminhões de material como me foi relatado, porém a realidade que existe durante o ano é bem diferente. Ao acabar o verão os muitos turistas que aproveitam as praias da ilha de Florianópolis se vão, e com eles o consumo e descarte que os acompanha. Durante

o período do outono, inverno e primavera a média de caminhões que chegavam na Sul Recicla era de 2 a 4 cargas de material, de terça a sexta. Em dias da semana como sexta, poderia haver uma quantidade de material maior chegando a Associação, em razão de a coleta seletiva passar em bairros populosos do sul da ilha como o Campeche e parte do Rio Tavares.

O pavilhão da Sul Recicla possui em torno de 30 metros de comprimento por 10 metros de largura e tem um pé direito alto de uns 4 metros em média. Havia duas entradas grandes no galpão, e era por essas entradas que os caminhões da Comcap chegavam de marcha ré e despejavam no meio da Associação o material em geral. O vidro em específico era despejado por último próximo a vala de cacos de vidro, onde este se acumulava, facilitando um pouco do trabalho do vidreiro. Vale frisar que o vidro também vinha misturado com os outros tipos de material, acarretando volta e meia algum machucado em algum associado que estava a trabalhar na mesa, mesmo com esses usando os EPI's, que vinham a ser luvas e botinas. Feita a descarga de material, os caminhões seguiam para o seu próximo itinerário e os associados começavam a *bater o material para cima*, ou seja, jogar todo o material para um canto do galpão onde havia uma grade de contenção até o teto. Era lá que o material deveria ser acumulado, para assim liberar as entradas do pavilhão para a chegada de um próximo caminhão. Enquanto alguns associados *batiam o material para cima*, os outros continuavam a triar o material nas mesas.

Na Sul Recicla o fluxo de pessoas que passavam por lá era enorme. Do início do meu trabalho de campo, até o término do mesmo, creio que apenas 6 pessoas se mantiveram de forma regular como associados trabalhando de forma contínua. A Associação estava ainda em processo de elaboração de seu estatuto e composição de seu conselho. Em razão do grande fluxo de pessoas que vinham trabalhar na Sul Recicla e não duravam mais que algumas semanas, Dona Regina acabou não só por centralizar as funções administrativas, mas também as fundacionais e organizacionais da Sul Recicla. Para se tornar um associado, Dona Regina acabou por estabelecer como norma um período de teste de dois meses para as pessoas

que desejavam se associar. Só após esse período o indivíduo ganharia os direitos de associado na Associação. Poucas pessoas passavam desse período probatório.

A divisão do trabalho na Sul Recicla dava-se da seguinte forma: havia uma pessoa encarregada de cuidar apenas do vidro, o vidreiro ou vidreira; havia o preneiro que era incumbido de fazer os fardos de material; havia três fiscais que tinham como função alimentar as mesas de triagem com material, retirar os bags cheios, colocar novos bags vazios e retirar o rejeito das mesas, ou seja tinham como trabalho fiscalizar e viabilizar o bom andamento das mesas de triagem; e todas as outras pessoas eram triadores nas mesas. As pessoas que vinham a ser fiscais já eram associadas, ou seja, já trabalhavam na Associação por um tempo, no mínimo os dois meses exigidos. Os fiscais tinham uma relação de responsabilidade com o trabalho desenvolvido na Sul Recicla e uma relação de confiança já consolidada com Dona Regina. Logo assim, por essas pessoas já conhecerem melhor o trabalho desenvolvido na reciclagem e terem um senso de responsabilidade com a Sul Recicla, estes associados foram escolhidos para desempenhar a função de fiscais.

No que toca às práticas de triagem, aqui temos as mesas como o principal objeto técnico. Sobre esse assunto, em meu trabalho de campo pude presenciar dois momentos distintos caracterizados pela disposição e utilização das mesas. Em um primeiro momento, logo que cheguei na Sul Recicla havia em torno de 18 pessoas a trabalharem lá. Entre essas, 6 eram brasileiros e 12 haitianos. Havia duas mesas em operação nesse tempo, durante os meses de setembro até meados de outubro, uma era composta por um casal de brasileiros, Luiz de 34 anos e Joana com 22 anos, e a outra mesa grande era composta por 10 haitianos que tinham idades que variavam de 24 até 37 anos. Tal divisão vinha a ocorrer pelo que me foi comentado tanto por Luiz como por Tati, em razão das dificuldades na comunicação necessárias para um bom desenvolvimento do trabalho. Durante meu trabalho de campo cheguei a presenciar alguns climas tensos envolvendo brasileiros e haitianos. Falas incompreendidas viravam supostas piadas que nem sempre eram bem recebidas pelos brasileiros que trabalhavam na Associação.

Nesse primeiro momento o vidreiro era brasileiro, com quem tive pouco contato. Havia três fiscais, Marco de 26 anos, Adilson com 27 anos e Tati com 25 anos, que era haitiana. Tati além de ser fiscal era também a intérprete do grupo, dado que os outros haitianos estavam em processo de aprendizagem da língua portuguesa. Tati já estava há dois anos no Brasil, antes de vir para Florianópolis, morou em Franca, interior de São Paulo, onde ainda tinha um irmão de sangue que possuía uma pequena loja de conveniências.

As técnicas utilizadas nas práticas de triagem nas mesas eram um pouco diferentes. Antes de darmos seguimento às questões aqui abordadas, vale frisar que, como na ARESP, ocorre um processo de desfeticização do lixo e inserção deste em um outro regime social, tornando-o assim material, para assim ele adquirir um outro valor (ver páginas 63 e 64 do capítulo 2). Quanto às práticas de triagem, tudo iniciava-se com o trabalho dos fiscais. Estes, antes de botar os sacos de material na mesa, coletavam o que chamavam de *farofa*, ou seja, o material que havia saído dos sacos e estava caído no chão. Estes utilizavam-se de baldes para coletar a *farofa* e a por nas mesas. Após acabar com toda a *farofa* do chão os fiscais começavam a alimentar as mesas com sacos que os triadores abriam e espalhavam na mesa. Para manusear o material alguns triadores utilizam-se de pedaços de pau ou rolos de papelão. Adilson geralmente era quem cuidava das funções de fiscal da mesa dos brasileiros, enquanto Marcos e Tati cuidavam da mesa composta pelos haitianos.

Os materiais que eram triados para venda na Sul Recicla eram o plástico cristal, Pet Branco e Pet Colorido (tereftalato de polietileno - PET), plástico colorido e leitoso (Polietileno de alta densidade - PEAD), balde e bacia branco e preto (Polipropileno - PP), saco preto e sacolinha (Polietileno de baixa densidade - PEBD), caixinhas de leite, papel branco, papelão, papelão 2, papel misto, latinha e ferro. Aqui é interessante marcar as diferentes categorias utilizada nas associações para tratar-se um mesmo tipo de material. O que na Sul Recicla era tratado como balde e bacia branco e preto, na ARESP vinha a ser classificado na grande categoria de plástico duro que englobava tanto o PP (Polipropileno) como o PVC (Policloreto de

Vinila). Isso era decorrente dos diferentes compradores que as associações tinham, logo assim, as diferentes redes de comércio onde os respectivos materiais se inseriram no processo de objetificação para a aquisição de valor monetário.

Podemos ver, que os materiais se transformam a partir da cadeia operatória onde estes estão inseridos e de como estes se relacionam nesta. As práticas laborais exercidas pelos associados fazem com que o que antes era lixo, passe para um outro regime de valor por vias da desfetichização e objetificação discutidos no capítulo anterior com vistas na pesquisa de Carenzo (2011). Parte dessa cadeia operatória concerne às práticas de venda do material enfardado. Ao apontar as diferenças existentes no que toca algumas classificações de materiais entre o que acompanhei na ARESP e na Sul Recicla, gostaria de mostrar as diferentes formas de se relacionar existentes entre as Associações e os compradores de seus fardos. Não se trata de características essenciais dos materiais que são triados, mas sim “estórias condensadas” de processos relacionais (Ingold, 2015, p. 65) que estão inseridas em uma cadeia operatória ampla, onde a demanda por determinada mercadoria influi nas práticas de triagem e enfardamento das diferentes associações.

Também se reciclavam metais nobres que vinham do desmanche das *muambas* no processo de triagem. As *muambas* eram objetos eletrodomésticos e eletrônicos que, em muitas vezes, se passíveis de uso, eram acumulados sendo vendidos a terceiros ou, no caso de não funcionarem, eram desmanchados e os metais passíveis de venda, como o cobre, alumínio e ferro eram retirados, acumulados e vendidos.

Dado o tamanho diferente das mesas, bem como a quantia de pessoas que trabalhavam em cada uma delas nesse primeiro momento, as técnicas de triagem tinham algumas diferenças. No caso da mesa dos haitianos em razão de ela ser uma mesa grande e com 10 triadores trabalhando nela, cada um deles vinha a triar apenas alguns materiais, em torno de 4 a 6 tipos, em razão de ser essa a quantia de *bags* que ficavam próximas de cada triador, dado que os *bags* servem para o armazenamento do material que ficavam dispostos ao redor de toda a mesa. A

disposição desses *bags* variava conforme o dia, não levando-se em conta uma ordem pré-estabelecida para tal organização. Porém a ordem em que se dispunham os *bags* no início do dia, seria a ordem que se manteria até o final dele.

Os fiscais geralmente colocavam o material pelo meio da mesa, a *farofa* ou os sacos eram abertos e espalhados na frente dos triadores, esse ao achar um material que estava sendo coletado distante dele o jogava para o outro associado que estava a triar tal material. Feito o exame e a coleta dos materiais que estavam a ser buscados, empurrava-se o material para o lado para o outro associados coletar os materiais que lhe interessavam. Era constante o passar de materiais de uma pessoa para outra na mesa, seja por ele ter passado sem ter sido visto, seja para já ir agilizando o trabalho de triagem da mesa.

Nas duas pontas da mesa os associados que ficavam nessas posições não triavam apenas alguns tipos de material, mas também eram encarregados de retirar o rejeito da mesa, colocando-o em sacos pretos grandes, em sacos de ração ou em alguns *bags* que eram destinados para isso. Quando um saco desses ou *bag* estava cheio de rejeito que eram tanto materiais que não tinham valor de venda, como materiais que poderiam estar contaminados via uma garrafa de óleo mal descartada, ou estando em contato com resíduos orgânicos que eram mal descartados, o fiscal vinha retirar ele e o colocar em uma região onde era acumulado o rejeito oriundo do processo de triagem. A Sul Recicla ainda não possuía uma caixa ou vala para depositar o seu rejeito, acumulando-o em uma parte do seu terreno. Esse rejeito deveria ser coletado pela Comcap semanalmente, porém não era o que vinha a ocorrer, podendo o rejeito ficar de 15 a 20 dias esperando para ser pego. Isso vinha a causar tanto problemas no que toca às questões de espaço hábil da associação por não possuir uma área grande para acumular o rejeito, bem como a proliferação de ratos em razão dos resíduos orgânicos que compunham este. Essa problemática era algo que sempre me era pontuado na Associação, e também foi um ponto de pauta levado pela Sul Recicla e por outras associações para as reuniões com a Comcap. O que sempre era marcado, era que seria necessário um cronograma que fosse respeitado para se coletar o rejeito produzido pelas associações, porém pela

insuficiência de caminhões hábeis para se fazer tal trabalho, durante minha pesquisa de campo, isso veio a ser um problema constante que pude acompanhar principalmente na Sul Recicla.

Já na outra mesa onde trabalhava apenas os dois brasileiros Luiz e Joana, pude notar que em razão de haver menos mãos a trabalhar o material, a disposição dos *bags* levava outros critérios em sua organização em torno da mesa. A mesa em que eles vinham a trabalhar era bem menor medindo em torno de 2,5 metros por 1,5 metros de largura. Joana e Luiz trabalhavam de frente um para o outro, sendo a ponta das mesas como no caso dos haitianos o lugar para onde o rejeito era empurrado para sacos. A mesa deles ficava próxima a parede em um canto do pavilhão ao lado de uma das entradas. Eles utilizam em média 17 *bags* em seu trabalho em volta de sua mesa. Os *bags* de 1 a 9 (ver Figura 4) ficavam presos por um fio junto a parede, sendo o 1 destinado para caixinha de leite, 2 para ferro, 3 para papel misto, 4 para plástico colorido, 5 balde e bacia branco, 6 PET cristal, 7 para plástico leitoso, 8 para PET colorido e o 9 para papel branco. Os outros *bags* ficavam ao lado deles, sendo o *bag* 10 também para caixinha de leite, 11 balde e bacia preto e colorido, 12 para latinhas, 13 para plástico cristal, 14 para sacolinha, 15 saco preto e o 16 para papel branco. O papelão era jogado para junto da parede solto, quando havia uma quantia suficiente desse material eles o juntavam em um *bag*.

O critério para a arrumação dos *bags* levava em conta primeiramente o peso dos materiais. Materiais que eram pesados como o ferro e alguns tipos de plástico como o balde e bacia branco, plástico colorido, e as garrafas PET's podiam ficar mais longe da mesa em razão de estes poderem ser arremessados para as *bags*. Outro fator que era levado em consideração era a quantia do material que vinha a ser recebido e triado, os que vinham em maior quantidade eram os *bags* que ficavam mais próximos dos triadores e da mesa, bem como os materiais que eram mais *leves*. Os *bags* 10, 13 e 15 ficavam próximos da mesa em razão das questões referentes ao seu peso. Já os *bags* 11, 12, 14 e 16 levavam em consideração a

grande quantidade destes tipos de material que eram descartados e encontrados durante as práticas de triagem (ver Figura IV).

Aqui gostaria de retomar brevemente a discussão acerca das diferenças que Ingold (2011) faz entre materialidade/matérias e materiais já feita no capítulo anterior (páginas 71 e 72 do capítulo 2). Marques (2018) ao seguir o argumento do autor acima em seu respectivo contexto etnográfico, a oficina de Zé Diabo, artesão de artefatos sagrados em ferro para as religiões de matriz africana, mostra a importância de se pensar as questões suscitadas em campo em termos de “materiais”. Isso vem a ganhar relevância em razão de deslocar o foco de um mundo já constituído em objetos para um mundo em formação, dando-se relevância para as coisas e os fluxos que a constituem. Para ambos os autores, os materiais não possuem características fixas, mas sim “estórias” decorrentes das interações com o ambiente no qual se encontram (Marques, 2018, p. 353). O autor faz a seguinte pontuação sobre a oficina: “(sic) um material deve ser menos conhecido pelo que ele é do que pelo que ele faz – ou, para usarmos a expressão latouriana (2002), pelo que ele ‘faz fazer’”. (Marques, 2018, p.353). Na oficina, no contexto das práticas de triagem do material aqui apresentadas, a disposição dos *bags* ao redor da mesa de Joana e Luiz, não era algo aleatório que partia da vontade deles, mas sim algo que levava em conta diferentes facetas da “estória” que esses vinham a conhecer no ambiente onde estes se relacionavam com os materiais. Essas “estórias” dos materiais fazem fazer, e isso era evidente na maneira como esses dispunham os *bags* de materiais ao redor da mesa. Saber qual material vem em maior quantidade, levar em conta o peso dos mesmos, eram conhecimentos constituídos e levados em conta no engajamento específico dos triadores ao se relacionarem nas práticas de separação a qual exerciam.

Tudo se passa, então, como se cada material carregasse em si uma espécie de “estória condensada” (Ingold, 2007) que deverá ser levada em conta no momento de seu trato. Essas estórias criam possibilidades distintas em seu trabalho – affordances, para falarmos como Gibson (1979) – e, desta forma, exigirão certos tipos de relação, utensílios, gestos e modos de fazer. (MARQUES, 2018, p. 356)

Esses conhecimentos que tanto Luiz como Joana botavam em movimento em sua prática de trabalho na triagem dos materiais reciclados eram o que guiava as disposições dos *bags* ao redor de sua mesa. É a partir dessas estórias que as possibilidades de desenvolver as respectivas práticas da melhor maneira possível se desdobram no ambiente da associação, essas estórias eram compostas pelos *affordances*³⁶ que esses objetos permitem na relação com os triadores. Reed (1994) aponta:

O principal *insight* para a antropologia vindo da psicologia ecológica é uma extensão da descoberta de Gibson, em que a percepção é a consciência do que ele chama de *affordance* dos objetos, lugares e eventos que nos circundam, através da detecção de informações ecológicas (Gibson 1979, Reed 1986). Os *affordances* das coisas que são especificados por essa informação são valores ecológicos para os observadores, eles são oportunidades de se fazer algo, obter ou impedir obstáculos como armadilhas e perigos. Além disso, enquanto objetos inanimados propiciam (*afford*) ações (para obter-se os valores de uso ou para evitar os perigos) objetos animados propiciam interações, e objetos socializados propiciam ações e interações apropriadas (contra ações inapropriadas). (REED, 1994, p.112)^{37 38}

Com a passagem acima gostaria apenas de salientar que a tônica do conhecimento posto em prática durante a triagem dos materiais é oriundo dessa detecção de informações ecológicas. Ao se pensar no peso ou na recorrência de certos materiais que são descartados para a arrumação dos *bags*, Joana e Luiz mostram um conhecimento desses materiais e ambiente que propiciam certas ações e que são levadas em conta em suas atividades.

Feito esses apontamentos, gostaria de entrar no segundo momento que pude acompanhar na Associação no que diz respeito às práticas de triagem. A Sul Recicla por ser uma Associação nova, estava ainda a achar a melhor maneira de funcionar

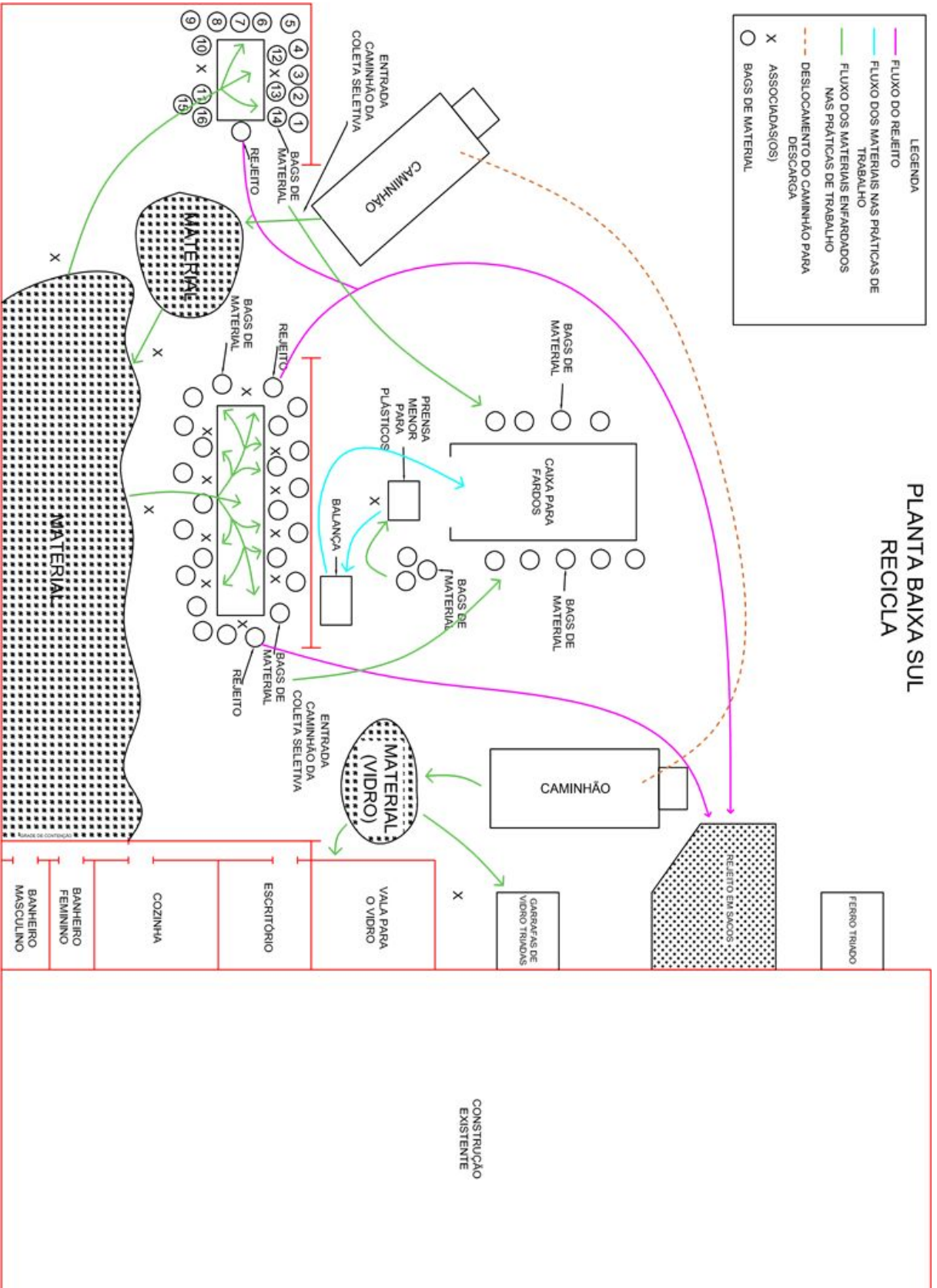
³⁶ *Affordance* pode ser traduzido como reconhecimento, tradução usada amplamente em áreas como o design e arquitetura, ou como propiciação como indica Velho (2001, p.136).

³⁷ "The key insight for anthropology from ecological psychology is an extension of Gibson's discovery that perception is awareness of what he called *affordances* of the objects, places and events surrounding us, through the detection of ecological information (Gibson 1979, Reed 1986). The *affordances* of things that are specified by this information are ecological values for observers, they are opportunities for doing something, for obtaining, or hindrances such as traps and dangers. In addition, whereas inanimate objects *afford* actions (to obtain the use values or to avoid the dangers), animate objects *afford* interaction, and socialized objects *afford* proper (as against improper) action and interaction." (REED, 1994 p. 112)

³⁸ Tradução do autor.

internamente em alguns assuntos. Um desses assuntos que estive em contato durante meu trabalho de campo, diz respeito a forma de partilha/pagamento dos associados. Tais questões influenciavam diretamente algumas práticas dentro da Associação. Retomarei essa questão ao final deste capítulo quando falar as questões referentes às práticas de venda e partilha.

Figura VI - Fluxograma dos materiais - planta baixa Sul Recicla



3.2.2 As práticas da prensa

Na Sul Recicla havia apenas uma prensa de 500 kg, a mesma utilizada na ARESP para a prensagem dos plásticos, porém na Sul Recicla, esse equipamento era utilizado para todos os materiais. Ele não pertencia a Associação, tinha sido emprestado pelo principal comprador de materiais que estabelecia relações com a Associação. Em razão disso havia de certa forma um acordo implícito de vendas dos materiais com essa pessoa. Durante meu trabalho de campo, Dona Regina, presidenta da Sul Recicla, estava tentando conseguir uma prensa emprestada com uma outra Associação.

Quem operava o equipamento era Pierre, ele tinha 37 anos, era natural do Haiti, e já estava no Brasil fazia dois anos. Não dominava muito bem o português e eu tão pouco a língua crioula, mas conseguimos nos comunicar de forma rudimentar. Pierre sempre me falava da saudade que tinha de sua família, e como tinha o desejo de em breve voltar para o Haiti. No que toca a feitura dos fardos, Pierre me explicou basicamente as mesmas coisas que acompanhei na ARESP. Era necessário observar a quantidade de bags de material necessárias para fazer-se um fardo, que devia seguir a medida de tamanho da porta de retenção dos resíduos (ver Figura 3, página 69 do capítulo 2). A quantidade de bags apontadas por Jonas no capítulo anterior (páginas 69 e 70 capítulo 2) para a confecção de um fardo de cada material, batem com as utilizadas por Pierre, bem como a necessidade de se amarrar o fardo para a contenção do material de que ele era composto. Dado a semelhança nessas questões, não serei repetitivo em descrever tais técnicas novamente, deixo marcado aqui a similitude nas práticas da prensa e nos conhecimentos postos em ação para o enfardamento dos materiais em ambos os casos que pude acompanhar.

O diferencial na prática da prensa era a disposição do material após a prensagem. Em um primeiro momento do meu campo, após o material ser prensado esse era retirado da prensa, utilizando-se da mesma técnica já comentada no capítulo anterior, sendo este levado para a balança que ficava próxima a prensa.

Quem rolava o fardo até a balança e o pesava era Pierre, que em algumas vezes pedia auxílio de algum dos fiscais para fazer tal pesagem. Os fardos vinham a variar entre 80 kg quando esses eram plásticos até 170kg quando se tratava de papelão, papelão 2, papel branco e misto. Após feita a pesagem e anotado os pesos do fardo, esses eram retirado da balança e deixados ali por perto. Quando se acumulava em torno de 4 fardos ou mais já pesados, era a hora de guardar eles na caixa para fardos, que vinha a ser buscada semanalmente ou quinzenalmente, dependendo da produção da Sul Recicla. Esse vinha a ser o momento mais desgastante e que mais exigia força bruta dos associados para ser feito. A caixa para fardos tinha capacidade para alocar em torno de 35 a 40 fardos de material, sendo colocada duas camadas de fardos, os mais pesados, os de papéis, postos na base e os outros materiais indo em cima desses. Nessa hora eram convocados todos os homens para rolar os fardos para a caixa. Primeiro rolava-se os fardos de papel para se fazer a primeira camada, se havia outros fardos de plásticos esses eram colocados em cima dos de papel e papelão na base do *muque* como me diziam, ou seja, com a força de seus braços. Nessas ocasiões havia sempre de 4 a 6 homens que desempenhavam essa função. Em alguns casos onde a caixa já estava cheia e se fazia um fardo de papelão por exemplo, o momento era tenso. Botar para cima da caixa um fardo de 170 kg não era algo simples, e exigia muito esforço de todos para empurrar e puxar ele para cima dos outros fardos já postos na caixa.

Era durante estas funções que podíamos notar o quão desgastante e violento era tal trabalho com os corpos que os desenvolviam. No que tocava a movimentação dos fardos da prensa para a balança, os associados vinham a empurrar estes, com a intenção de os rolar facilitando-se a sua movimentação. Porém quando era necessário arrumar os fardos na caixa para o seu transporte viamos o quão penosa era essa função. Para se colocar a primeira camada de fardos na caixa a situação era simples, pois estes podiam ser rolados até o local, já a segunda camadas tinha que ser colocada usando-se apenas a força física. Para se fazer a segunda camada de fardos na caixa, se levava o fardo que queria se colocar nesta até a entrada dela, enquanto um grupo ficava em cima da primeira camada de fardos, em torno de 2

peessoas, outras 3 ou 4 ficavam no chão. A força inicial para se levantar o fardo de material para cima era feita por essas pessoas que pegando em diferentes locais do objeto agachavam-se e levantavam o fardo até a altura em que as outras 2 pessoas que estavam em cima da camada de fardos conseguiam pegá-lo e puxá-lo para cima. Colocado este na caixa, os associados acabavam por rolar-lo para o lugar em que desejavam o acomodar. Após essas funções os comentários sobre dores nas costas e braços eram recorrentes. Levantar fardos de 80 kg à 170 kg apenas no “*muque*”, ou seja, com a força física desempenhada por esses corpos apresentava perigos a essas pessoas de se machucarem

Dona Regina ao observar essas práticas sempre me comentava que se um dia sobrasse um dinheiro ela gostaria de investir em uma empilhadeira hidráulica para facilitar esse trabalho. Ela sempre vinha a me comentar que sabia que levantar e arrumar os fardos na caixa, na base da força bruta, poderia machucar os associados. De fato eles sempre me comentavam após fazer a arrumação que estavam *quebrados das costas* ou que *os braços estavam pra cair*. Tais momentos aconteciam quase todos os dias, pois com o material triado e a disposição, Pierre conseguia fazer em torno de 6 a 8 fardos em um dia.

3.2.3 As práticas de venda e partilha

A venda do material enfardado era feita para um intermediário entre a Associação e o setor industrial. Vale frisar aqui que este comprador foi quem veio a emprestar a prensa enfardadeira para a Sul Recicla, firmando um certo compromisso assim de compra e venda com a Associação.

A busca da caixa de fardos ocorria semanalmente ou quinzenalmente, dependendo da produção feita pela Associação. Essa busca ocorria nas sextas-feiras pela manhã, por intermédio de um caminhão *roll on/off*³⁹, que é basicamente um veículo especializado em carregar e descarregar container e caixas

³⁹ Para um exemplo de um caminhão roll on/off: <http://ferroequipamentos.com.br/wp-content/uploads/2016/09/Gr-25-FILEminimizer.png> (último acesso: 02/04/2020)

de transporte de cargas. Este caminhão vinha de Biguaçu trazendo uma caixa vazia para os fardos das próximas semanas, descarregava a caixa vazia nas mediações da Associação e carregava a caixa cheia de fardos, colocando uma lona por cima desta para seu transporte. Feita essa troca, a caixa de material vai para a sede deste intermediário, onde o material será examinado, levando-se em conta a limpeza e a separação correta dos materiais. Executado esse procedimento o material é pesado novamente, os valores são conferidos com a lista de pesagem mandada pela própria Sul Recicla, e estando tudo certo o comprador faz o pagamento para a Associação. Abaixo a lista de preços dos materiais em voga durante meu trabalho de campos na Sul Recicla.

4. Tabela de preços de materiais comuns - Sul Recicla

Material	Preço p/Kg
Papelão	R\$0,47
Papelão 2	R\$0,35
Papel Misto	R\$0,35
Papel Branco	R\$0,40
Pet Cristal	R\$1,50
Pet Colorido	R\$1,40
Plástico Leitoso	R\$1,20
Plástico Colorido	R\$1,15
Plástico Cristal	R\$1,20
Saco Preto	R\$0,40
Balde e Bacia Branco	R\$0,60
Balde e Bacia Preto	R\$0,60
Sacolinha	R\$0,30
Caixinha de Leite	R\$0,30

A Sul Recicla vende o ferro e o vidro para outros compradores. O vidro em cacos vinha a ser vendido para uma empresa por R\$0,03 centavos o Kg. Já as garrafas triadas eram vendidas por unidade para outro comprador que pagava, R\$0,35 centavos por garrafa de cachaça 51, Velhos barreiro e de whisky da marca Johnnie Walker; garrafas de espumante em geral eram vendidas por R\$0,25 centavos, garrafas de vidro de 1 litro de suco eram vendidas pelo mesmo preço e garrafas de vinho eram comercializadas por R\$ 0,15 cada. Vale marcar que a triagem do vidro era feita com muito esmero em razão de haver um comprador que buscava os tipos de garrafa citados acima. Ser o vidreiro na respectiva Associação, podia ser perigoso em razão do que acarreta trabalhar com tal material, mas financeiramente poderia ser um trabalho a render um dinheiro *justo*, como me diziam os associados sobre essa função. Este material era buscado quinzenalmente.

O ferro era vendido para uma outra empresa que era especializada nesse material. Dona Regina me comentou que esse comprador adquire o ferro de muitas associações de reciclagem e sucaterias de Florianópolis e região. Era pago pelo kg do ferro 0,30 centavos. Ele vinha mensalmente buscar o material. Infelizmente não estive em nenhum dia em que o comprador veio a buscar tal carga na Associação, logo assim me limito a pontuar apenas as informações acima sobre esse assunto no que tangencia os dados e a respectiva experiência de campo.

Os materiais nobres que vinham dos desmontes das muambas eram vendidos para o mesmo comprador dos materiais comuns. Em alguns casos as muambas podiam ficar para a Associação, como em um caso em que se achou um liquidificador que ficou para a cozinha da Sul Recicla, ou vendidos para bazares comunitários e afins. Abaixo a lista dos materiais nobres comercializados.

5. Tabela de preços dos materiais nobres - Sul Recicla

Material	Preço p/Kg
Latinha	R\$3,50
Inox	R\$2,00

Cobre	R\$16,00
Fio (fio de cobre sem ser descascado)	R\$4,80
Metal	R\$7,50
Chapa (embalagem de alumínio de desodorante)	R\$3,00

Esses eram os materiais que eram comercializados na Sul Recicla com diferentes compradores. Feita a venda dos materiais para os atravessadores, iniciava-se uma outra parte de suma importância dentro da cadeia operatória aqui discutida: o momento da partilha.

Como dito acima presenciei momentos distintos no que toca o assunto da partilha durante o meu trabalho na Sul Recicla. Quando cheguei na Associação haviam 12 haitianos e 6 brasileiros trabalhando. Ressalto que as funções que existiam na associação eram as de triadores que trabalhavam na mesa separando o material, sendo que nessa função existiam 10 haitianos e 2 brasileiros, o preheiro que trabalhava fazendo os fardos que vinha a ser um haitiano, os fiscais que trabalhavam retirando o rejeito das mesas, organizando os *bags* de material e alimentando as mesas com material que vinham a ser dois brasileiros e uma haitiana, e o vidreiro que era um brasileiro. Na Sul Recicla, as contas de luz e água, bem como o aluguel do galpão eram arcadas pela própria Associação. Além desses gastos, havia ainda algumas dívidas que estavam sendo pagas pela Associação no que toca as adequações feitas para a reabertura desta, comentadas na primeira parte deste capítulo. Com isso havia gastos fixos que giravam em torno de 5 a 6 mil reais por mês durante o meu trabalho de campo.

Em razão dessa situação, 50% do que vinha a se ganhar com a venda dos materiais em linhas gerais ficava para Associação para o pagamento das despesas citadas acima. Os outros 50% eram divididos em um primeiro momento de meu trabalho de campo da seguinte forma: os brasileiros que trabalhavam nas mesas recebiam por produção, ou seja, ganhavam de acordo com a quantidade de material que triavam, sendo esse material pesado ao final do dia, 50% ficava para associação

e 50% ia para eles. O vidreiro ganhava também por produção, seguindo a mesma divisão de 50/50%. Os fiscais e o preneiro ganhavam um valor fixo de R\$1.000 reais por mês. Os haitianos que trabalhavam na mesa vinham a ganhar R\$700 reais por mês. A princípio essa divisão dos ganhos na Associação estava a funcionar, porém em razão de a Sul Recicla ser muito nova, muitas coisas estavam ainda a se ajustar em seu funcionamento. As questões financeiras eram administradas por Dona Regina, idealizadora e presidenta da Associação. Ao reabrir a Sul Recicla e fazer a partilha dessa forma, Dona Regina começou a perceber que não só tais distinções nas formas de pagamento poderiam causar problemas internos, mas também as contas no final do mês não estavam fechando.

Ao conversar com outras pessoas de diferentes associações de Florianópolis, bem como com um representante do MNCR e um técnico da ANCAT - Associação Nacional de Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis, a qual desempenhava um importante trabalho juntos às respectivas associações que abordo na presente pesquisa, e que pretendo retomar no próximo capítulo, foi aconselhada a mudar a forma de partilha vigente na Associação. Ao invés de manter pagamentos fixos, foi aconselhada a implementar o modo de partilha por produção da mesa ou individual. Ou seja, ao invés de manter-se os pagamentos fixos, todos recebem pela produção feita a cada dia, sendo o material triado e pesado, calculando-se quanto cada associado viria a receber diariamente. De forma que em razão da Sul Recicla não ter espaço e nem mesas suficientes para uma linha de produção individual, foram feitos três grupos, dois de haitianos e um de brasileiros, composto por cinco pessoas, sendo quatro triadores e um fiscal de mesa. Cada mesa receberia pelo material triado no dia, sendo responsabilidade do fiscal de mesa pesar o material, bem como dividir os ganhos com os seus companheiros. Para elucidar a questão pensemos o seguinte exemplo, um kg de Pet Cristal é vendido por R\$ 1,50, desse valor 50% vai para os associados, ou seja R\$ 0,75, que seria dividido por cinco, os componentes da mesa. A outra metade ficava para associação porém, dos R\$ 0,75 da associação, R\$ 0,7 era destinado para o preneiro, em torno de 5% do valor total. Ou seja dos R\$ 1,50 a que um kg de Pet Cristal era vendido, 50% ficava para os associados,

45% para a associação e 5% para o preneiro. Todos os materiais seguiam esse maneira de partilha, podendo apenas o valor recebido pelo preneiro oscilar para mais dependendo do material, em razão de este ofício ser o que demandava maior esforço físico, sendo considerado um trabalho *pesado* entre os associados. Esse valor não era pago diariamente, mas sim quinzenalmente em razão de ser necessária a venda do material para se ter caixa para o pagamento.

Essa mudança começou a ser pensada e implementada por outubro, no início desse mês os associados foram comunicados das novas diretrizes da partilha, e a princípio todos ficaram de acordo. Porém no dia 18 de outubro, uma sexta feira chuvosa ocorreu o que Dona Regina chamou de o motim dos haitianos. Nesse dia não estava presente na Associação, mas o que me foi relatado, tanto pelos associados brasileiros, como por Tati, fiscal haitiana, foi que nesse dia os 12 haitianos que trabalhavam na Associação foram para ela, porém não trabalharam. Todos ficaram de braços cruzados na cozinha dizendo que não aceitavam essa nova maneira de partilha, e que só voltariam a trabalhar se a antiga forma de pagamentos volta-se a ser vigente. Pelo que pude saber, se tentou explicar que a partilha por produção poderia ser mais vantajosa para eles em razão de eles poderem ganhar mais do que eles recebiam se trabalhassem duro e produzissem bastante. A questão que o verão estava por chegar e com ele a quantidade de material que seria enviada para a Associação dobraria, o que era uma boa oportunidade para se ganhar um bom dinheiro.

Não houve acordo entre eles nesse dia, e após o meio dia todos associados que eram haitianos foram embora. Na semana seguinte, na terça-feira, dia em que estava na Sul Recicla, Tati, Pierre e mais 5 haitianos voltaram a trabalhar. Nesse dia conversei com Tati sobre o incidente, e ela me falou que tinha conversado com Dona Regina e alguns dos haitianos que eram associados na Sul Recicla, os únicos que aceitaram a nova maneira de partilha, eram esses que lá estavam, os outros não aceitavam a nova maneira de produção e pagamento, tão pouco a separação em dois grupos que ocorreu. Desse incidente em diante até o final de meu trabalho de campo, esse grupo de haitianos se manteve trabalhando na Sul Recicla, com

exceção de Pierre que no final de novembro veio a sair da Associação pois havia conseguido um trabalho em outro lugar que lhe oferecia melhores condições.

A partir desse acontecimento algo ficou especialmente marcado para mim. Tanto os haitianos como os brasileiros, claro não podendo se generalizar, encaravam seus respectivos trabalhos de forma diferente. Enquanto alguns brasileiros enxergavam seu trabalho na Sul Recicla tanto pelo lado da responsabilidade e importância ambiental, como uma chance de enfim ter um trabalho novamente após um longo período desempregados, os haitianos em sua esmagadora maioria o viam de forma diferente. Os haitianos tinham a Sul Recicla, como alguns brasileiros, como um lugar de passagem, um local onde era possível se fazer um dinheiro para se pagar as contas. Ao acharem uma proposta de trabalho melhor, iriam atrás dela.

Esse acontecimento, o motim dos haitianos como foi chamado, elucidava especialmente essa diferença existentes entre os dois grupos. Enquanto os brasileiros aceitaram tal mudança, entendendo as possibilidades de um maior lucro a partir dessa nova configuração da Associação. Os haitianos em contrapartida por não terem mais um pagamento fixo, optaram em sua grande maioria sair da Sul Recicla. Em alguma medida essa decisão elucidava o caráter de passagem que possuía a Associação para a maioria dos haitianos. Trabalhar e receber por produção implica em um volume de trabalho constante para se obter um bom salário, isso conseqüentemente implica uma maior responsabilidade para com a Sul Recicla, uma responsabilidade de associado, que ao fim e ao cabo não era desejada por essas pessoas.

Porém é preciso marcar que essa passagem a que me refiro acima me foi relatada por Dona Regina e a perspectiva que está tinha da situação. A saída dos haitianos que trabalhavam junto a Sul Recicla, pelo pouco que consegui saber a partir de algumas conversas com eles após o ocorrido, também estava ligada a chegada do verão na cidade de Florianópolis e a possibilidade de se arranjar outros empregos com melhores condições no setor do turismo com a chegada de tal estação. O que gostaria de marcar com isso, é que tal acontecimento ocorreu por

um encontro de diferentes motivações. Não apenas a mudança na forma de partilha e pagamento da associação os levou a sair desta, mas também a possibilidade de melhores condições e ganhos financeiros em outros trabalhos, que mesmo possuindo um caráter sazonal, o período do verão, acabavam por ser mais interessantes a esse grupo de pessoas.

Após essa mudança no sistema de partilha, a Sul Recicla diminuiu o número de associados. Se no início de meu trabalho de campo na Associação havia em torno de 20 membros, após a saída dos haitianos, que de início compunham majoritariamente a Associação, ficaram a trabalhar até o término de minha pesquisa em torno de 13 pessoas. Como dito, havia o grupo de haitianos que trabalhavam juntos com Tati, um novo preenseiro brasileiro que pouco conheci, um vidreiro que sempre estava a mudar, Marco como Fiscal das mesas dos brasileiros, Joana e Luiz em uma mesa, e mais alguns brasileiros que trabalhavam em duplas ou individualmente em outras três mesas, sendo que esses associados sempre mudavam durante o tempo em que acompanhei os trabalhos na Associação.

4 Lixos Ferais e a Logística Reversa - algumas reflexões

A presente pesquisa tem com intuito abordar as questões técnicas, sociais e econômicas a partir de um trabalho etnográfico realizado em duas associações de reciclagem como descrito nos capítulos anteriores. Ao compartilhar o dia a dia juntos dos associados, e estar em contato com a cadeia produtiva dos materiais reciclados que são vendidos para atravessadores (sucateiros, aparistas e etc.), que por sua vez vendem para empresas de grande porte o material para ser reciclado.

O trabalho dessas pessoas como já apresentado tem grande importância social e ambiental, e essa só veio a crescer e ganhar mais reconhecimento com a PNRS 12.305/2010. Esta lei é um importante marco pelas suas inúmeras inovações que apresenta, sendo uma delas a responsabilização do setor industrial pelas embalagens que geram, bem como, pelo lixo que produzem. Com a PNRS a responsabilidade por tais resíduos é partilhada pelos cidadãos ao separar seu lixo, pelo Estado em coletá-lo e dispô-lo de forma adequada seja pela via pública ou privada e pelo setor empresarial que também deve arcar com a produção de suas mercadorias, e as consequências dessas. O conceito de 'logística reversa' foi pensado e positivado pela PNRS, trazendo assim suas implicações para o setor empresarial. Apresento aqui um pouco do que vivenciei em campo sobre o tema, pensando também em alguma medida a rede comercial na qual as práticas de reciclagem se inserem. Gostaria de marcar que observei tais questões partindo dos dados etnográficos produzidos em campo, e a partir de dados de alguns trabalhos acadêmicos que dialogam sobre o assunto.

4.1 Logística reversa, atravessadores, Comcap e a ANCAT

Como dito anteriormente, gostaria de apresentar um interessante acontecimento que veio a ocorrer durante meu trabalho de campo nas Associações em que o realizei. Tanto a ARESP como a Sul Recicla se tornaram participantes no

ano de 2019 de um projeto junto a ANCAT⁴⁰ - Associação Nacional de Catadores de Reciclados, chamado 'Reciclar pelo Brasil'.

Antes de falarmos sobre o projeto, gostaria de deixar minhas impressões sobre a ANCAT. Durante meu trabalho de campo em alguns dias em que estava na ARESP ou na Sul Recicla, pude conversar sobre diferentes questões com um técnico da ANCAT que chamava-se Guilherme. Este era engenheiro sanitário e tinha o Estado de Santa Catarina como sua responsabilidade, para desenvolver junto às mais diferentes associações de reciclagem, que fazem parte do MNCR, o projeto 'Reciclar pelo Brasil'. Este vinha a ser um projeto que visava pôr em prática algumas diretrizes existentes na PNRS - 12.305/10 acerca do princípio da logística reversa, definido no "Art. 3º *Para os efeitos desta Lei, entende-se por*", no inciso:

XII - logística reversa: instrumento de desenvolvimento econômico e social caracterizado por um conjunto de ações, procedimentos e meios destinados a viabilizar a coleta e a restituição dos resíduos sólidos ao setor empresarial, para reaproveitamento, em seu ciclo ou em outros ciclos produtivos, ou outra destinação final ambientalmente adequada; (Lei 12.305, de agosto de 2010)

Esse princípio positivado pela PNRS além de o estabelecer pensa em sua aplicabilidade via art. 33 da mesma política pública, bem como a partir das normas firmadas pelo Sinasma⁴¹ - Sistema Nacional do Meio Ambiente e do SNVS⁴² - Sistema Nacional de Vigilância Sanitária do Brasil.

Essas cadeias reversas podem ser de dois tipos, abertas e fechadas, Como aponta Aquino (*apud* LEITE, 2003):

Segundo LEITE (2003) as cadeias reversas de ciclo reverso fechado são aquelas em que os materiais são extraídos de determinado produto de pós consumo e reintegrados em produtos de mesma natureza, já as cadeias de ciclo reverso aberto são aquela em que os materiais são extraídos dos produtos de pós-consumo de diversas naturezas e são reintegrados em produtos também de diferentes naturezas. (AQUINO, 2007, p. 17/18)

⁴⁰ Sobre quem é a ANCAT: <https://ancat.org.br/historico-da-ancat/> (último acesso: 03/04/2020)

⁴¹ Mais informações sobre: <https://www.mma.gov.br/governanca-ambiental/sistema-nacional-do-meio-ambiente> (último acesso:03/04/2020)

⁴² Mais informações sobre: <https://portalresiduossolidos.com/snvs-o-sistema-nacional-de-vigilancia-sanitaria-brasil/> ou <http://www.ccs.saude.gov.br/visa/snvs.html> (último acesso:03/04/2020)

Aqui vemos uma importante diferença nas cadeias de logística reversa que podem existir. As situações acompanhadas durante meu trabalho de campo em ambas associações eram cadeias reversas abertas, onde a venda dos materiais era feita para um atravessador, que viria a comercializar esse material produzido pelas associações com o setor industrial de reciclagem, onde estes materiais tomariam os mais diferentes caminhos. Vale frisar que o papel do atravessador é chave na cadeia de comércio que compõe, e conseqüentemente na cadeia de logística reversa. Essas redes não são uma ou outra, elas se sobrepõem uma à outra. Pensemos qual o papel do atravessador nessas redes.

Como já vimos ambas as associações através de suas práticas laborais desfeticizam o que é descartado e é encarado socialmente como lixo, e objetificam esses resíduos como materiais que são inseridos em um outro regime de valor, voltando estes, na forma de fardos dos mais diferentes materiais, a serem mercadorias. Essas mercadorias são comercializadas com os atravessadores, que por sua vez, irão comercializá-las com o setor industrial de reciclagem que detém os artefatos técnicos necessários para converterem esses materiais em matéria prima e conseqüentemente em objetos que serão consumidos novamente, seja como sacolas, garrafas ou embalagens feitas de material reciclado.

Porém muitos desses materiais não acabam indo para as Associações ou acabando em algum caminho que os levem a ser reciclados. Muitos deles acabam sendo descartados de forma irregular, chegando assim a córregos, rios e oceanos. Mais do que nunca podemos ver as perturbações que o meio de vida humano causa na paisagem em que habita. Questões como as grandes concentrações de plásticos e microplásticos na água dos oceanos são índices dessa problemática. Trabalhos que evidenciam os impactos dos plásticos nos oceanos como o filme Albatross⁴³ (2017) do diretor Chris Jordan, onde carcaças de albatrozes com estômagos cheios de plásticos são expostas. Bem como o estudo feito por Macedo et. al (2011) que ao fazerem a necropsia em 45 tartarugas achadas no litoral sul da Bahia, em sua maioria tartarugas verdes (*Chelonia mydas*), possuíam resíduos antropogênicos em

⁴³ Site oficial do projeto e filmes: <https://www.albatrossthefilm.com> (último acesso:25/04/2020)

seus sistemas digestivos em sua grande maioria oriundos de práticas pesqueiras. Santana Neto et al. (2016) em sua pesquisa também apontam os impactos do lixo marinho em uma zona de desova e alimentação de tartarugas no norte da Bahia. Ao coletarem os resíduos pela costa e o analisarem, os pesquisadores conseguiram mensurar e caracterizar tais materiais, e traçar relações entre as marés e a incidência de lixo que chega à costa, com o foco no papel das ondas na distribuição do lixo.

O que quero expor com tais pontuações é que os resíduos antropogênicos, e aqui nos atentamos ao caso dos plásticos nos oceanos, são constituintes do que Tsing (2019) chama de “fragmentos de paisagem”, sendo essa compreendida e constituída por “padrões de atividade humana e não humana. A paisagem é um ponto de encontro para os atos humanos e não humanos e um arquivo da atividade humana e não humana do passado.” (Tsing, 2019, p.17). Para a autora seriam nessas paisagens antropogênicas em que as “proliferações ferais” (Tsing e Bubandt 2019) ocorreriam. O termo feral aponta para “as reações não projetadas de não humanos às infraestruturas humanas” (Tsing, 2019, p.14). O filme de Chris Jordan citado acima, Albatross, apresenta um fragmento de paisagem que demonstra o caráter feral dos materiais aqui discutido, mais especificamente do plástico. Os albatrozes são aves capazes de atravessar o oceano armazenando alimentos em seus estômagos que servirá de comida para seus filhotes que se encontram em ninhos em uma pequena ilha do Oceano Pacífico. Em tal busca por alimento, muitos albatrozes acabam confundindo o plástico que existe nos oceanos com alimentos, que acabam por ser levados a sua prole. Ao alimentar suas crias com os plásticos que misturam-se aos alimentos coletados nos oceanos, estes pequenos albatrozes acabam por não conseguir digerir tais materiais levando-os a morte. Em autópsias feitas nos cadáveres desses filhotes a causa da morte se evidencia, estômagos cheios de plásticos acabam por aparecer.

Aqui podemos ver que os resíduos sólidos como o plástico que são potencialmente recicláveis podem acabar tomando outras vias. Os produtos ao serem consumidos geram embalagens que quando descartadas de forma incorreta,

podem chegar a córregos e rios que conectam as cidades aos mares e grandes oceanos. O ato de descartar que desfetichiza em alguma medida o produto como mercadoria, insere-o em um outro regime social onde tal embalagem plástica é vista e tratada como rejeito. Esses resíduos sólidos que assumem um caráter feral como rejeitos, chegam aos oceanos vindo a afetar os biomas que vivem através destes gigantes azuis.

Tsing para pensar tais questões, se ancora nas implicações que a elaboração do termo Antropoceno como uma nova era geológica da terra apresenta. As ações dos seres humanos até então, o fazem se converter em agente geológico nas mudanças climáticas e ambientais em escala global. Para a autora, “O termo Antropoceno marca uma diferença: à medida que as infraestruturas industriais e imperiais se espalharam, os efeitos perigosos não projetados dispararam” (TSING, 2019, p.14). Conclui-se que devemos pensar que os resíduos sólidos produzidos pelo modo de vida em sociedades capitalistas pautado no consumo, acabaram por criar as perigosas relações que afetam os mais diferentes nichos de vida, sejam eles humanos ou não humanos. A proliferação dos plásticos nos oceanos e as consequências disto para com a vida marinha, mostram relações ferais não projetadas que acabam por emergir destes não humanos oriundos do consumo.

Ao pensarmos a cadeia completa de produção, consumo, descarte e reciclagem, na presente pesquisa, o que se aborda são as práticas que servem de base para a obtenção da matéria prima para esse último elo da cadeia citada acima, em muitos casos essas embalagens não acabam sendo reutilizadas ou recicladas, podendo acabar em vias fluviais, oceanos, terrenos baldios ou no próprio aterro sanitário. Um produto ao ser consumido é em parte desfetichizado, mas a embalagem na qual este é envolvido, continua a ser uma conexão com o produto e a empresa que o produz. Se na presente pesquisa os casos de desfetichização e objetificação que são abordados e consumados pelas vias das práticas de triagem, enfardamento e venda transformam o que antes era entendido como lixo em materiais que viraram fardos e rejeito, os resíduos que tomaram outros caminhos também o são desfetichizados e objetificados apenas como rejeitos.

Ao descartarmos tais embalagens, estas saem do regime social humano ao qual lhe atribui valor, ao impactarem diversos ambientes por vias do descarte incorreto, as empresas que antes eram ligadas em alguma medida à embalagem acabam magicamente por alienar-se das consequências das produções em massas de suas mercadorias e de tais desdobramentos que elas tomam. Se há o processo de fetichização da mercadoria como aponta Marx (2011, p. 206/207), há igualmente um processo de fetichização ao pensarmos o descarte das embalagens que constituem determinado produto. O que é alienado nessa situação é a responsabilidade das empresas pelos impactos que suas mercadorias produzem nos mais diferentes contextos. Vemos assim como grandes empresas se eximem da responsabilidade do seu impacto ambiental nas diversas paisagens onde suas mercadorias circulam, alienando-se dessas responsabilidades pelos processos de tradução (Tsing, 2015), que acabam maquiando tais consequências por via da reciclagem insatisfatórias que realizam diante da problemática que criam.

O processo de tradução citado acima, ocorre na cadeia de reciclagem aqui discutida e tomo a experiência que tive em meu trabalho de campo para pensá-lo. Tsing (2015)⁴⁴ em sua pesquisa sobre a cadeia produtiva do cogumelo matsutake aborda as diferentes relações entre humanos e não humanos que coletores de diferentes grupos étnicos, pelos mais diferentes lugares do mundo, estabelecem com o cogumelo. Este, por sua vez demanda biomas com a perturbação humana para proliferar; a pesquisa segue passando pela rede de comércio entre coletores e atravessadores, chegando a uma cadeia de comércio global, tendo o Japão como maior destino desta mercadoria. Tsing, para pensar as relações entre os diferentes

⁴⁴ Seraphim (2019), vem a dialogar em seu trabalho sobre os agricultores de fumo no Alto Vale do Itajaí, de forma muito elucidativa e proveitosa com o trabalho de Tsing (2015). Ele introduz de forma clara e pontual o trabalho da autora da seguinte forma: “Em *The Mushroom at the End of the World* (TSING, 2015) a autora realiza o que pode ser chamado de uma etnografia do capitalismo. Essa proposta é especialmente conduzida por meio do estudo de como as relações entre humanos e outros seres não-humanos – em voga na antropologia – ou mesmo de como as relações entre não-humanos são capturadas por uma infraestrutura capitalista que mercantiliza todo tipo de forma de vida por meio de um *modus operandi*, cuja eficácia se alimenta da diversidade de relações, permitindo, apenas para perpetuar o fluxo – engasgado – de mercadorias e capital, margens de manobra em que disposições e habilidades particulares e locais.” (SERAPHIM, 2019, p. 17)

regimes comerciais que envolvem as pessoas em uma cadeia produtiva, sugere o conceito de tradução:

Tradução, no sentido de Shiho Satsuka, é o desenho de um projeto de criação de um mundo-vindo-a-ser em outro. Embora o termo chame a atenção para a linguagem, ele também pode referir-se a outras formas de sintonia parcial. Traduções através de lugares de diferença são o capitalismo: eles possibilitam aos investidores acumular riqueza. (TSING, 2015, p. 69)^{45 46}

O que quero questionar com essa passagem em relação à questão etnográfica aqui discutida, é que o atravessador que compra os fardos das respectivas associações é quem traduz por meio dessa transação o material em mercadoria para o setor industrial da reciclagem. Tal tradução ocorre nos termos de o atravessador possuir um lugar hábil para se acumular fardos e assim fazer um carga expressiva em peso de certo material, questão que pelo que me foi pontuada em meu trabalho de campo por alguns associados, agrega valor à mercadoria⁴⁷ (apresento essa questão na página página. 75 no capítulo 2), bem como possuir os veículos para o transporte dos fardos para as indústrias de reciclagem.

É por meio da tradução entre esses lugares de diferença, as associações e o setor industrial, entre a margem e o centro, que o atravessador traduz por meio da supressão das relações técnicas e laborais, o trabalho destas pessoas, traduzindo a força de trabalho delas em um fardo de 'x' material que possui apenas seu valor de troca, não implicando-se assim com questões trabalhistas ou ambientais que permeiam o dia a dia das associações de reciclagem em que trabalhei, visando-se assim o lucro que não será repassado aos associados em uma venda maior com melhores preços. Isso nos leva a um outro importante conceito apresentado pela

⁴⁵ Translation, in Shiho Satsuka's sense, is the drawing of one world-making project into another. While the term draws attention to language, it can also refer to other forms of partial attunement. Translations across sites of difference are capitalism: they make it possible for investors to accumulate wealth. (TSING, 2015, p.69)

⁴⁶ Tradução livre do autor.

⁴⁷ Diferente de outros mercados onde a escassez de um produto vem a elevar seu valor, pelo que me foi dito nas associações, nos reciclados quanto maior for a carga de um 'x' material, maior será o preço pago por ele. Pude participar de algumas reuniões na Comcap onde discutia-se a articulação de uma rede entre as associações de reciclagem de Florianópolis, onde idealizou-se uma rede de venda unificada das associações para a venda do vidro. Tal questão continua em discussão.

autora para compreendermos algumas das nuances dessa rede de comércio e reversibilidade.

Tsing (2015) pensa o conceito de “salvage accumulation”, ou como sugere Seraphim (2019), “acumulação de resgate” da seguinte forma:

“Acumulação de resgate” é o processo pelo qual grandes empresas acumulam capital sem controlar sobre quais condições as mercadorias são produzidas. O resgate não é um ornamento nos processos ordinários do capitalismo; é sim a forma pela qual o capitalismo funciona. (TSING, 2015 p. 70)^{48 49}

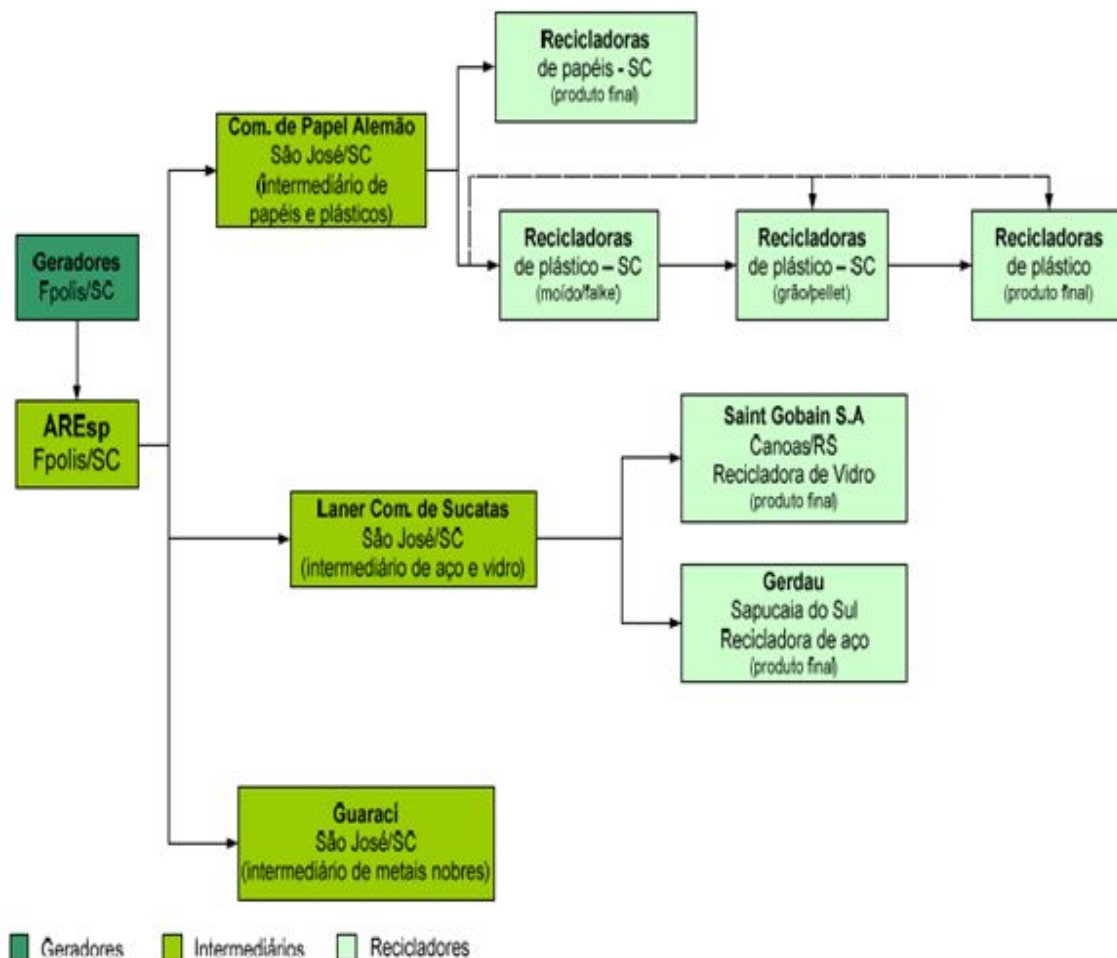
Com esse conceito a autora pretende abordar os processos existentes entre a periferia e os grandes centros de planejamento do capitalismo que compõem cadeia de produção, circulação e venda de certa mercadoria. Pensar o acúmulo de capital gerado pelos processos de tradução que existem nas redes de comércio de uma mercadoria e as precariedades que geram tais práticas de mercado no que tangencia os empregos informais das pessoas mais à margem dessas redes, é o que vem a dialogar com a presente pesquisa. Aqui, como já apresentado, vemos o papel de um atravessador na venda dos fardos de material para as indústrias de reciclagem. Em meu trabalho de campo acabei estando mais em contato com as relações que partiam dos galpões de reciclagem, logo assim, não poderei abordar no presente momento os desdobramentos que as mercadorias, os fardos, tinham ao chegar nas posses dos sucateiros e aparistas.

Porém podemos ter uma ideia de como essa cadeia produtiva reversa do pós-consumo se estrutura comercialmente a partir do trabalho de Aquino (2007) em sua pesquisa junto a ARESP. Mesmo sabendo que alguns compradores que constam no fluxograma do pesquisador já não possuem mais relações comerciais com a associação, friso que a estruturação comercial de tal rede se mantém. Abaixo o “Fluxograma da cadeia produtiva reversa envolvendo a AREsp”:

⁴⁸ “Salvage accumulation” is the process through which lead firms amass capital without controlling the conditions under which commodities are produced. Salvage is not an ornament on ordinary capitalist processes; it is a feature of how capitalism works. (TSING, 2015, p.70)

⁴⁹ Tradução livre do autor.

Figura VII - Fluxograma da cadeia produtiva reversa envolvendo a AREsp (AQUINO, 2007, p. 87)



Como podemos ver no fluxograma acima, há três atravessadores com os quais a ARESP tinha relações diretas. Guaraci, para quem se vendia os metais nobres se mantém ainda hoje o comprador destes, os papéis (papel branco, papelão, papelão 2 e misto) atualmente eram vendidos para Almeida Comércio de Papel⁵⁰, e os demais materiais eram vendidos para a Souza Comércio de Aparas Ltda. ME⁵¹. Feito essa pontuação acerca do fluxograma, podemos ver que as três categorias escolhidas pelo autor, “Geradores”, “Intermediários” e “Recicladores”

⁵⁰ Para maiores informações, site da empresa: <https://almeidaambiental.com.br/ambiental/> (último acesso: 04/04/2020)

⁵¹ Para maiores informações, site da empresa: <https://www.rotadareciclagem.com.br/> (último acesso: 04/04/2020)

demonstra um outro ponto de partida para se pensar tais questões. Ao botar as associações como intermediários no fluxograma que pensa a cadeia produtiva reversa em que a ARESP está envolvida, vemos que o autor entende a prática da reciclagem sendo apenas uma parte dessa cadeia produtiva, a ponta onde encontra-se o setor industrial, todas as práticas laborais, sejam elas a coleta, triagem e enfardamento do material, são excluídas do que é compreendido como reciclagem, guardada apenas para as indústrias a importante tarefa social e ambiental de reciclar.

Porém como sabemos, o fluxograma acima foi feito antes do marco legal da PNRS 12.305/2010, que foi modificando diversas diretrizes acerca do manejo dos resíduos sólidos no Brasil. No que toca o trabalho dos catadores de materiais recicláveis, a PNRS apresenta como um de seus princípios segundo o art. 6º, em seu inciso XII, a integração dos catadores de materiais recicláveis em ações que envolvam a responsabilidade compartilhada pelos ciclos de vida dos produtos. Em outros artigos da PNRS também podemos ver a preocupação desta lei com esse segmento de trabalhadores, reconhecendo o importante trabalho que estas pessoas desempenham com sua profissão⁵².

Este primeiro caso de tradução entre lugares de diferença que detalho acima, entre as Associações e os atravessadores, me foi o primeiro evento etnográfico a ser pensado pela respectiva chave de leitura. Porém o processo de tradução exposto com esse primeiro caso veio a elucidar outras relações estabelecidas em campo que assumiam as mesmas características. No que tangencia as relações estabelecidas entre a Comcap com as Associações conveniadas, está primeira, é a que doa o material da coleta seletiva para os galpões de reciclagem. Poderíamos pensar tal doações como um gesto de caridade feito pela Autarquia de Melhoramento da

⁵² A profissão de catador de materiais recicláveis foi regulamentada mediante a lei 6822/10, mais um dos importantes desdobramentos que ocorreram a partir da PNRS 12.304/10. Porém o estigma e o baixo reconhecimento perante a tal profissão continua a ocorrer. Para mais informações sobre a regulamentação:

<https://www.camara.leg.br/noticias/141503-trabalho-aprova-regulamentacao-de-catador-e-reciclador-d-e-papel/> (último acesso: 04/04/2020)

Capital, embora se esse o é em alguma medida, penso que há também um grande interesse da instituição em sua parceria juntos às associações.

As relações estabelecidas entre a Comcap e as associações de reciclagem de Florianópolis, SC, atendem os interesses de ambos os lados. As associações recebem o material que necessitam para seu trabalho sem o custo do transporte, e em contrapartida a Comcap acaba por terceirizar os trabalhos de triagem dos resíduos sólidos secos que necessita para desviar o máximo de materiais recicláveis possíveis do processo de aterragem. A reutilização e produção de novas embalagens não deixam de ser um interesse da Comcap, porém seu objetivo maior acaba sendo o desvio dos materiais do aterro sanitário.

Aqui o trabalho executado pelas Associações novamente passa por um processo de 'tradução'. Pensemos os caminhões que levam a coleta seletiva para as Associações e recolhem o rejeito oriundo dos processos de triagem destas. As cargas de rejeito são pesadas e controladas pela Comcap, bem como o material que é triado e comercializado pelas Associações. Com isso a Comcap pode controlar o que é desviado e o que é aterrado no que concerne a coleta seletiva, gerando assim estatísticas que são computadas tanto no abatimento da receita do município no que toca os gastos com saneamento urbano e principalmente aterragem, e para a publicidade da cidade (exaltação da condição de Florianópolis - SC ser a capital que mais recicla resíduos no Brasil, ou fomentando a meta de esta ser a primeira capital lixo zero do país).

Tais práticas feitas pela Comcap em conjunto às associações eximem a primeira dos encargos trabalhistas que deveriam ser estabelecidos para com esses trabalhadores. Nas associações pesquisadas, a ARESP possuía ajuda do poder público municipal, não tendo que pagar aluguel, luz e água do galpão em que trabalhavam. Já a Sul Recicla não possuía nenhum desses auxílios. Julgo que pelo importante trabalho feito por essas pessoas, e pelas condições já apresentadas dos preços dos materiais, ajudar as associações com suas necessidades básicas de funcionamento deveria ser uma iniciativa do poder público para com todas as

associações, como é feito com a ARESP e ACMR, as únicas duas associações que gozam dessa crucial ajuda em Florianópolis.

Como exposto no capítulo 3, a partir das falas de Dona Regina e a discussão feita sobre a ambientalização (Lopes, 2006) dos discursos e conflitos sociais, vemos que o trabalho dos associados é traduzido pela Comcap em estatísticas. Tais números são as conversões dos trabalhos executados por esses associados que sabem da sua importância não reconhecida, e que tentam pela estratégia da ambientalização do seus discursos e conflitos sociais, expor uma nova luz a um antigo problema, a precarização que enfrentam em sua profissão.

Dado essas questões, queria retomar a questão sobre o programa de logística reversa desenvolvido pela ANCAT junto às associações ARESP e Sul Recicla. Na ANCAT, com minha pesquisa, seja ao entabular conversas com o técnico Guilherme, seja pela via documental, surge a partir de um certo grupo de pessoas que tiveram a visão de perceber as mudanças que a PNRS trazia no que tangencia a logística reversa e os efeitos desta para o setor industrial. Logo, em sua gênese, a ANCAT, se coloca como um elo entre as duas pontas de uma cadeia de produção, consumo e descarte, que não se comunicavam até então e que dado as diretrizes e exigências da PNRS, o que se torna necessário para o setor industrial. Os dois extremos dessa rede são, como já dito, o setor industrial e as associações de reciclagem.

A ANCAT atua junto às associações de reciclagem trazendo consultorias jurídicas, administrativas e ambiental, e os recursos financeiros para uma melhor capacitação e condição de trabalho para os catadores, como também a aprimoração das linhas de produções das associações para uma melhor produtividade destas. Essas ações são financiadas pelo setor industrial e são responsáveis por investir parte de seus lucros na reciclagem e reaproveitamento das embalagens que produzem, em razão da PNRS e do princípio da logística reversa. Isso decorre de o setor industrial ter metas de reciclagem a bater para não serem multados e até em alguns casos ganharem benefícios por estarem cumprindo com a sua responsabilidade pública social ambiental.

Na pesquisa realizada, tanto na ARESP como na Sul Recicla, a ANCAT, personificada na figura do técnico Guilherme, estavam a trabalhar juntas. O projeto em que ambas associações estavam fazendo parte era chamado de 'Reciclar pelo Brasil', que já existia há 3 anos atuando em diferentes estados do Brasil, mas chegando ao estado de Santa Catarina apenas em 2019. O projeto tem como principais investidoras as empresas AMBEV e Coca-cola. Esse projeto consiste em que uma vez que uma associação de reciclagem começa a integrar tal programa, está receberia mensalmente a visita de um técnico da ANCAT, esse de início consegue trazer um investimento de R\$ 30 mil reais em melhorias para as associações.

Na ARESP, essa primeira quantia seria destinada a confecção dos uniformes da associação, compra de EPI's, pintura da Associação interna e externa, compra de um bebedouro, de um sistema de segurança, de uma vap (máquina lavadora de alta pressão) para a limpeza e uma caixa de ferramentas para o desmanche das *muambas* achadas na esteira. Já na Sul Recicla essa verba inicial seria destinada para a aprimoração física da associação, construindo-se um muro ao redor desta, uma vala para se depositar o rejeito de forma adequada, algumas melhorias dentro do galpão nos banheiros e cozinha, a confecção dos uniformes e compra de EPI's.

Além desse primeiro montante que era disponibilizado pela ANCAT para as associações, estas, podem vir a receber mais uma quantia por ano ao baterem uma meta de material reciclado. Em um ano uma associação que participe do respectivo projeto de logística reversa aqui apresentado, teria garantido o montante dos trinta mil reais, batendo a meta de 330 toneladas comercializadas de material, as associações recebem R\$ 95 a mais por cada tonelada triada. Vale lembrar que o dinheiro recebido pelas associações via ANCAT, sempre era feito por vias de melhoramentos nas associações, como a compra de equipamentos e afins, não chegando o dinheiro em espécie as mãos dos associados.

Em contrapartida, como fica implícito no parágrafo acima, as associações que participassem deste programa precisavam prestar contas dos montantes de material triado para a ANCAT, o que se torna mediador entre as empresas investidoras e as

associações de reciclagem. Isso decorria de haver metas de reciclagem a serem batidas pelas indústrias perante ao poder público, assim a ANCAT como mediadora e prestadora de serviços a essas empresas tinha que otimizar as produções via os investimentos que levava para as associações.

O que gostaria de discutir, é que na cadeia de reciclagem encarada de forma ampla, as práticas desenvolvidas pelos associados articuladas na presente dissertação produzem a matéria prima para as indústrias de reciclagem, os fardos de material triados, que acabam sendo vendidos por valores irrisórios diante da importante ação ambiental que tais práticas exercem. No processo de tradução entre os diferentes lugares que constituem esta rede de mercadorias, entre as associações e os atravessadores que as compram, as garantias trabalhistas que tais associados deveriam ter são alienadas do trabalho que desenvolvem. Mesmo essas associações produzindo o material que virá a ser a base da produção de outras mercadorias pelas indústrias, essas não possuem responsabilidade alguma para com as associações de reciclagem, mostrando a precarização do trabalho que é exercido pelas associações nesse processo de terceirização desse setor da rede de reciclagem aqui discutida.

Tal alienação dessas responsabilidades feita pelo setor industrial, ocorre por meio dos processos de tradução que visam acumulação de resgate tida como objetivo das redes de mercadoria, para assim se atingir os sagrados lucros do capitalismo. O projeto 'Reciclar pelo Brasil' desenvolvido pela ANCAT, vem de certa forma a responsabilizar o setor industrial pelo 'princípio da logística reversa' tendo início em 2010 com a criação da PNRS. Mesmo sabendo que tal iniciativa acarreta melhorias para as associações em sua estrutura física e em suas linhas de produção e capacitação dos seus trabalhadores, vemos que no que tangencia as responsabilidades trabalhistas perante estas, a informalidade e os benefícios da precarização desses trabalhadores continua a ser interessantes a quem compra tais materiais, ou se beneficia dos desdobramentos de tais práticas.

A AMBEV e Coca-Cola por exemplo nas associações ARESP e Sul Recicla, desempenham um importante trabalho para estas na cadeia de reciclagem ao

traiam as embalagens geradas pelas mercadorias que estas produzem. Aqui é importante marcar o enorme investimento que ambas multinacionais acabam por fazer no que toca suas embalagens nas esferas tanto do design de seus rótulos, como no marketing propagandístico de seus produtos. Arrisco-me a dizer que tais empresas gastam muito menos dinheiro na produção em si do produto, e aqui me refiro ao valor de uso destes, do que com a imagem e design que os setores de marketing concebem para suas mercadorias, logo assim como valor de troca. Ressaltando que para os setores de marketing dessas empresas a embalagem de suas mercadorias são partes integrais da concepção do produto manufaturado por elas. Tais questões acabam por se complexificar ao pensarmos o programa 'Reciclar pelo Brasil' aqui discutido.

A PNRS tem como um de seus objetivos comprometer as empresas com os resíduos sólidos produzidos pela comercialização de seus produtos, com os impactos causados no meio ambiente por suas embalagens. A outra face dessa moeda é que por esses mesmos caminhos um maior valor pode ser agregado ao produto por tal comprometimento ambiental. Se boa parte do capitalismo é um investimento nas imagens dos produtos, no valor simbólico que esses fetichizam, atender demandas que têm apelo público como as questões ambientais, e mais específico com o nicho da reciclagem aqui discutido, tornam-se boas ferramentas para manter-se uma aparência politicamente correta frente à sociedade de seus produtos, garantindo assim não só a circulação das mercadorias com uma boa imagem e preço diante da opinião pública, mas também ocultando a contradição da discrepância de investimentos financeiros na imagem de um produto, no design, propaganda e distribuição em relação aos esforços de reciclagem destas embalagens. Tais questões acabam por ser noticiadas por diferentes jornais⁵³, onde os impactos das embalagens plásticas é desvelado junto a falta de medidas eficazes

⁵³ Para uma matéria que relata o histórico da Coca-cola em se escusar dos custos da reciclagem com materiais plásticos [:https://theintercept.com/2019/10/22/audio-vazado-revela-como-a-coca-cola-busca-enfraquecer-os-esforcos-para-a-reciclagem-de-plastico/](https://theintercept.com/2019/10/22/audio-vazado-revela-como-a-coca-cola-busca-enfraquecer-os-esforcos-para-a-reciclagem-de-plastico/) (último acesso: 04/04/2020); para um balanço das questões acerca da emissão e reciclagem dos plásticos entre algumas grandes empresas do setor de bebidas: <https://www.theguardian.com/environment/2020/mar/31/report-reveals-massive-plastic-pollution-footprint-of-drinks-firms> (último acesso: 04/04/2020)

tomadas pelas grandes empresas, e a falta de engajamentos destas na redução e reciclagem de suas embalagens.

Ao subsidiar um projeto de logística reversa por via da ANCAT, as multinacionais citadas acima, conseguem de forma indireta atender as demandas de reciclagem feitas pelo Estado, cumprindo assim com a responsabilidade que possuem pelos resíduos gerados com suas mercadorias. Aqui vemos o processo de ‘tradução’ como pensa Tsing, acontecer novamente, mas desta vez não realizado pelos intermediários que compram e vendem os fardos das associações, mas sim pela ANCAT, que traduz o trabalho realizado pelas associações, em números, estatísticas, que serão utilizados para se cumprir as metas de reciclagem com que estas multinacionais estão comprometidas.

Tsing ao discutir os processos de tradução nas redes de mercadorias aponta para os “ritmos de resgate”⁵⁴ ao discutir a reciclagem de computadores e celulares

⁵⁴ Before they arrive in the hands of consumers, most commodities journey in and out of capitalist formations. Think about your cell phone. Deep in its circuitry, you find coltan dug by African miners, some of them children, who scramble into dark holes without thought of wages or benefits. No companies send them; they are doing this dangerous work because of civil war, displacement, and loss of other livelihoods, owing to environmental degradation. Their work is hardly what experts imagine as capitalist labor; yet their products enter your phone, a capitalist commodity. Salvage accumulation, with its apparatus of translation, converts the ores they dig into assets legible to capitalist business. And what of my computer? After its short useful life (as I surely must replace it with a newer model), perhaps I will donate it to a charitable organization. What happens to such computers? It seems they are burned for potential components, and children indeed, following salvage rhythms, get to pick them apart for copper and other metals. Commodities often finish their lives in salvage operations for the making of other commodities, to be recouped again for capitalism through salvage accumulation. If we want our theories of the “economic system” to have anything to do with livelihood practices, we had better take note of such salvage rhythms. (TSING, 2015, p.134)

“Antes de chegarem às mãos dos consumidores, a maioria das mercadorias viajam em uma jornada dentro e fora das formações capitalistas. Pense em seu celular. No fundo de seus circuitos, você encontra coltan escavado por mineiros africanos, alguns deles crianças, que lutam em buracos escuros sem pensar em salários ou benefícios. Nenhuma empresa os enviou; eles estão fazendo esse perigoso trabalho por causa da guerra civil, do deslocamento e perda de outros meios de subsistência devido a degradação ambiental. O trabalho deles é dificilmente o que especialistas imaginam como um trabalho capitalista; mesmo assim suas produções entram em seu celular, uma mercadoria capitalista. A acumulação de resgate, com seus aparatos de tradução, converte os minérios escavados em ativos legíveis para os negócios capitalistas. E o meu computador? Após sua curta vida útil (já que certamente eu devo substituí-lo por um modelo mais novo), talvez eu venha a doar-lo para uma organização de caridade. O que acontece com tais computadores? Parece que eles são queimados em razão de alguns componentes em potencial, e de fato crianças, seguem esses ritmos de resgate, separam o cobre e outros metais. Mercadorias costumam acabar suas vidas em operações de resgate para se criar novas mercadorias. para serem recuperadas novamente para uma acumulação de resgate capitalista. Se nós queremos que nossas teorias sobre o “sistema econômico” tenham algo a ver com as práticas de subsistências dessas pessoas, devemos prestar mais atenção a esses ritmos de resgate.” (Tradução livre do autor)

onde alguns materiais acabam por ser reaproveitados e reutilizados novamente como mercadorias. Na situação aqui explorada, tanto a AMBEV como a Coca-Cola, são beneficiadas por esses “ritmos de resgate” que ocorrem no processo de tradução entre as associações de reciclagem, seja pela reciclagem em si das embalagens ou pelas estatísticas oriundas desses processos. A “acumulação de resgate” é alimentada gerando assim os lucros almejados em tais processos. A positivação do princípio da ‘logística reversa’ com a lei 12.305/2010, mostra uma interessante alternativa para o comprometimento das grandes corporações e indústrias com os resíduos que essas produzem e conseqüentemente com as associações de reciclagem que desempenham indiretamente um importante trabalho para elas.

Tal iniciativa do setor privado junto à ANCAT e as associações demonstra por via de seus investimentos a importância da reciclagem perante as questões ambientais demandadas política e socialmente nos dias de hoje. O que tento fazer com a reflexão acima pensando os processos de tradução feitos na rede de comércio dos materiais entre as associações, aparistas e sucateiros e conseqüentemente as indústrias recicladoras; como na rede de logística reversa dos materiais, entre as associações e a ANCAT, e os interesses das empresas que financiam o trabalho desta, é evidenciar a alienação da responsabilidade ambiental e trabalhista paga no preço das mercadorias produzidas pelas associações e nos desdobramentos que são tirados disto, onde por meio da fetichização das mercadorias feitas através dos processos de compra e venda, e da tradução entre esses lugares de diferença nessa rede mercadológica, acabam por fetichizar os fardos de material, levando em conta apenas o valor de troca atribuído a esses, que são um valor muito baixo como relatado nos capítulos anteriores, deixando tais trabalhadores em uma situação de precarização.

4.2 A precarização do trabalho na pandemia do Covid-19

Podemos ver a precarização na qual esses trabalhadores estão envolvidos nos dias em que esse texto está a ser escrito. Hoje é dia 02 de abril de 2020, e a cidade de Florianópolis, SC - Brasil, está de quarentena em razão do vírus Covid-19 desde o dia 18 de março. Seu término está planejado para o dia 08 de abril, se a situação estiver sob controle. Provando-se o contrário, os tempos de isolamento social podem ser dilatados. Pode parecer descabido e arbitrário eu trazer essa questão sobre uma pesquisa que tem como sua base um trabalho de campo feito em 2019, mas muito pelo contrário, foi nesse momento de crise social em que a precarização do trabalho informal realizados pelas pessoas que fazem parte das Associações que pesquisei, ficou mais evidente.

Como elucidado nos capítulos anteriores, ambas as Associações, ARESP e Sul Recicla, acabavam por receber majoritariamente o material com que trabalhavam da coleta seletiva feita pela Comcap. Na primeira semana do período de quarentena a coleta seletiva foi suspensa⁵⁵ e os galpões de reciclagem foram aconselhados a fechar as portas até o término desse período epidêmico. Tal iniciativa foi tomada para a contenção e não disseminação do vírus entre os associados, iniciativa correta, mas que causa sérias implicações nas vidas dessas pessoas. Os catadores que trabalham nas Associações que abordo na pesquisa, dependem de seu trabalho diário para conseguir o dinheiro necessário para sobreviverem em seu dia a dia. A quarentena e conseqüentemente a parada da Comcap com a coleta seletiva, causa um abalo na pragmática de vida dessas pessoas. Sem querer entrar nas nuances dos diferentes casos, o que gostaria de explicitar é que as pessoas que compõem as Associações de reciclagem, estão a sobreviver mediante a doações de cestas básicas que são entregues por membros do MNCR do estado de Santa Catarina, aos catadores de recicláveis.

⁵⁵ Sobre a suspensão da coleta seletiva de materiais na cidade de Florianópolis, SC: <https://ndmais.com.br/noticias/comcap-suspende-coleta-seletiva-de-materiais-reciclaveis/> (último acesso: 04/04/2020)

No suporte dos catadores acompanhei via internet, grupos de *whatsapp* e afins, vejo tanto a ajuda de alguns membros da Comcap, da ANCAT, e de membros da sociedade civil na articulação para atender as demandas dos associados nesse período pandêmico. Mesmo com essa ajuda, as pessoas que dependem do seu trabalho nas associações de reciclagem para arcar com suas despesas se encontram em um período de grandes dificuldades. Para se mitigar tais problemáticas financeiras que se apresentam nos tempos de pandemia, o governo brasileiro, após discussão veio a aprovar no Senado Federal no dia 30 de março, sancionado pelo presidente da república após ser pressionado, o auxílio emergencial de R\$ 600,00 para trabalhadores informais e de baixa renda, como é o caso dos catadores de materiais recicláveis. Vale marcar que o auxílio emergencial mesmo sendo uma fonte crucial de ajuda para esse segmento de trabalhadores não deixa de ser muito pouco. Para os catadores e triadores de materiais recicláveis apresentados na pesquisa, o valor de R\$ 600,00 é menor do que a já baixa média salarial que esses trabalhadores recebem por mês, que está entre os R\$ 850,00 à 1000,00 mensais como me foi confidenciado por meus interlocutores em ambas as Associações.

Tal auxílio emergencial que poderá durar por três meses podendo ser prorrogado, foi deliberado pelo governo brasileiro em razão das consequências econômicas e sociais decorrentes das medidas de isolamento social, e outras iniciativas tomadas para o controle da propagação do vírus Covid-19. As consequências que virão junto e após os atuais tempos pandêmicos, estão ainda sendo sentidas e projetadas. Os mais diferentes economistas vislumbram e apontam que o que estamos vivendo hoje, vai afetar de forma estrondosa a economia mundial. Mas tão pouco é meu intuito falar de tal assunto, dado que não me julgo apto para falar por falta de conhecimento de causa. O que gostaria de marcar, é que o auxílio emergencial para os trabalhadores informais de baixa renda, evidencia o regime de precariedade ao qual o trabalho realizado pelos catadores enfrenta.

Vale lembrar que em grande medida o auxílio emergencial concedido a essas pessoas tem como objetivo a manutenção do consumo das necessidades básicas

que estas possuem. Com isso a economia que tanto se discute nos tempos da Covid-19, continua a ser alimentada. Se é correto afirmar que os empregos das pessoas dependem da situação econômica vigente no país, podemos pensar que o contrário também é verdadeiro, a economia depende das pessoas empregadas que consomem, e assim dinamizam e animam a economia. A medida governamental demonstra um investimento das e nas estruturas Estatais que por meio do consumo da sua sociedade civil faz o Estado existir.

Em casos extraordinários como a pandemia do vírus Covid-19, as relações de precarização se escancaram. A ausência dos direitos e das garantias trabalhistas em que esses empregos existem acarretam as medidas emergenciais aqui discutidas. A acumulação de resgate abordada acima, decorrente da terceirização e precarização de alguns trabalhos pelos grandes centros de planejamento do capitalismo, não enxerga as condições das margens que atendem de alguma forma suas demandas.

Outra questão que deve ser levantada ao pensarmos as condições de trabalhos dessas pessoas, durante o período da Covid-19, deve ser como esse vírus pode vir a afetar as práticas de reciclagem tidas nas associações. Sabemos que o vírus da Covid-19 sobrevive por horas e até dias em diferentes superfícies de materiais com os quais esses trabalhadores estabelecem contato direto. Em materiais como o papelão o vírus pode sobreviver por até um dia, em plásticos de dois a três dias, no cobre por quatro horas e no aço de dois a três dias. Pensando na condição precarizada dessas pessoas, que necessitam trabalhar para produzirem os fardos que serão comercializados para ganharem seu dinheiro quinzenalmente, vemos que os usos dos EPI's nunca foram tão importantes. Porém na atual situação, noticiários apontam para a falta de tais equipamentos no mercado, em alguns casos até para os profissionais da área da saúde, podendo se imaginar como será problemática a situação em que os catadores de recicláveis poderão se encontrar diante de tal questão.

Os materiais recicláveis que antes se encontravam nas redes de reciclagem e consequentemente de logística reversa, eram controlados nestes espaços dentro

das redes de comércio e reversibilidade que compunham; tornam-se agora perigosos veículos para a contaminação. Se pode pensar o caráter feral de tais materiais nessas redes que acabam por fugir do controle imposto e projetado por estas. As reações não projetadas desses não humanos que emergem a partir do contexto pandêmico aqui abordado, colocam em xeque a infraestrutura da reciclagem. No contexto aqui apresentado, as mudanças que serão acarretadas durante esses tempos ainda se mostram nebulosas. Seria necessário deixar os materiais de “quarentena” por alguns dias? Lavá-los assim que chegam no galpão? E o que fazer com as inúmeras máscaras e luvas descartadas nesse período? Os materiais recicláveis que antes se mostravam e eram visto como dóceis, acabam por se desvelar em tempos pandêmicos como objetos perigosos.

Com isso, sejam as indústrias de reciclagem ou as multinacionais que necessitam bater suas metas de compensação ambiental, elas poucas sabem o que se passa com os seus subempregados que trabalham na outra ponta da cadeia. Nessa cadeia mercadológica, tento de forma breve abordar e problematizar que muito mais que apenas materiais precisam ser reciclados nela.

Conclusão

A presente pesquisa objetivou estudar as técnicas laborais praticadas entre os trabalhadores que compunham duas associações de reciclagem de resíduos sólidos secos na capital de Florianópolis, SC - Brasil. Por vias de uma pesquisa etnográfica feita durante os meses de setembro, outubro e novembro do ano de 2019, junto às Associações ARESP - Associação de Recicladores Esperança e Sul Recicla, chegou-se às discussões apresentadas nas páginas que antecedem essas considerações finais.

A partir de minha experiência de campo, descrevo as diferentes técnicas existentes entre as duas Associações. Conforme falado acima, vemos que os objetos técnicos utilizados durante as práticas de triagem nos diferentes lugares, condicionam alguns aspectos da organização dessas Associações. No capítulo 2 escrevo sobre a experiência na ARESP, em razão do uso da esteira de triagem durante a separação do material, podemos pensar que tal equipamento pode condicionar diretamente a maneira de como a partilha dos ganhos financeiros obtidos na Associação são feitos. Por utilizar-se uma esteira para a separação dos materiais, e pelas configurações práticas que essa impõe, como a coleta de dois a quatro tipo de materiais por cada associado que trabalha na esteira, se observa que uma partilha individual de ganhos não seria possível. Como acontece na ARESP, a partilha feita entre os associados era igualitária, o dinheiro recebido com a venda dos fardos de materiais era dividido igualmente, claro levando-se em conta as faltas semanais de cada associado. Isso decorreria da impossibilidade de mensuração de uma produção individual imposta pelo uso da esteira.

Diferente era o caso da Sul Recicla. Como pontuado no capítulo 3, essa Associação estava em uma fase de sua trajetória de consolidação e ajustes do seu modo de funcionamento. No final de meu trabalho na Sul Recicla, marco que o modo de partilhar os ganhos financeiros obtidos na Associação era o da produção individual. Essa possibilidade de partilha decorria do uso de mesas no processo de separação dos materiais. Apresento no capítulo 3, que os associados ao

trabalharem nas mesas de triagem, coletavam todos os tipos de materiais passíveis de venda, não apenas alguns tipos de materiais como era o caso da ARESP. Esse material que era separado pelos associados em cada mesa de triagem era pesado ao fim do dia, possibilitando-se saber o quanto se havia produzido e quanto receberam em cada dia.

Os objetos técnicos utilizados nas diferentes Associações acabam por condicionar os modos de partilha existentes em cada lugar. Se as mesas de triagem utilizadas na Sul Recicla possibilitam o modo de partilha individual, no caso da ARESP o modo de partilha total era imposto pelo uso da esteira de triagem por motivos já elucidados. Portanto se conclui que diferentes técnicas condicionam diferentes modos de associar-se.

Gostaria de pontuar que a maior associação de reciclagem de Florianópolis em número de associados e produção de fardos de material, a ACMR, diferente do que imaginava, utiliza mesas no seu processo de triagem. Pensava no início de meu trabalho de campo que as esteiras de triagem de material seriam mais eficazes, algo como uma evolução técnica das mesas de triagem. Como na Sul Recicla, a ACMR, possui um modo de produção individual utilizando-se de mesas para a separação do material. Ao pensarmos esses objetos técnicos em relação às organizações de trabalho das associações de reciclagem vemos que o que pode configurar tais organizações inclui outros elementos como parte da eficácia técnica, como a maneira dos trabalhadores se associarem e dividirem seus ganhos..

No que tangencia a questão das práticas de prensagem do material, constato que em linhas gerais as técnicas empregadas pelos preneiros em ambas as associações se assemelhavam, divergindo apenas no modo de como esses associados eram pagos pelo trabalho executado, questão essa condicionada pelas diferenças técnicas estabelecidas pelas práticas e objetos técnicos ocorridos na fase de separação do material.

Dado essas diferenças e semelhanças entre as associações de reciclagem que apresentei ao decorrer da pesquisa, foco no processo de desfeticização e objetificação do lixo que é feito pelas práticas empregadas nos galpões

transformando-o em material passível de venda e rejeito que acaba sendo destinado ao aterro sanitário. Essas mudanças de regime social, por vias das práticas exercidas pelos associados de ambos galpões de reciclagem, são apresentadas e discutidas, visando elucidar pelas vias etnográficas como é feita essa conversão através da força de trabalho desses associados.

Partindo dessa experiência de campo, no capítulo 4, apresento o desdobramento em alguma medida das mercadorias produzidas por essas associações - os fardos de material - nas redes de comércio e reversibilidade na qual são inseridas. Trago uma análise das reflexões feitas por Tsing (2015 e 2019) sobre o Antropoceno e os fragmentos de paisagem que o compõem. Esses fragmentos de paisagem evidenciam as consequências da ação humana e as respostas não humanas que emergem em tais infraestruturas capitalistas. Defendo o caráter feral que os resíduos sólidos tomam com as consequências não projetadas que estes não humanos geram, afetando biomas marinhos e terrestres nos fragmentos de paisagem antropogênicos. Apresento nessa esteira os processos de tradução que ocorrem entre lugares de diferença que caracterizam o capitalismo e a acumulação de riquezas provenientes de tal sistema. Os processos de tradução feitos entre as associações e os sucateiros e aparistas, ou seja, os atravessadores que virão a vender os fardos para as empresas de reciclagem; entre as associações e os serviços sanitários e de limpeza urbana municipal personificados pela Comcap; e entre as associações e a ANCAT, dentro do projeto 'Reciclar pelo Brasil', iniciativa essa que tem como foco fomentar a política pública de logística reversa positivada pela PNRS 12.305/2010, tendo como principais investidores as multinacionais Ambev e Coca-Cola. Pela análise feita de tais processos de tradução, questiono as precariedades das condições de trabalho nas quais esses associados exercem suas práticas laborais, onde pouca ou nenhuma implicação com direitos trabalhistas ou reconhecimento da importante função ambiental é tida, gerando lucros a alguns em detrimento da precarização das condições de trabalho dessas pessoas nas associações.

Como paradigmática a situação enfrentada pelos associados diante da pandemia de Covid-19 durante o ano de 2020. No dia 19 de março a coleta seletiva no município de Florianópolis foi suspensa em razão das implicações advindas da pandemia, e que se perpetua ainda nos finais de abril sem ter data para acabar. Em razão das Associações de reciclagem terem convênios com a Comcap e receberem em grande medida o material coletado pela mesma, estas, se encontram fechadas deixando seus associados em uma situação delicada e difícil.

O Estado brasileiro como medida diante da pandemia, disponibilizou o auxílio emergencial para trabalhadores autônomos e desempregados no valor de R\$ 600,00 durante o período de três meses. Tomo como elucidativo tal iniciativa Estatal no caso ao qual a presente pesquisa aborda, em razão de essa ação explicitar o regime de precariedade na qual os associados desenvolvem seu trabalho. Dado a impossibilidade das associações abrirem suas portas e exercerem seu trabalho, e não possuírem garantias trabalhistas alguma mesmo prestando serviços para diferentes setores da sociedade, observamos que o único amparo para essas pessoas nesses tempos é o auxílio emergencial e iniciativas de caridade difusas.

Conclui-se, ao pensarmos as questões apresentadas nessa pesquisa, que a noção de risco sanitário sendo essa as “propriedade que tem uma atividade, serviço ou substância, de produzir efeitos nocivos ou prejudiciais à saúde humana”⁵⁶, deu origem a PNRS e seus desdobramentos os quais apresento no trabalho de campo feito nas duas Associações de reciclagem na cidade de Florianópolis. Tal noção acaba por necessitar ser revisada, pensado nas consequências ferias mais-que-humanas e as implicações que essas atividades podem vir a trazer, bem como, revisar a distribuição de riscos que ocorre na rede de comércio e reversibilidade. Intenciono com esse trabalho expor um pouco dessa rede partindo das associações, trazendo as relações que essas estabelecem mediante seu trabalho com diferentes esferas da sociedade. Ao pensarmos a distribuição dos riscos tida nessa rede, vemos que mesmo as associações sendo a parte mais

⁵⁶

Definição

encontrada

em:

http://portal.anvisa.gov.br/documents/33856/3428144/Unidade_03+-+Risco+Sanit%C3%A1rio/bf0e74f8-2a9b-4974-84d5-5cc80bd27ef9?version=1.0 (último acesso: 04/04/2020)

precarizada e frágil, mesmo exercendo um papel fundamental nessa rede econômica ao estabelecer suas parcerias com os diferentes setores da sociedade com que se relaciona, são as partes da rede que são expostas aos maiores riscos.

Contudo as redes de comércio e reversibilidade necessitam de uma pesquisa mais consistente, sendo que o trabalho aqui desenvolvido levanta a necessidade de uma maior investigação destas questões, apresentando de forma parcial algumas situações que merecem ser melhores exploradas.

Referências

ABREU, Marcos José de. GESTÃO COMUNITÁRIA DE RESÍDUOS ORGÂNICOS: o caso do Projeto Revolução dos Baldinhos (PRB), Capital Social e Agricultura Urbana. 2013. 184 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós Graduação em Agroecossistemas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/107404>. Acesso em: 04 abr. 2020.

AQUINO, Israel Fernandes de. Proposição de Rede de Associações de Catadores na Região da Grande Florianópolis: Alternativa de Agregação de Valor aos Materiais Recicláveis. Dissertação (Mestrado em Engenharia Ambiental) – Programa de Pós-graduação em Engenharia Ambiental. Florianópolis: UFSC, 2007;

BRASIL. Lei nº 12.305, de 2 de janeiro de 2010. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos: altera a Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências. Brasília, DF, 2010. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/ Lei/ L12305.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12305.htm)>.

BODART, Cristiano das Neve. O conceito marxiano de Fetichismo da Mercadoria. Blog Café com Sociologia. 2016. Disponível em:<<https://www.cafecomsociologia.com/para-entender-de-uma-vez-por-todas-o-conceito-de-fetichismo-da-mercadoria-em-marx/>>. Acesso em: 02/03/2020.

CARENZO, Sebastián. Desfetichizar para producir valor, refetichizar para producir el colectivo: cultura material en una cooperativa de "cartoneros" del gran Buenos Aires. Horiz. antropol., Porto Alegre , v. 17, n. 36, p. 15-42, Dec. 2011 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832011000200002&lng=en&nrm=iso>. access on 11 May 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832011000200002>.

CARENZU, Sebastián. Lo que (no) cuentan las máquinas: la experiencia sociotécnica como herramienta económica (y política) en una cooperativa de "cartoneros" del gran buenos aires. Antipod. Rev. Antropol. Arqueol., Bogotá , n. 18, p. 109-135, Jan. 2014 . Available from <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1900-54072014000100006&lng=en&nrm=iso>. access on 11 May 2020.

COUPAYE, Ludovic. Cadeia operatória, transectos e teorias: algumas reflexões e sugestões sobre o percurso de um método clássico. Tradução de Eduardo Di Deus. Deturche. Técnica e Transformação - perspectivas antropológicas. Organizador: Carlos Emanuel Sautchuk. 2018.

COUTO, Gabriela Albanas. Aprendizagem social e formação humana no trabalho cooperativo de catadores(as) em São Paulo. 2012. 183 f. Dissertação (Mestrado) -

Curso de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2012.

GIBSON, J.J. 1979. The ecological approach to visual perception. Boston: Houghton Mifflin.

INGOLD, Tim. Repensando o Animado, Reanimando o Pensamento. Espaço Ameríndio, v. 7, n. 2, p. 10-25, 2013.

INGOLD, T. Da transmissão de representações à educação da atenção [Trad José Fonseca]. Educação. Porto Alegre, v. 33, n. 1, p.6-25, jan.-abr. 2010.

INGOLD, Tim. Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2015. and New York: Routledge, 2011.

MACEDO, Gustavo Rodamilans et al . Ingestão de resíduos antropogênicos por tartarugas marinhas no litoral norte do estado da Bahia, Brasil. Cienc. Rural, Santa Maria , v. 41, n. 11, p. 1938-1941, Nov. 2011 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84782011001100015&lng=en&nrm=iso>. access on 16 Apr. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0103-84782011001100015>.

Marx, Karl. 2011 [1867]. "A mercadoria". In: MARX, Karl. O Capital: Crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, pp. 157-218.

MAUSS, Marcel. "As Técnicas Corporais". In: Marcel Mauss, Sociologia e Antropologia, vol. 2. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

MONTEIRO, Marko Synésio Alves. Reconsiderando a etnografia da ciência e da tecnologia: tecnociência na prática. Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo , v. 27, n. 79, p. 139-151, June 2012 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092012000200009&lng=en&nrm=iso>. access on 10 Jan. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092012000200009>.

MORBIDINI, Martina. "Catador cidadão; Trabalho digno" 'Estratégias de superação do estigma adotadas pelos catadores de material reciclável em Belo Horizonte, Brasil. In: RIAL, Carmem. O Poder do Lixo: abordagens antropológicas dos resíduos sólidos. abordagens antropológicas dos resíduos sólidos. Rio de Janeiro: Aba, 2016. p. 65-97.

LATOUR, Bruno. 1994 [1991]. Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Editora 34.

LATOUR, Bruno et al. Faturas/Fraturas: da noção de rede à noção de vínculo. Ilha Revista de Antropologia, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 123-146, dez. 2015. ISSN

2175-8034. Disponível em:
<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2015v17n2p123>>.
Acesso em: 11 maio 2020. doi:<https://doi.org/10.5007/2175-8034.2015v17n2p123>.

LEMONNIER, Pierre. Cadeias Operatórias Míticas. Amazon., Rev Antropol, São Paulo, v. 1, n. 5, p.176-195, jun. 2013.

LOPES, L. Sobre processos de 'ambientalização' dos conflitos e sobre os dilemas da participação. Horizontes Antropológicos, v. 12, n. 25, p. 31-64, 2006.

SANTANA NETO, Sergio Pinheiro de; SILVA, Iracema Reimão; BITTENCOURT, Abílio Carlos da Silva Pinto. DISTRIBUIÇÃO DO LIXO MARINHO E SUA INTERAÇÃO COM A DINÂMICA DE ONDAS E DERIVA LITORÂNEA NO LITORAL NORTE DO ESTADO DA BAHIA, BRASIL. **Geociências**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 231-246, 2016.
<https://www.revistageociencias.com.br/geociencias-arquivos/35/volume35_2_files/35-2-artigo-06.pdf>

SEVERI, Fabiana Cristina. Os catadores de materiais recicláveis e reutilizáveis na Política Nacional de Resíduos Sólidos / The waste pickers at the National Solid Waste Policy. Revista Direito e Práxis, Rio de Janeiro, v. 5, n. 8, p. 152-171, 15 jul. 2014. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. <http://dx.doi.org/10.12957/dep.2014.9437>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/download/9437/9249>. Acesso em: 04 abr. 2020.

SCHNEIDER, Kamila Guimarães; ALMEIDA, Carolina Soares de. Do lixo ao prato: um estudo sobre a reutilização da resíduos orgânicos a partir da concepção de diferentes classes sociais. In: RIAL, Carmem. O Poder do Lixo: abordagens antropológicas dos resíduos sólidos. abordagens antropológicas dos resíduos sólidos. Rio de Janeiro: Aba, 2016. p. 201-231.

SERAPHIM, Yves Marcel. Lutar com o fumo: uma etnografia da roça na fumicultura do alto vale do itajaí, sc. 2019. 184 f. TCC (Graduação) - Curso de Antropologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

SILVA, Simone Lira da. PRÁTICAS DE CONSUMO ENTRE TRABALHADORES COM O LIXO:: empoderamento e reprodução das distinções sociais. 2015. 213 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

TAUSSIG, Michael. O diabo e o fetichismo da mercadoria na América do Sul. (386 páginas). Tradução: Priscila Santos da Costa. 1º Ed. São Paulo. Editora Unesp, 2010.

TSING, A. L. The mushroom at the end of the world: on the possibility of life in the capitalist ruin. Princeton University Press, 2015.

TSING, A. L. Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019a.

TSING, Anna Lowenhaupt; MATHEWS, Andrew S.; BUBANDT, Nils. Patchy Anthropocene: landscape structure, multispecies history, and the retooling of anthropology. : Landscape Structure, Multispecies History, and the Retooling of Anthropology. Current Anthropology, [s.l.], v. 60, n. 20, p. 186-197, ago. 2019. University of Chicago Press. <http://dx.doi.org/10.1086/703391>.

REED, E. 1994. The affordances of the animate environment: social science from the ecological point of view. In: Ingold, T. (org.). What is an animal? Londres; Unwin Hyman: 110-26.

SAUTCHUCK, Carlos Emanuel. O arpão e o anzol: técnica e pessoa no estuário do 45 Amazonas (Vila Sucuriju, Amapá). 2007. 402 f. Tese (Doutorado em Antropologia)- Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

VELHO, Otávio ; De Bateson a Ingold: Passos na Constituição de um Paradigma Ecológico. Mana (Rio de Janeiro), Museu Nacional-Rio de Janeiro, v. 7, n.2, p. 133-140, 2001.

